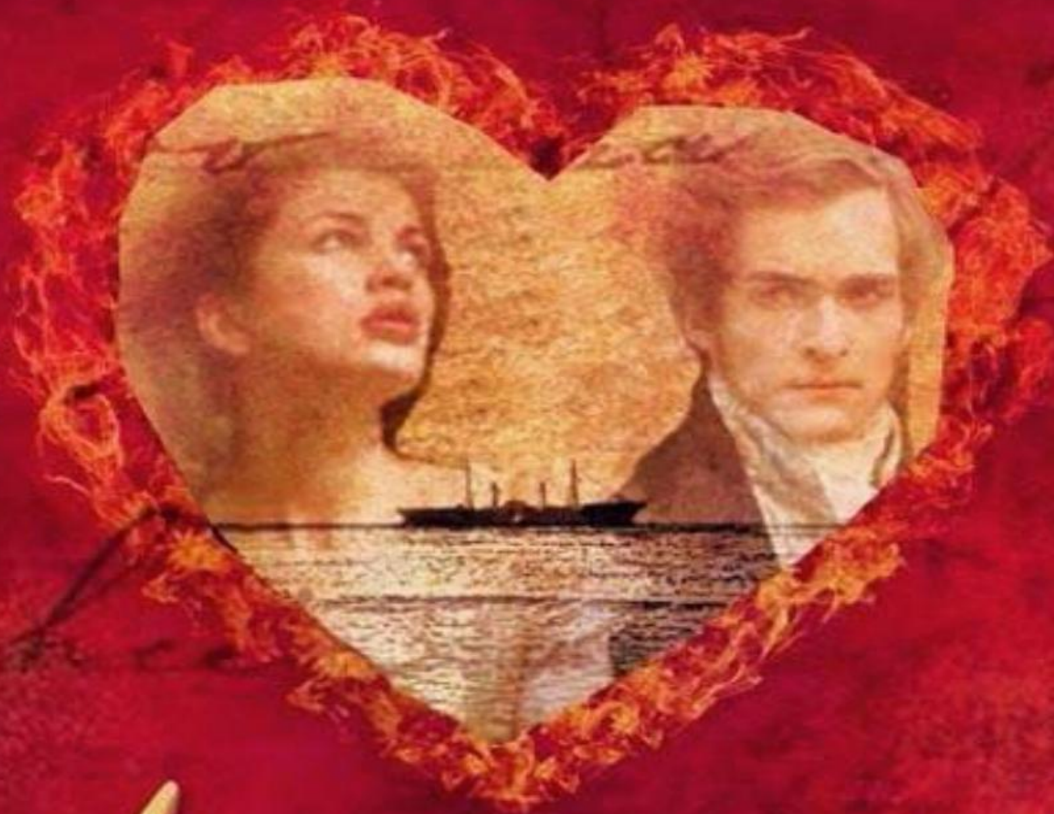
CAMILO CASTELO BRANCO



Amor de Perdição

AMOR DE PERDIÇÃO

CAMILO CASTELO BRANCO

A presente obra respeita as regras

do Novo Acordo Ortográfico

INTRODUÇÃO

Folheando os livros de antigos registros no cartório das cadeias da Relação do Porto, li, no das entradas dos presos de 1803 a 1805, pág. 232, o seguinte:

Simão António Botelho, que assim disse chamar-se, solteiro e estudante na Universidade de Coimbra, natural da cidade de Lisboa, e residente na ocasião da sua prisão na cidade de Viseu, idade de dezoito anos, filho de Domingos José Correia Botelho e de D. Rita Preciosa Caldeirão Castelo Branco; estatura ordinária, cara redonda, olhos castanhos, cabelo e barba preta, vestido com jaqueta azul, colete de fustão pintado e calça de pano pedrês.

À margem esquerda deste assento está escrito:

Foi para a Índia a 17 de Março de 1807.

Não fiaria demasiado na sensibilidade do leitor por achar que o degredo de um rapaz de dezoito anos lhe há de fazer dó.

Dezoito anos! O amanhecer dourado e escarlate da manhã da vida! As gentilezas do coração que ainda não sonha em frutos mas já se perde em devaneios no perfume das flores! Dezoito anos! O amor daquela idade! A passagem do seio da família, dos braços da mãe, dos beijos das irmãs, para as carícias mais doces da virgem, que se lhe abre de igual modo como flor da mesma estação e dos mesmos aromas, e à mesma hora da vida! Dezoito anos!.. E degredado da pátria, do amor e da família! Nunca mais ver o céu de Portugal, nem a mãe, nem a reabilitação, nem a dignidade, nem um amigo!.. É triste!

O leitor decerto se entristecia; e a leitora, se lhe dissessem em menos de uma linha a história daqueles dezoito anos, choraria!

Amou, perdeu-se e morreu amando.

É a história. E uma história assim conseguirá por ventura ouvi-la de olhos enxutos a mulher, a criatura mais bem formada das branduras da piedade que por vezes traz consigo do Céu um reflexo da divina misericórdia? Essa, a minha leitora, a carinhosa amiga de todos os infelizes, não choraria se eu lhe dissessem que o pobre rapaz perdeu a

honra, a reabilitação, a pátria, a liberdade, as irmãs, a mãe, a vida, tudo... por amor da primeira mulher que o despertou do seu sonho de inocentes desejos?

Chorava, chorava!

Tomara eu saber dizer quanto doloroso sobressalto que me causaram aquelas linhas, procuradas de propósito, e lidas com a amargura e o respeito e, ao mesmo tempo, ódio.

Ódio, sim... A seu tempo verão se é perdoável o ódio, ou se antes não me fora melhor abrir mão desde já de uma história que pode provocar a náusea aos frios julgadores do coração pelas sentenças que eu aqui disser contra a falsa virtude dos homens, feitos bárbaros, em nome da sua honra.

CAPÍTULO I

Domingos José Correia Botelho de Mesquita e Meneses, fidalgo de linhagem de uma das mais antigas casas de Vila Real de Trás-os-Montes, era, em 1779, juiz de fora de Cascais, e nesse mesmo ano casara com uma dama do paço, D. Rita Teresa Margarida Preciosa da Veiga Caldeirão Castelo Branco, filha de um capitão de cavalos, neta de outro, António de Azevedo Castelo Branco Pereira da Silva, tão notável pela sua hierarquia, como por um — naquele tempo famoso — livro que escrevera acerca da Arte da Guerra.

Dez anos de um amor não correspondido, mantiveram em Lisboa o bacharel provinciano. Para fazer-se amar da formosa dama de D. Maria I faltavam-lhe dotes físicos: Domingos Botelho era extremamente feio. Para se inculcar como partido conveniente à pretendente, faltavam-lhe bens de fortuna: os haveres dele não excediam os trinta mil cruzados em propriedades no Douro. Os dotes de espírito

também não o recomendavam: era alcançadíssimo de inteligência, e granjeara entre os seus condiscípulos da Universidade o epíteto de «Brocas» com que ainda hoje os seus descendentes em Vila Real são conhecidos. Bem ou mal derivado, o epíteto “Brocas” vem de “broa”. Entenderam os académicos que a rudeza do seu condiscípulo procedia do muito pão de milho que ele ingerira na sua terra.

Mas Domingos Botelho devia ter uma vocação qualquer, e tinha: era um excelente flautista; e foi a tocar a flauta que se sustentou dois anos em Coimbra, durante os quais o seu pai lhe suspendeu as mesadas, porque os rendimentos da casa não chegaram para livrar um outro filho de um crime de morte (*).

[(*) Nota do Autor - Há vinte anos atrás, ouvi a história desse assassínio, assim contada: Era Quinta-Feira Santa. Marcos Botelho, irmão de Domingos, estava na festa de Endoenças, em S. Francisco, acompanhado por uma dama, namorada sua, e desleal dama que ela era. Noutro ponto da igreja estava, apontado em olhos e coração à mesma mulher, um alferes de infantaria. Marcos enfrentou o seu ciúme até ao final do ofício da missa. À saída do templo encarou o militar e provocou-o. O alferes tirou da espada, e o fidalgo do

espadim. Terçaram as armas durante um longo tempo sem feridas nem sangue. Amigos de ambos os lados tinham conseguido aplacá-los, quando Luís Botelho, um outro irmão de Marcos, desfechou uma clavina no peito do alferes, e ali, à entrada da «rua do Jogo da Bola», matou-o. O homicida acabou por ficar livre por graça régia.]

Formara-se Domingos Botelho em 1767, e fora a Lisboa ler no Desembargo do Paço — iniciação banal dos que aspiravam à carreira da magistratura. Já Fernão Botelho, pai do bacharel, fora bem aceite em Lisboa, principalmente pelo duque de Aveiro, cuja estima lhe pôs a cabeça em risco, no golpe da tentativa regicida de 1758.

O provinciano saiu das masmorras da Junqueira ilibado da infame nódoa, e até ficou bem visto pelo conde de Oeiras, porque tomara parte na prova que este fizera do primor da sua genealogia contra a dos Pintos Coelhos do Bonjardim do Porto — litigio ridículo, mas estrondoso, movido pela recusa que o fidalgo portuense fizera da sua filha ao filho de Sebastião José de Carvalho.(*)

[(*) Sebastião José de Carvalho é o nome do conhecido Marquês do Pombal]

As artes com que o bacharel flautista fez para ganhar a estima de D. Maria I e Pedro III não as sei eu. Diz a tradição que o homem fazia rir a rainha com as suas graças, e porventura com os trejeitos que revelavam o melhor da sua personalidade. O certo é que Domingos Botelho passou a frequentar o paço e a receber do bolsinho da soberana uma farta pensão, com a qual o aspirante a juiz de fora se esqueceu de si, do futuro, e do ministro da justiça que, muito rogado, lhe confiou o encargo de juiz de fora de Cascais.

Já está dito que ele se atreveu aos amores do paço, não fazendo poesias como Luís de Camões ou Bernardim Ribeiro; mas namorando na sua prosa provinciana, e captando a benevolência da rainha para amolecer as durezas da dama de companhia desta, a sua pretendente. Devia de ser, afinal, feliz o «doutor bexiga» — como era na corte conhecido — para se não desconcertar a discórdia que existe entre o talento e a felicidade.

Domingos Botelho casou com D. Rita Preciosa. Rita era uma formosura, que ainda aos cinquenta anos se podia prezar de o ser. E não tinha outro dote, pois não é dote uma

série de antepassados, uns bispos, outros generais, e entre estes aquele que morrera queimado dentro de um caldeirão à mão dos mouros; glória, na verdade, um pouco ardente; mas de tal modo lembrada que os descendentes do general frito passaram a chamar-se “Caldeirões”.

A dama do paço foi feliz com o marido. Molestavam-na, no entanto, saudades da corte, das pompas das câmaras reais, e dos luxos e dos hábitos que imolou dos caprichos da rainha. Este desgostoso viver, porém, não impediu que se reproduzissem dois filhos e três meninas. O mais velho era Manuel, o segundo Simão; das meninas uma era Maria, a segunda Ana, e a última tinha o nome da sua mãe, e alguns traços da beleza dela.

O juiz de fora de Cascais, solicitando lugar de mais graduado banco, morava em Lisboa, na freguesia da Ajuda, em 1784. Neste ano nasceu Simão, o penúltimo dos seus filhos. Conseguiu então ele, sempre gracejado pela sorte, transferência para Vila Real, a sua ambição suprema.

À distância de uma légua de Vila Real estava toda a nobreza da vila à espera do seu conterrâneo. Cada família tinha a sua liteira com o brasão da respetiva casa. A dos

Correias de Mesquita era a mais antiquada no feitio, e as vestes dos criados as mais usadas e desgastadas que figuravam na comitiva.

D. Rita, avistando a fila das liteiras, ajustou ao olho direito a sua grande luneta de ouro, e disse:

— Ó Meneses, o que é aquilo?

— São os nossos amigos e parentes que nos vêm esperar.

— Em que século estamos nós nesta montanha? — disse a dama do paço.

— Em que século? O século tanto é dezoito aqui como em Lisboa.

— Ah! sim? Julgo que o tempo aqui parou no século doze...

Por alguma razão, o marido achou que devia rir-se do gracejo, apesar deste não lisonjear grandemente.

Fernão Botelho, pai do juiz de fora, pôs-se à frente da procissão para dar a mão à nora, que saia da liteira, para a conduzir até casa.

D. Rita, antes de ver a cara do seu sogro, contemplou-lhe a olho armado as fivelas de aço, e a bolsa do rabicho. Disse ela depois que os fidalgos de Vila Real andavam mais imundos que os carvoeiros de Lisboa. Antes de entrar na antiga liteira do seu sogro, perguntou, com a mais refalsada seriedade, se não haveria risco em ir dentro daquela antiguidade. Fernão Botelho assegurou a sua nora que a sua liteira não tinha ainda cem anos, e que os cavalos não excediam os trinta anos.

O modo altivo com que ela recebeu as cortesias da nobreza — a velha nobreza que para ali viera nos tempo de D. Dinis, fundador da vila — fez com que o mais novo daquele grupo, que só tinha doze anos, me contasse a depois: «Sabíamos que ela era dama de companhia de D. Maria I; porém, com soberba com que nos tratou julgar-se-ia que estávamos perante a própria rainha.»

Repicaram os sinos da terra, quando a comitiva passou pela igreja da Senhora de Almodena. D. Rita disse ao marido que a receção dos sinos era a mais estrondosa e barata que já tinha visto.

Pararam à porta da velha casa de Fernão Botelho. A aia do paço passou os olhos pela fachada do edifício, e disse para si mesma: «Que bonito chiqueiro para quem foi criada nos palácios de Mafra e Sintra, da Bemposta e de Queluz.»

Decorridos alguns dias, D. Rita disse ao marido que tinha medo de vir a ser devorada por ratazanas; que aquela casa era um covil de feras; que os tetos estavam prestes a desabar; que as paredes não resistiriam ao Inverno; que os preceitos da uniformidade conjugal (*) obrigavam a morrer de frio uma esposa delicada e afeita às almofadas do palácio dos reis.

[(*) O quarto e a cama do casal]

Domingos Botelho conformou-se com a estremecida companheira e mandou construir um palacete. Escassamente lhe chegavam os recursos para os alicerces mas escreveu à rainha, e obteve um generoso subsídio com que acabou de construir a casa. As varandas das janelas foram a última dádiva que a real viúva fez à sua dama de companhia. Quer-nos parecer que a dádiva é um testemunho, até agora inédito, da demência da Senhora D. Maria I.

Domingos Botelho mandara esculpir em Lisboa a pedra de armas; D. Rita, porém, teimara que no escudo se esquartejassem também as suas; mas era tarde, porque já a obra tinha vindo do escultor, e o magistrado não podia com a segunda despesa, nem queria desgostar o seu pai, orgulhoso do seu brasão. Resultou daqui ficar a casa sem armas e D. Rita vitoriosa (*).

[(*)Nota do Autor – A referida cada é a casa-palacete da «Rua da Piedade», hoje pertencente ao doutor António Gerardo Monteiro.]

O juiz de fora tinha ali parentes ilustres. O aprumo da fidalga dobrou-se até aos grandes da província, ou antes houve por bem levantá-los até ela. D. Rita tinha uma corte de primos, uns que se contentavam poe serem primos, outros que invejavam a sorte do marido. O mais audacioso não ousava olha-la para o rosto, quando o ela remirava com a luneta em jeito de tanta altivez e zombaria, que não será incorreto dizer que a luneta de Rita Preciosa era a mais vigilante sentinela da sua virtude.

Domingos Botelho desconfiava da eficácia dos merecimentos próprios para cabalmente encher o coração da sua mulher. Inquietava-o o ciúme; mas sufocava os

suspiros, receando que Rita se desse por injuriada da suspeita. E razão era que se ofendesse. A neta do general frito no caldeirão sarraceno ria dos primos, que, por amor dela, se eriçavam e empoavam as cabeleiras com desgracioso esmero, e cavaleavam estrepitosamente na calçada os seus cavalos, fingindo que os picadores da província não desconheciam as graças hípicas do marquês de Marialva.

Não pensava assim, porém, o juiz de fora. O intriguista que lhe trazia o espírito em ânsias era o espelho. Via-se sinceramente feio, e via a Rita cada vez mais bela, e mais enfadada nos tratos íntimos. Nenhum exemplo da história antiga, exemplo de amor sem quebra entre o esposo deforme e a esposa linda, lhe ocorria. Um só lhe mortificava a memória, e esse, desde que fosse fábula, era-lhe avesso, e vinha a ser o casamento de Vénus e Vulcano. Lembravam-lhe as redes que o ferreiro coxo fabricava para apanhar os deuses adúlteros, e assombrava-se da paciência daquele marido. (*)

[(*) De acordo com a mitologia grega, Vénus, a deusa da beleza, escolheu Vulcano, o deus do fogo e da forja, para marido, mas traia-o constantemente com Marte, o deus da guerra, mas belo e mais forte.]

Entre si, dizia ele que, erguido o véu da perfídia, nem se queixaria a Júpiter, nem armaria ratoeiras aos primos. A par do bacamarte (*) de Luís Botelho, que passara em terra o alferes, estava uma fileira de armas em que o juiz de fora era entendido com muito superior inteligência à que revelava na compreensão do Digesto e das Ordenações do Reino.

[(*) Um Bacamarte (do francês braquemart) é uma arma de fogo curta, de cano largo e curto]

Este viver de sobressaltos durou seis anos, ou talvez mais. O juiz de fora suplicou os seus amigos a transferência, e conseguiu mais do que ambicionava: foi nomeado provedor de Lamego. Rita Preciosa deixou saudades em Vila Real, e duradoura memória da sua soberba, formosura e graças de espírito. O marido também deixou anedotas que ainda hoje se repetem. Duas contarei somente para não enfadar: Acontecera um lavrador mandar-lhe de presente uma vitela, e com ela foi também a vaca, sua mãe, para que a vitela fosse lá ter sem luta. Assim que viu as duas, Domingos Botelho mandou recolher a vitela e a vaca, dizendo que quem dava a filha dava a mãe e com essa o

lavrador nunca mais viu a sua vaca. Noutra ocasião, deu-se o caso de lhe mandarem de presente uns pastéis numa rica travessa de prata. O juiz de fora repartiu os pastéis por alguns rapazes de rua, e mandou guardar a travessa, tomando-a como o presente e os doce como ornamentos. É por isso que ainda hoje, em Vila Real, quando se dá um caso análogo de ficar alguém com o conteúdo e o continente, diz a gente da terra: «Aquele é como o doutor Brocas.»

Não tenho assunto de tradição com que possa deter-me em miudezas da vida do provedor em Lamego. Escassamente sei que D. Rita aborrecia a comarca, e ameaçava o marido de voltar com os seus cinco filhos para Lisboa, se ele não saísse daquela intratável terra. Parece que a fidalguia de Lamego, em todo o tempo orgulhosa de uma antiguidade que principia na aclamação de Almacave, desdenhou a postura presunçosa da dama do paço, e foi descobrir certas histórias vergonhosas da família dos Botelhos Correias de Mesquita, como o facto do provedor ter vivido dois anos em Coimbra a tocar flauta.

Em 1801, achamos Domingos José Correia Botelho de Mesquita corregedor em Viseu.

Manuel, o mais velho dos seus filhos, tem vinte e dois anos, e frequenta o segundo ano jurídico. Simão, que tem quinze, estuda humanidades em Coimbra. As três meninas são o prazer e a vida toda do coração da sua mãe.

O filho mais velho escreveu ao pai queixando-se de não poder continuar a viver com o seu irmão, com medo do seu génio sanguinário. Conta que a cada passo que dá se vê ameaçado de vida, porque Simão gasta em pistolas o dinheiro que deviam ser para os livros, convive com os mais famosos perturbadores da academia, e corre de noite pelas ruas a insultar os habitantes, provocando-os à luta.

O corregedor admira a bravura do seu filho Simão, e diz à consternada mãe que o rapaz é a figura e o génio do seu bisavô Paulo Botelho Correia, o mais valente fidalgo que alguma vez houve em Trás-os-Montes.

Manuel, cada vez mais envergonhado com os violentos actos de Simão, sai de Coimbra antes das férias e vai a Viseu pedir ao pai que lhe dê outro destino. D. Rita quer

que o seu filho seja cadete de cavalaria. De Viseu parte então para Bragança Manuel Botelho, entrando para a nobre escola dos quatro costados para ser cadete.

No entanto, Simão volta a Viseu com os seus exames feitos e aprovados. O pai maravilha-se do talento do filho, e desculpa-o da extravagância por amor do talento. Pede-lhe explicações pela zanga com Manuel, e ele responde apenas que o seu irmão o queria forçar a viver monasticamente.

Os quinze anos de Simão têm aparência de vinte. É forte de compleição; belo homem com as feições da sua mãe; mas de todo avesso em génio. Na plebe de Viseu é que ele escolhe os amigos e companheiros. Se D. Rita lhe censura a indigna eleição que faz, Simão goza com as genealogias, principalmente com o general Caldeirão que morreu frito. Bastou isso para ele ganhar o desgosto e a aversão da sua mãe. O corregedor via as coisas pelos olhos da sua mulher, e tomou parte no desgosto dela, e na aversão ao filho. As irmãs temiam-no, menos Rita, a mais nova, com quem ele brincava puerilmente, e a quem obedecia, se ela lhe pedia, com meiguices de criança, que não andasse com más companhias.

Estavam a terminar as férias, quando o corregedor teve um grande dissabor. Um dos seus criados tinha ido levar os cavalos a beber, e, por descuido ou propósito, deixou quebrar algumas vasilhas que estavam no parapeito do chafariz. Os donos das vasilhas partidas conjuraram contra o criado e espancaram-no. Simão, que passava por ali nessa altura, armado de um pau que descravou de um carro, partiu muitas cabeças, e rematou o trágico espetáculo quebrando o resto dos cântaros que restavam. O povoléu intacto fugiu espavorido e ninguém se atreveu a enfrentar ao filho do corregedor; os feridos, porém, juntaram-se e foram clamar justiça à porta do magistrado.

Domingos Botelho zangou-se com o filho e ordenou ao meirinho-geral que o prendesse por sua ordem. D. Rita, não menos irritada, mas mais irritada como uma mãe que protege as crias, mandou, por portas travessas, dinheiro ao filho para que ele, sem se deter, fugisse para Coimbra, e esperasse lá o perdão do pai.

O corregedor, quando soube da ação da sua esposa, fingiu-se zangado, e prometeu manda-lo capturar em Coimbra. Como, porém, D. Rita lhe chamasse “brutal nas suas

vinganças", e "estúpido juiz de uma rapaziada", o magistrado desenrugou a severidade postiça da testa, e confessou tacitamente que era um juiz bruto e estúpido.

CAPÍTULO II

Simão Botelho levou de Viseu para Coimbra arrogantes convicções da sua valentia. Recordava-se dos valentes pormenores da derrota em que pusera trinta aguadeiros, o som cavo das pancadas, a queda atordoada deste, o levantar-se daquele, ensanguentado, a paulada que deu a três de uma vez, o esmurrar de dois, a gritaria de todos, e o partir dos cântaros no fim... Simão deliciava-se nestas lembranças, como ainda não se viu em nenhum drama, em que o veterano de cem batalhas relembra os louros de cada uma, e esmorece no fim, cansado de espantar, quando não estafa, os ouvintes.

O académico, porém, com os seus entusiasmos, era incomparavelmente muito mais prejudicial e perigoso que qualquer “mata-mouros” das histórias. As recordações incentivavam-no a façanhas novas, e naquele tempo a academia dava azo a elas. A mocidade estudiosa, em grande parte, simpatizava com as balbuciantes teorias da

liberdade, mais por sentimento, que por estudo. Os apóstolos da Revolução Francesa não conseguiram fazer rebombar o trovão dos seus clamores neste canto da Europa; mas os livros dos enciclopedistas, as fontes onde a geração seguinte bebera a peçonha que saiu do sangue de noventa e três, não eram de todo ignorados. As doutrinas da regeneração social pela guilhotina tinham alguns tímidos seguidores em Portugal, e esses é que deviam pertencer à geração nova. Além de que o rancor à Inglaterra lavrava nas entranhas das classes manufatureiras, e o desprender-se do cordão humilhante, apertado, desde o princípio do século anterior, com os acordos de ruinosos e pérfidos tratados, estava no ânimo de muitos e bons portugueses que se queriam antes aliançados com a França. Estes eram os pensadores reflexivos; os sectários da academia, porém, exprimiam mais a paixão da novidade que as doutrinas do raciocínio.

No ano anterior de 1800, saíra António de Araújo de Azevedo, depois conde da Barca, a negociar em Madrid e Paris a neutralidade de Portugal. Rejeitaram-lhe as potências aliadas as propostas, de nada servindo os

dezasseis milhões que o diplomata ofereceu ao primeiro-cônsul. Em menos de nada o território português foi infestado pelos exércitos de Espanha e França. As nossas tropas, comandadas pelo duque de Lafões, não chegaram sequer a travar uma luta desigual, porque a esse tempo Luís Pinto de Sousa, mais tarde visconde de Balsemão, negociara uma vergonhosa paz em Badajoz, com cedência de Olivença à Espanha, a retirada de Ingleses dos nossos portos, e a indemnização de alguns milhões à França.

Estes acontecimentos tinham provocado contra Napoleão os ânimos daqueles que odiavam o aventureiro, e a outros deram causa a congratularem-se pelo rompimento com a Inglaterra. Entre os deste grupo, na convulsiva e irrequieta academia, era voto de grande convicção Simão Botelho, apesar dos seus imberbes dezasseis anos. Mirabeau, Danton, Robespierre, Desmoulins, e muitos outros sábios e mártires do grande porte, eram nomes que soavam a musica aos ouvidos de Simão. Difamá-los na sua presença era afrontarem-no a ele, e era motivo para bofetadas ou pistolas engatilhadas à cara do difamador. O filho do corregedor de Viseu defendia que Portugal devia

regenerar-se num batismo de sangue, para que a hidra dos tiranos não erguesse mais uma das mil cabeças sob a clava do Hércules popular.

Estes discursos, retirados de alguns textos clandestinos de Saint-Just (*), afugentavam da sua companhia mesmos aqueles que o tinham aplaudido nos mais racionais princípios de liberdade. Simão Botelho tornou-se odioso aos condiscípulos que, para se salvarem da infâmia, delataram-no ao bispo-conde, reitor da Universidade.

[(*)Louis Antoine Léon de Saint-Just foi um político revolucionário francês que desenvolveu teoricamente o governo revolucionário, fazendo a apologia do “Terror” – termo usado para a captura e execução da nobreza francesa. Foi eleito para a Convenção de 1792, e votou pela execução do Rei.]

Um dia, proclamava o demagogo académico na praça Sansão aos poucos ouvintes que lhe permaneciam fiéis, uns por medo, outros por gosto. O discurso ia no ponto mais fervoroso da ideia regicida,(*1) quando uma escolta de verdeais(*2) lhe apagou a escandecência.

[(*) 1: regicida – aquele que assassina um rei. 2: verdeais – nome que os alunos de Coimbra davam aos archeiros/guardas da Universidade]

Quis o orador resistir, agarrando as pistolas, mas caíram-lhe em cima os muitos braços musculosos da guarda do reitor. O jacobino (*), desarmado e cercado pela escolta dos archeiros, foi levado ao cárcere académico, de onde saiu seis meses depois, pelas grandes instâncias dos amigos do seu pai e dos parentes de D. Rita Preciosa.

[(*) Os Jacobinos foram um grupo de camponeses radicais que desencadearam a Revolução Francesa e que queriam o extermínio da nobreza uma vez que a nobreza oprimia os mais desvalidos. O mesmo nome passou depois a ser usado para uma pessoa que tem uma posição radical relacionada a determinado assunto.]

Perdido o ano letivo, Simão foi para Viseu. O corregedor repeliu-o da sua presença com ameaças de o expulsar de casa. A mãe, mais levada pelo dever que pelo coração, intercedeu pelo filho e conseguiu sentá-lo à mesa comum.

No espaço de três meses notou-se uma maravilhosa mudança nos costumes de Simão. Desprezou as companhias da ralé e raras vezes saía de casa, ou só, ou com a irmã mais nova, a sua predileta. O campo, as árvores, os sítios mais sombrios e os ermos eram o seu recreio. Nas doces noites de verão demorava-se a passear até ao repontar da alvorada. Aqueles que assim o viam

admiravam-lhe o ar pensador e o recolhimento que o sequestrava da vida vulgar. Em casa encerrava-se no seu quarto, e saía quando o chamavam para a mesa.

D. Rita pasmava da transformação, e o marido, bem convencido dela, ao fim de cinco meses, consentiu que o seu filho lhe dirigisse a palavra.

Simão Botelho amava. Aí está uma palavra única, explicando a aparente absurda reforma aos dezassete anos.

Amava Simão uma a sua vizinha, menina de quinze anos, rica herdeira, regularmente bonita e bem-nascida. Da janela do seu quarto é que ele a vira a primeira vez, para amá-la sempre. Não ficara ela incólume da ferida que fizera no coração do vizinho: amou-o também, e com mais seriedade que a usual nos seus anos.

Os poetas cansam-nos a paciência a falarem do amor da mulher aos quinze anos, como paixão perigosa, única e inflexível. Alguns prosadores de romances dizem o mesmo. Enganam-se ambos. O amor aos quinze anos é uma brincadeira: é a última manifestação do amor às bonecas; é a tentativa da avezinha que ensaia o voo fora do ninho,

sempre com os olhos fitos na ave-mãe, que está por perto a chamar por ela: tanto sabe a primeira o que é amar muito, como a segunda o que é voar para longe.

Teresa de Albuquerque devia ser, porventura, uma exceção no seu amor.

O magistrado e a sua família eram odiados pelo pai de Teresa, por motivos de litígios, em que Domingos Botelho lhes deu sentenças contra. Para além disso isso, ainda no ano anterior dois criados de Tadeu de Albuquerque tinham sido feridos na celebrada pancadaria da fonte. É, pois, evidente que o amor de Teresa, declinando de si o dever de humildemente sacrificar-se ao justo azedume do seu pai, era verdadeiro e forte.

E este amor era singularmente discreto e cauteloso. Viram-se e falaram-se durante três meses, sem fazer desconfiar a vizinhança, e nem sequer dar suspeitas às duas famílias. O destino, que ambos se prometiam, era o mais honesto: ele ia formar-se para poder sustentá-la, se não tivessem outros recursos; ela esperava que o seu velho pai falecesse para, senhora de si, dar-lhe, com o coração, o seu grande património. Espanta discrição tamanha na índole de Simão

Botelho, e na presumível ignorância de Teresa em coisas materiais da vida, como são os patrimónios!

Na véspera da sua nova ida para Coimbra, estava Simão Botelho despedindo-se da suspirosa menina, quando ela foi subitamente arrancada da janela. O alucinado rapaz ouviu gemidos daquela voz que, momentos antes, soluçava comovida por lágrimas de saudade. Ferveu-lhe o sangue na cabeça; contorceu-se no seu quarto como o tigre contra as grades inflexíveis da jaula. Teve tentações de se matar, na impotência de socorrê-la. As restantes horas daquela noite passou-as em raivas e projetos de vingança. Com o amanhecer esfriou-lhe o sangue, e renasceu a esperança com os cálculos.

Quando o chamaram para partir para Coimbra, ergueu-se da cama de tal modo desfigurado, que a sua mãe, olhando para o seu rosto amargurado, foi ao quarto interrogá-lo e dissuadi-lo de ir enquanto assim estivesse febril. Simão, porém, entre mil projetos, achara melhor o plano de ir para Coimbra, esperar lá notícias de Teresa, e vir ás escondidas a Viseu falar com ela. Ajuizadamente concluíra ele, que a sua demora agravaria a situação de Teresa.

Descera o académico ao pátio, depois de abraçar a mãe e as irmãs, e beijar a mão do pai, que para esta hora reservara uma admoestação severa, a ponto de lhe garantir que de todo o abandonaria se ele caísse em novas extravagâncias. Enquanto metia o pé no estribo, viu ao seu lado uma velha mendiga, estendendo-lhe a mão aberta, como quem pede esmola, e, na palma da mão, um pequeno papel. O rapaz sobressaltou-se; e, a poucos passos distante da sua casa, leu estas linhas:

«O meu pai diz que me vai encerrar num convento, por tua causa. Sofrerei tudo por amor a ti. Não me esqueças, e achar-me-ás no convento, ou no Céu, sempre tua e sempre leal. Parte para Coimbra. Lá irão ter as minhas cartas e na primeira te direi em que nome hás de responder à tua pobre Teresa.»

A mudança do estudante maravilhou a academia. Se o não viam nas aulas, em mais parte nenhuma o viam. Das antigas relações restavam-lhe apenas as dos companheiros sensatos que o aconselhavam para bem, e o visitaram no cárcere de seis meses, dando-lhe alentos e recursos, que o seu pai não lhe dava, e a sua mãe escassamente fornecia.

Estudava com fervor, como quem já dali formava as bases do futuro de renome e da posição por ele merecida, o bastante para sustentar dignamente a esposa. A ninguém confiava o seu segredo, senão às cartas que enviava a Teresa, longas cartas em que folgava o espírito da tarefa da ciência. A apaixonada menina respondeu-lhe e disse-lhe que a ameaça do convento fora um mero susto de que já não tinha medo, porque o seu pai não podia viver sem ela.

Isto afervorou-lhe para se mais dedicar ao estudo. Simão, chamado em pontos difíceis das matérias do primeiro ano, tal conta deu de si, que os docentes e os condiscípulos elegeram-no como primeiro premiado.

A este tempo, Manuel Botelho, cadete em Bragança, destacado no Porto, licenciou-se para estudar na Universidade as matemáticas. Animou-o a notícia da reviravolta que se dera no seu irmão. Foi viver com ele; achou-o quieto; mas alheado numa ideia que o tornava misantropo e intratável noutro género. Pouco tempo conviveram, sendo a causa da separação um desgraçado amor de Manuel Botelho para com uma açoriana casada com um académico. A esposa apaixonada perdeu-se nas

ilusões do cego amante. Deixou o marido e fugiu com ele para Lisboa, e daí para Espanha. Numa outra parte desta narrativa darei conta do remate deste episódio.

No mês de Fevereiro de 1803, recebeu Simão Botelho uma carta de Teresa. No seguinte capítulo diz-se minuciosamente a peripécia que forçara a filha de Tadeu de Albuquerque a escrever aquela carta de pungentíssima surpresa para o académico, convertido aos deveres, à honra, à sociedade e a Deus, pelo amor.

CAPÍTULO III

O pai de Teresa não aceitaria a impureza do sangue do corregedor para acordar os dois jovens em casamento. O magistrado persistia no rancor ao seu vizinho, e o vizinho malsinava de venalidade a reputação do magistrado. Este sabia da injuriosa vingança em que o outro lhe ia despicando; fingia-se invulnerável à detração; mas de dia para dia azedava-se-lhe a bílis; e é de crer que, se o não contivessem as considerações à família, sofreria menos, desabafando pela boca de um bacamarte, a arma preferida dos Botelhos Correias de Mesquita. Seria impossível reconciliarem-se.

Rita, a filha mais nova, estava um dia na janela do quarto de Simão, e viu a vizinha à janela com as mãos apoiadas na testa apoiada. Sabia Teresa que aquela menina era mais querida irmã de Simão, e a que mais se parecia com ele. Saiu da sua artificial indiferença, e respondeu ao cumprimento da Rita, fazendo-lhe com a mão um gesto e

sorrindo. A filha do corregedor sorriu também, mas fugiu logo da janela, porque a sua mãe tinha proibido as filhas de terem relações com pessoas daquela casa.

No dia seguinte, à mesma hora, levada pela simpatia que lhe causara aquele gesto de amizade, voltou Rita à janela, e lá viu Teresa com os olhos fitos nos seus, como se estivesse à sua espera. Sorriram-se com resguardo, afastando-se do peitoril das janelas; e assim ambas de pé, no interior dos quartos, estiveram a contemplar-se. Como a rua era estreita, podiam ouvir-se, falando baixo. Teresa, mais pelo movimento dos lábios que por palavras, perguntou a Rita se era a sua amiga. A menina respondeu com um gesto afirmativo, e fugiu, acenando-lhe um adeus. Estes rápidos instantes de se verem repetiram-se sucessivos dias, até que, perdido o maior medo de ambas, ousaram demorar-se em palestras a meia-voz. Teresa falava de Simão, contava à menina de onze anos o segredo do seu amor, e dizia-lhe que ela ainda havia de ser sua irmã, recomendando-lhe muito que não dissesse nada à sua família.

Numa dessas conversas, Rita descuidara-se, e levantou de modo a voz que foi ouvida por uma sua irmã, que a foi logo

contar ao pai. O corregedor chamou Rita, e forçou-a pelo medo a contar tudo que ouvira à vizinha. Tanta foi a sua cólera, que sem atender às razões da esposa, que viera espavorida ao ouvir os gritos dele, correu ao quarto de Simão, e viu ainda Teresa à janela.

— Olá! — disse ele à pálida menina. — Não tenha a confiança de pôr os olhos em ninguém da minha casa. Se quer casar, case com um sapateiro, que é um digno genro de seu pai.

Teresa não ouviu o remate da brutal apóstrofe: tinha fugido aturdida e envergonhada. Porém, como o desabrido corregedor ficou a gritar no quarto, Tadeu de Albuquerque correu para uma janela e a cólera do doutor redobrou. A torrente das injúrias, há muito tempo represada, bateu no rosto do vizinho, que não ousou replicar-lhe.

Tadeu interrogou a filha, e acreditou que a razão da zanga de Domingos Botelho foi de estarem as duas meninas a falar inocentemente, por trejeitos, em coisas da sua idade. Desculpou o velho a criancice de Teresa, ordenando-lhe que não voltasse àquela janela.

Esta atitude calma do fidalgo, cuja postura natural era bravia, tem a sua explicação no projeto que delineara em casar a filha com o seu primo Baltasar Coutinho, de Castro D’aire, senhor de fortuna, e igualmente nobre da mesma linhagem. Pensava o velho, presunçoso, ser um conhecedor do coração das mulheres. Pensava ele que a brandura seria o mais seguro expediente para levar a filha ao esquecimento daquele pueril amor a Simão. Era máxima sua que o amor, aos quinze anos, carece de consistência para sobreviver a uma ausência de seis meses. Não pensava errado o fidalgo, mas o erro existia. As exceções têm sido o engano dos mais assisados pensadores, tanto no especulativo como no experimental. Não era tanto que Tadeu de Albuquerque estivesse errado em coisas de amor e coração de mulher, cujas variantes são tantas e tão caprichosas, que eu não sei se alguma máxima pode ser-nos guia, a não ser esta: «Em cada mulher há quatro mulheres incompreensíveis, pensando alternadamente como se hão de desmentir umas às outras.» Isto é o mais seguro; mas mesmo assim não é infalível. Aí está Teresa que parece ser única em si. Dir-se-á que as três, que diz a sentença, não podem coexistir com a quarta, aos quinze anos? Também o

penso assim, posto que a fixidez, a constância daquele amor, funda em causa independente do coração: é porque Teresa não vai à sociedade, não tem um altar em cada noite na sala, não provou o incenso de outros galãs, nem teve ainda uma hora para comparar a imagem amada, desluzida pela ausência, com a imagem amante, amor nos olhos que a fitam, e amor nas palavras que a convencem de que há um coração para cada homem, e uma só juventude para cada mulher. Quem me diz a mim que Teresa teria em si as quatro mulheres da máxima, se o vapor de quatro incensórios lhe estonteasse o espírito? Não é fácil, nem é preciso decidir. vamos ao conto.

Acerca de Simão Botelho, nunca diante da sua filha Tadeu de Albuquerque proferiu palavra, nem antes nem depois do disparate do corregedor. O que ele fez foi chamar a Viseu o sobrinho de Castro D'aire, contar-lhe o seu desígnio, para que ele, ao pé de Teresa, procedesse como convinha a um enamorado de feição, e mutuamente se apaixonassem e prometessem um auspicioso futuro ao casamento.

Por parte de Baltasar Coutinho a paixão inflamou-se tão depressa, quanto o coração de Teresa se congelou de terror

e repugnância. O morgado de Castro D'aire, atribuiu a frieza da sua prima à modéstia, à inocência e ao acanhamento. Lisonjeou-se do virginal melindre daquela alma, e saboreou de antemão o prazer de uma lenta, mas segura conquista. Verdade é que Baltasar nunca lhe expôs as suas intenções de modo que Teresa lhe desse resposta decisiva; um dia, porém, instigado pelo tio, afoitou-se o ditoso noivo a falar assim à melancólica menina:

— É tempo de lhe abrir o meu coração, prima. Está bem disposta a ouvir-me?

— Eu estou sempre bem disposta a ouvi-lo, primo Baltasar.

O desdém aborrecido desta resposta abalou algum tempo as convicções do fidalgo, respeito à inocência, modéstia e acanhamento da sua prima. Ainda assim, quis ele no momento persuadir-se que a boa vontade não poderia exprimir-se doutro modo, e continuou:

— Os nossos corações, penso eu, estão unidos; agora é preciso que as nossas casas se unam também.

Teresa empalideceu, e baixou os olhos.

— Acaso lhe diria eu alguma coisa desagradável? — prosseguiu Baltasar, rebatido pela desfiguração de Teresa.

— Disse-me o que é impossível fazer-se — respondeu ela sem turvação. — O primo engana-se: os nossos corações não estão unidos. Sou muito sua amiga, mas nunca pensei em ser a sua esposa, nem me lembrou que o primo pensasse em tal coisa.

— Quer dizer que a aborreço, prima Teresa? — atalhou, depressa, o morgado.

— Não, senhor: já disse-lhe que o estimava muito, e por isso mesmo não devo ser esposa de um amigo a quem não posso amar. A infelicidade não seria só minha...

— Muito bem. Posso eu saber — disse com refalsado sorriso o primo — quem é que me disputa o coração da minha prima?

— Que lucra em saber?

— Lucro saber, pelo menos, que a minha prima ama outro homem. É exato?

— É.

— É com tamanha paixão que desobedece ao pai?

— Não desobedeço: o coração é mais forte que a submissa vontade de uma filha. Desobedeceria, se casasse contra a vontade do meu pai; mas eu não disse ao primo Baltasar que casava; disse-lhe unicamente que amava.

— Saiba a prima que estou espantado com o seu modo de falar! Quem pensaria que os seus dezasseis anos estavam tão abundantes de palavras!

— Não são só palavras, primo — retorquiu Teresa com gravidade —, são sentimentos que merecem a sua estima, por serem verdadeiros. Se lhe eu mentisse, ficaria mais bem-vista aos olhos do meu primo?

— Não, prima Teresa; fez bem em dizer a verdade, e da dizer em tudo. Ora olhe: não me quer dizer quem é o ditoso mortal da sua preferência?

— Que importância lhe faz saber isso?

— Muito, prima; todos temos a nossa vaidade, e eu gostaria muito de me ver vencido por quem têm merecimentos que eu não tenho aos seus olhos. Teria a

bondade de me dizer o seu segredo, se tivesse o seu primo Baltasar em conta como seu amigo íntimo?

— Nessa conta é que eu o não posso ter... — respondeu Teresa, sorrindo e pausando, como ele, as sílabas das palavras.

— Pois nem para amigo me quer?

— O primo não me perdoa a sinceridade que eu tive, e será de hoje em diante meu inimigo.

— Pelo contrário. — disse ele com mal rebuçada ironia — muito pelo contrário. Eu provar-lhe-ei que sou o seu amigo, se alguma dia a vir casada com algum miserável indigno de si.

— Casada… — interrompeu ela; mas Baltasar cortou-lhe logo a réplica desde modo:

— Casada com algum famoso ébrio ou jogador de pau, valentão de aguadeiros, distinto cavaleiro, que passa os anos letivos encarcerado nas cadeias de Coimbra.

Claro que Baltasar Coutinho conhecia o segredo de Teresa. O seu tio, naturalmente, lhe comunicara a criancice da

prima, talvez antes de a destinar para sua esposa.

Ouvira Teresa o tom sarcástico daquelas palavras, e erguera-se respondendo com altivez:

— Não tem mais que me diga, primo Baltasar?

— Tenho, prima; queira sentar-se algum tempo mais. Não pense agora que está a falar com o namorado infeliz: convença-se de que fala com o seu parente mais próximo, o seu mais sincero amigo e mais decidido guarda da sua dignidade e fortuna. Eu sabia que a minha prima, contra a expressa vontade do seu pai, uma ou outra vez conversara da janela com o filho do corregedor. Não dei valor ao sucedido, e tomei-o como brincadeira própria da sua idade. Quando frequentei o meu último ano em Coimbra, há dois anos, conheci de sobra esse Simão Botelho. Quando voltei, e contaram-me a sua afeição pelo académico, pasmei-me pelo mau-juízo da priminha; depois entendi que a sua mesma inocência devia ser o seu anjo-da-guarda. Agora, como seu amigo, espanto-me da ver ainda fascinada pela perversidade do seu vizinho. Não se recorda de ter visto Simão Botelho amigado com a ínfima vilanagem desta terra? Não viu os seus criados com as cabeças quebradas

pelo tal varredor de feiras? Não lhe contaram que ele, em Coimbra, abarrotado de vinho, andava pelas ruas armado como um salteador de estradas, proclamando à canalha a guerra aos nobres e aos reis, e à religião dos nossos pais? A prima ignoraria isto porventura?

— Ignorava parte disso, e não me aflige sabê-lo. Desde que conheci Simão, não me consta que ele tenha dado o menor desgosto à sua família, nem ouço falar mal dele.

— E está por isso persuadida de que Simão deve ao seu amor a reforma de costumes?

— Não sei, nem penso nisso — respondeu com enfado Teresa.

— Não se zangue, prima. Vou-lhe dizer as minhas últimas palavras: eu hei de, enquanto viver, trabalhar por salvá-la das garras de Simão Botelho. Se o seu pai lhe faltar, fico eu. Se as leis não a defenderem dos ataques do seu demónio, eu farei ver ao valentão que a vitória sobre os aguadeiros não o poupa ao desgosto de ser levado a pontapés para fora da casa do meu tio Tadeu de Albuquerque.

— Então o primo quer-me governar!? — atalhou ela com desabrida irritação.

— Quero-a dirigir enquanto a sua razão precisar de auxílio. Tenha juízo, e eu serei indiferente ao seu destino. Não a enfado mais, prima Teresa.

Baltasar Coutinho foi dali procurar o tio, e contou-lhe o essencial do diálogo. Tadeu, atónito da coragem da filha e ferido no coração e direitos paternais, correu ao quarto dela, disposto a espancá-la. Reteve-o Baltasar, vendo-lhe ver que a violência prejudicaria muito a crise, sendo de esperar que Teresa fugisse de casa. Refreou o pai a sua ira, e meditou. Horas depois chamou a filha, mandou-a sentar ao pé de si, e, em termos serenos e gesto bem-composto, disse-lhe que era a sua vontade casá-la com o primo; porém, que ele já sabia que a vontade da sua filha não era essa. Jurou que a não lhe bateria mas também não consentiria que ela, esfregando os pés na honra do pai, se desse de coração ao filho do seu maior inimigo. Disse ainda que ele estava a caminhar para a sepultura, e que mais depressa desceria a ela, perdendo o amor da filha, que ele já considerava morta. Terminou perguntando a Teresa se

ela duvidava entrar num convento, e aí esperar que o seu pai morresse, para depois ser desgraçada à sua vontade.

Teresa respondeu, a chorar, que entraria num convento, se essa era a vontade do pai; porém, que não privasse ele de a ter na sua companhia, nem a privasse a ela dos seus afetos, com medo de que ela praticasse alguma ação indigna, ou lhe desobedecesse no que era virtude obedecer. Prometeu-lhe julgar-se morta para todos os homens, menos para o pai.

Tadeu ouviu-a, e não lhe respondeu.

CAPÍTULO IV

O coração de Teresa mentia. Vão lá pedir sinceridade ao coração! Para finos entendedores, o diálogo do anterior capítulo definiu a filha de Tadeu de Albuquerque. É uma mulher corajosa, tem força de carácter, orgulho fortalecido pelo amor, despego das vulgares apreensões, se são apreensões a renúncia que uma filha fez do seu arbítrio às imprevidentes e caprichosas vontades do pai. Diz boa gente que não, e eu abundo sempre no voto da gente boa. Não será calúnia atribuir-lhe um pouco de astúcia, ou hipocrisia, se quiserem; perspicácia seria mais correto dizer. Teresa adivinha que a lealdade tropeça a cada passo na estrada real da vida, e que os melhores fins se atingem por atalhos onde não cabem a franqueza e a sinceridade. Estes ardis são raros na idade inexperiente de Teresa; mas a mulher do romance quase nunca é trivial, e esta, de que rezam os meus apontamentos, era distintíssima. A mim me basta,

para crer na sua distinção, a celebridade que ela veio a ganhar à conta da desgraça.

Da carta que ela escreveu a Simão Botelho, contando as cenas descritas, a crítica deduz que a menina de Viseu contemporizava com o pai, pondo a mira no futuro, sem passar pelo dissabor do convento, nem romper com o velho em manifesta desobediência. Na narrativa que fez ao estudante omitiu ela as ameaças do primo Baltasar, cláusula que, a ser transmitida, arrebataria o rapaz de Coimbra, em quem não faltava coragem e bravura para o enfrentar.

Mas não é esta ainda a carta que surpreendeu Simão Botelho.

Parecia calmo o céu de Teresa. O seu pai não falava em claustro nem em casamento. Baltasar Coutinho voltara ao seu solar em Castro D'aire.

A tranquila menina dava semanalmente estas boas novas a Simão, que, aliando às venturas do coração as riquezas do espírito, estudava incessantemente, e passava as noites arquitetando o seu edifício de futura glória.

Ao romper da alvorada de um domingo de Junho de 1803, foi Teresa chamada para ir com o seu pai à primeira missa da igreja paroquial. Vestiu-se a menina, assustada, e encontrou o velho na antecâmara a recebê-la com muito agrado, perguntando-lhe se ela se tinha acordado de bons humores para dar ao autor dos seus dias um resto de velhice feliz. O silêncio de Teresa era interrogador.

— Vais hoje dar a mão de esposa ao teu primo Baltasar, minha filha. É preciso que te deixes levar cegamente pela mão do teu pai. Logo que deres este passo difícil, aprenderás que a tua felicidade é daquelas que precisam ser impostas pela violência. Mas repara, minha querida filha, que a violência de um pai é sempre amor. O amor tem sido a minha condescendência e brandura para contigo. Outro teria subjugado a tua desobediência com maus tratos, com os rigores do convento, e talvez com o desfalque do teu grande património. Eu, não. Esperei que o tempo te aclarasse o juízo, e felicito-me por te julgar desassombrada do diabólico prestígio do maldito que acordou o teu inocente coração. Não te consultei outra vez sobre este casamento por temer que a reflexão fizesse mal

ao zelo de boa filha com que tu vais abraçar o teu pai, e agradecer-lhe a prudência com que ele respeitou o teu génio, velando sempre a hora de te encontrar digna do seu amor.

Teresa não tirou os olhos do pai; mas tão abstraída estava, que escassamente lhe ouviu as primeiras palavras, e nada das últimas.

— Não me respondes, Teresa? — disse Tadeu, tomando-lhe cariciosamente as mãos.

— Que hei de eu responder-lhe, meu pai? — balbuciou ela.

— Dás-me o que te peço? Enches de contentamento os poucos dias que me restam?

— E será o pai feliz com o meu sacrifício?

— Não digas sacrifício, Teresa. Amanhã a estas horas verás que transfiguração se fez na tua alma. O teu primo é um homem composto de todas as virtudes; nem a qualidade de ser um gentil rapaz lhe falta, como se a riqueza, a ciência e as virtudes não bastassem para formar um marido excelente.

— E ele quer-me, depois de eu me ter negado? — disse ela com amargura irónica.

— Ele está apaixonado, filha!.. E tem bastante confiança em si para crer que tu hás de amá-lo muito!..

— E não será mais certo eu odiá-lo sempre!? Agora mesmo o odeio como nunca pensei que se pudesse odiar ninguém, meu pai! — continuou ela, chorando, com as mãos erguidas — mate-me; mas não me force a casar com o meu primo! É escusada a violência, porque eu não caso!

Tadeu mudou de aspeto, e disse irado:

— Hás de casar! Quero que cases! Quero! Se não, serás amaldiçoada para sempre, Teresa! Morrerás num convento! Esta casa irá para o teu primo! Nenhum infame há de aqui pôr um pé nas alcatifas dos meus avós. Se és uma alma vil, não me pertences, não és minha filha, não podes herdar apelidos honrosos, que foram pela primeira vez insultados pelo pai desse miserável que tu amas! Maldita sejas! Entra nesse quarto, e espera que daí te arranquem para outro, onde não verás um raio de sol.

Teresa ergueu-se sem lágrimas, e entrou serenamente no seu quarto. Tadeu de Albuquerque foi ter com o sobrinho, e disse-lhe:

— Não te posso dar a minha filha, porque já não tenho filha. A miserável, a quem dei este nome, perdeu-se para nós e para ela.

Baltasar, que a juízo do seu tio era composto de excelências, tinha apenas uma quebra: um excesso de orgulho. Malograda a tentativa do seu amor de emboscada, voltou para a sua terra, dizendo ao velho que ele o livraria do assédio que Simão Botelho tinha posto no coração da filha. Não aprovou a reclusão no convento, discorrendo sobre as hipóteses infames que a opinião pública inventaria. Aconselhou que a deixasse estar em casa, e esperasse que o filho do corregedor viesse de Coimbra.

Ponderaram no ânimo do velho as razões de Baltasar. Teresa maravilhou-se da quietação inesperada do seu pai, e desconfiou da incoerência. Escreveu a Simão. Nada lhe escondeu do sucedido; nem as ameaças de Baltasar por delicadeza suprimiu. Rematava comunicando-lhe as suas suspeitas de algum novo plano de violência.

O académico, chegando ao período das ameaças, já não tinha clara luz nos olhos para decifrar o restante da carta. Tremia sem razão, e as artérias frontais arfavam-lhe entumecidas. Não era sobressalto do coração apaixonado: era a índole arrogante que lhe escaldava o sangue. Ir dali a Castro D'aire, e apunhalar o primo de Teresa na sua própria casa, foi o primeiro conselho que lhe segredou a fúria do ódio. Neste propósito saiu, alugou um cavalo, e pôs-se a vestir para a jornada. Já preparado, cada minuto de espera assomava-se em frenesis. O cavalo demorou-se meia hora, e o seu bom anjo, neste espaço, vestido com as galas com que ele vestia na imaginação Teresa, deu-lhe rebates de saudade daqueles tempos e ainda das horas daquele mesmo dia em que cismava na felicidade que o amor lhe prometia, se ele a procurasse no caminho do trabalho e da honra. Contemplou os seus livros com tanto afeto, como se em cada um estivesse uma página da história do seu coração. Nenhuma daquelas páginas tinha ele lido, sem que a imagem de Teresa lhe aparecesse a fortalecê-lo para vencer os tédios da continuada aplicação e os ímpetos de um natural inquieto e ansioso de emoções desusadas. «E há de tudo acabar assim? — pensava ele,

com a face entre as mãos, encostado à sua banca de estudo. — Ainda há pouco eu era tão feliz! Feliz! — repetiu ele, erguendo-se de repente — Quem pode ser feliz com a desonra de uma ameaça impune? Mas eu perco-a! Nunca mais eu hei de vê-la. Fugirei como um assassino, e o meu pai será o meu primeiro inimigo, e ela mesma há de horrorizar-se da minha vingança. A ameaça só ela a ouviu; e, se eu tivesse sido rebaixado no conceito de Teresa pelos insultos do miserável, talvez que ela os não repetisse.»

Simão Botelho releu a carta duas vezes, e à terceira leitura achou menos afrontosas as bravatas do fidalgo cioso. As linhas finais desmentiam formalmente a suspeita do insulto, com que o seu orgulho o atormentava: eram expressões ternas, súplicas ao seu amor como recompensa dos passados e futuros desgostos, visões encantadoras do futuro, novos juramentos de constância, e sentidas frases de saudade.

Quando o arrieiro bateu à porta, Simão Botelho já não pensava em matar o homem de Castro D’aire; mas resolvera ir a Viseu, entrar de noite, esconder-se e ver Teresa. Faltava-lhe, porém, casa de confiança onde se

ocultasse. Nas estalagens seria logo descoberto. Perguntou ao arrieiro se conhecia alguma casa em Viseu onde ele pudesse estar escondido uma noite ou duas, sem receio de ser denunciado. O arrieiro respondeu que tinha, a um quarto de légua de Viseu, um primo ferrador; e não conhecia em Viseu senão os estalajadeiros. Simão achou aproveitável o parentesco do homem, e logo aí o presenteou com uma jaqueta de peles e uma faixa de seda escarlate, à conta de maiores valores prometidos, se ele o servisse bem numa empresa amorosa.

No dia seguinte, chegou o académico a casa do ferrador. O arrieiro deu conta ao seu parente do que tinha falado com o estudante.

Foi Simão Botelho cautelosamente hospedado, e o arrieiro abalou no mesmo ponto para Viseu, com uma carta destinada a uma mendiga, que morava no mais impraticável beco da terra. A mendiga informou-se miudamente da pessoa que enviava a carta e saiu, mandando esperar o caminheiro. Pouco depois voltou ela com a resposta, e o arrieiro partiu a galope.

A resposta era um grito de alegria. Teresa não refletiu, respondendo a Simão, que naquela noite se festejavam os seus anos, e se reuniam em casa os parentes. Disse-lhe que às onze horas em ponto ela iria ao quintal e lhe abriria a porta.

Não esperava tanto o académico. O que ele pedia era falar-lhe da rua para a janela do seu quarto, e já receava ser impossível esse prazer. Apertar-lhe a mão, sentir-lhe o hálito, abraçá-la, talvez cometer a ousadia de um beijo, estas esperanças, tão além das suas modestas e honestas ambições, igualmente o entusiasmaram e assustaram. Entusiamos e susto em corações que se estreiam na comédia humana são sentimentos congeniais.

À hora da partida, Simão tremia, e a si mesmo tentava vencer a timidez, sem saber que os encantos da vida, os mais angélicos momentos da alma, são esses lances de misterioso alvoroço que aos mais fracos de coração sucedem em todas as estações da vida, e a todos os homens, uma vez pelo menos.

Às onze horas em ponto estava Simão encostado à porta do quintal, e a distância convencionada o arrieiro com o cavalo

à rédea. O som da música, que vinha das salas remotas, alvoroçava-o, porque a festa em casa de Tadeu de Albuquerque surpreendera-o. No longo termo de três anos nunca ele ouvira música naquela casa. Mesmo sabendo que era o dia de anos de Teresa, espantou-se da estranha alegria daquelas salas, sempre fechadas como em dias de velório. Simão imaginou desvairadamente as quimeras que voejam, ora negras, ora translúcidas, em redor da fantasia apaixonada. Não há lógica racional para as belas, nem para as honrosas ilusões, quando o amor as inventa. Simão Botelho, com o ouvido colado à fechadura, ouvia apenas o som das flautas e as pancadas do coração sobressaltado.

CAPÍTULO V

Baltasar Coutinho estava na sala, simulando vingativa indiferença pela prima. As irmãs do fidalgo e demais parentela da casa não deixavam respirar Teresa. Jovens e velhas, uma de cada vez, repetiam-se, aconselhando-a a reconciliar-se com o primo, e dar ao pai a alegria que o pobre velho tanto rogava a Deus, antes de fechar os olhos. Replicava Teresa que não queria mal ao primo, nem sequer estava ressentida com ele; que era sua amiga, e sê-lo-ia sempre enquanto lhe ele deixasse livre o coração.

O velho esperava muito daquela noitada de festa. Alguns parentes, presumidos de circunspectos, tinham-lhe dito que seria proveitoso regalar a filha com os prazeres congruentes à sua idade, dando-lhe oportunidade a que ela repartisse o espírito, concentrado num só ponto, por diversões em que a natural vaidade se preocupa, e a força do amor contrariado se vai a pouco e pouco quebrando. Aconselharam-lhe a fazer reuniões amiudadas na sua casa

com os seus parentes, para deste modo Teresa se mostrar a muitos, ser cortejada por todos, e mudar de opinião sobre o único homem a quem julgava superior a todos. O fidalgo acedeu, mas com dificuldade pois que tinha um juízo diferente dos parentes; vivera trinta anos de vida libertina e dispendiosa, e estava agora a saborear a poupança e a quietação. Os anos de Teresa eram pela primeira vez festejados com estrondo. A jovem morgada viu então o que era o minuete da sociedade, e certos jogos de prendas com que os intervalos naqueles tempos se aligeiravam em delícias, sem fadiga do corpo, nem desagrado da moral.

Mas, de tão agitada que estava, Teresa não compartilhava do gozo dos seus hóspedes. Desde que soaram as dez horas daquela noite, a rainha da festa parecia tão alienada das finezas com que senhoras e homens à competência a lisonjeavam, que Baltasar Coutinho reparou no desassossego da prima, e teve a modéstia de imaginar que ela se ofendera pela indiferença dele. Generoso até ao perdão, o morgado de Castro D’aire, compondo o rosto com um gesto grave e melancólico, dirigiu-se a Teresa, e pediu-lhe desculpa pela frieza, que, disse ele, ser como o as das

montanhas, que têm vulcões por dentro e neve por fora. Teresa teve a sinceridade de responder que não tinha reparado na frieza do seu primo, e chamou para junto dela uma menina, para evitar que a montanha se fendesse em vulcões. Pouco depois ergueu-se, e saiu da sala.

Eram dez horas e três quartos. Teresa correu ao fundo do quintal, abriu a porta, e, como não viu ninguém, voltou a correr para a sala. No momento, porém, de subir a escada que ligava o jardim à casa, Baltasar Coutinho, que a espiava desde que ela saiu da sala, aproximou-se de uma das janelas que dava para e o jardim, bem longe de imaginar que a via. Retirou-se, e entrou com Teresa na sala, ao mesmo tempo, por diversa porta. Decorridos alguns minutos, a menina saiu outra vez, e o primo também. Teresa ouviu, à distância, o estrépito de um cavalo, quando passou ao patamar da escada. Baltasar também o ouviu, e notou que a sua prima, receosa de ser vista e conhecida pelo branco do vestido, levava uma capa ou xaile que a envolvia toda. O de Castro D'aire fez pé atrás para não ser visto. Teresa, porém, num relance de olhar temeroso, ainda viu um vulto retirar-se. Teve medo, e retrocedeu largando a

capa, e entrou na sala, ofegante de cansaço e pálida de medo.

— Que tens, minha filha? — disse-lhe o pai — Já duas vezes saíste da sala, e vens tão alvoroçada! Passa-se alguma coisa, Teresa?

— Tenho uma dor no peito: preciso de ir respirar de vez em quando... Não é nada, meu pai.

Tadeu acreditou, e disse a toda a gente que a sua filha sentia-se mal; só o não disse ao seu sobrinho, porque o não encontrou, e percebeu que ele tinha saído.

Também Teresa deu pela ausência do primo, e fingiu que o ia procurar, resolução de que o velho gostou muito. Desceu ela ao jardim, correu à porta, onde a esperava Simão, abriu-a, e, com a voz cortada pela ansiedade, disse apenas:

— Vai-te embora: vem amanhã às mesmas horas. vai, vai!

Simão, enquanto ouvia isto, tinha os olhos fitos num vulto, que se aproximava deles, rente com o muro do quintal. O arrieiro, que vira-o primeiro, deu um sinal, e entalou as

rédeas do cavalo entre umas pedras, para ficar livre caso o estudante não se pudesse haver sozinho com o inimigo.

Simão Botelho não se moveu do local, e Baltasar Coutinho parou à distância de seis passos. O arrieiro avançou lentamente a meio caminho do patrão, mas este gritou-lhe para que não se aproximasse. E, caminhando em direção ao vulto, agarrou duas pistolas, e disse-lhe:

— Isto aqui não é caminho. Que quer?

O fidalgo não respondeu.

— Quer que lhe abra a boca com uma bala? — disse Simão.

— Que lhe importa ao senhor saber o que quero? — disse Baltasar — Se eu tiver um segredo, como o senhor parece que tem o seu nestes sítios, sou obrigado a confessar-lho!?

Simão refletiu, e respondeu:

— Este muro pertence a uma casa onde mora uma só família, e uma só mulher.

— Nesta casa há mais de quarenta mulheres esta noite — redarguiu o primo de Teresa. — Se o cavalheiro espera uma, eu posso esperar outra.

— Quem é o senhor? — disse com arrogância o filho do corregedor.

— Não conheço o homem que me interroga, nem quero conhecer. Fiquemos cada um com o nosso nome incógnito. Boas noites.

Baltasar Coutinho retrocedeu, dizendo entre si: «De que vale uma espada contra dois homens e duas pistolas?»

Simão Botelho cavalgou, e partiu para casa do hospitaleiro ferrador.

O sobrinho de Tadeu de Albuquerque entrou na sala sem denunciar nenhuma alteração de ânimo. Viu que Teresa o observava de revés, e soube dissimular o que lhe ia na alma de modo que isso a sossegou. A pobre menina, ansiosa por se ver sozinha, viu com prazer erguer-se para sair a primeira família, que deu rebate às outras, menos a de Castro D’aire e as suas irmãs, que ficaram hospedados em

casa do seu tio, com tenção de se demorarem oito dias em Viseu.

Velou Teresa o resto da noite, a escrever a Simão a longa história dos seus terrores, e pedindo-lhe perdão por não o ter avisado do baile, pois estava doida de alegria com a sua vinda. No tocante ao plano de se encontrarem na noite seguinte não havia alteração na carta. Isto espantou o académico. A seu ver, aquele vulto era o de Baltasar Coutinho, e o pai de Teresa devia ser sido avisado naquela mesma noite.

Escreveu ele a contar a história do incidente mas receando, porém, assustar Teresa e privar-se da entrevista, escreveu nova carta, em que não transluzia medo de ser atacado, nem sequer receio de marear-lhe a fama. Quis parecer a Simão Botelho que este era o digno porte de um amante corajoso.

Passou o estudante aquele dia a contar as longas horas, e meditando instantes nos funestos resultados que podia ter a sua temerária ida, se Baltasar Coutinho era aquele homem que reservara para melhor relance a vingança da

provocação insolente. Mas, de si para si, pensar ele que isso era mais covardia que prudência.

O ferrador tinha uma filha, rapariga de vinte e quatro anos, formas bonitas, um rosto belo e triste. Notou Simão os reparos em que ela se demorava a contemplá-lo, e perguntou-lhe a causa daquele olhar melancólico com que ela o olhava. Mariana corou, abriu um sorriso triste, e respondeu:

— Não sei o que me adivinha o coração a respeito da vossa Senhoria. Alguma desgraça está para lhe suceder.

— A menina não dizia isso — respondeu Simão — sem saber alguma coisa da minha vida.

— Alguma coisa sei. — disse ela.

— Foi o arrieiro que lhe contou?

— Não, senhor. É que o meu pai conhece o da vossa Senhoria, e também conhece o senhor. E há bocado, ouvi estar o meu pai a dizer ao meu tio, que é o arrieiro que veio com a vossa Senhoria, que tinha as suas razões para saber que alguma desgraça lhe estava para acontecer.

— Porquê?

— Por amor de uma fidalga de Viseu, que tem um primo em Castro D'aire.

Simão espantou-se da publicidade do seu segredo, e ia colher pormenores do que ele julgava ser mistério entre as duas famílias, quando o mestre ferrador João da Cruz entrou no sobrado, onde o precedente diálogo se passara. A rapariga, como ouviu os passos do pai, saiu lestamente por outra porta.

— Com a sua licença — disse mestre João.

Dizendo, fechou por dentro ambas as portas, e sentou-se sobre uma arca.

— Ora, meu fidalgo — continuou ele, descendo as mangas arregaçadas da camisa, e apertando-as com dificuldade nos grossos pulsos, como quem sabe as etiquetas das mangas — há-se-me desculpar por ter vindo assim em mangas de camisa; mas não dei com a jaqueta.

— Está muito bem, senhor João — atalhou o académico.

— Pois, senhor, eu devo um favor ao seu pai, e um favor grande. Uma vez armou-se aqui à minha porta uma desordem, por causa de um coice que um cavalo de um almocreve deu numa égua, que eu estava a ferrar, e, em tão boa hora foi, que lhe partiu a perna por aqui, mais ou menos.

João da Cruz mostrou na sua perna o ponto por onde fora fraturada a da égua, e continuou:

— Como tinha ali à mão o martelo, não me contive e preguei-o com ele na cabeça do cavalo, que foi logo para terra. O recoveiro de Garção, que era chibante(*), deitou as unhas a um bacamarte, que trazia entre uma carga, e disparou-mo logo, sem mais tir-te nem guar-te. «Ó alma danada! — disse-lhe eu — pois tu não vês que o teu cavalo aleijou esta égua, que custou vinte peças ao seu dono, e que eu agora tenho de pagar, e tu queres dás-me um tiro por eu te atordoar o cavalo!?»

[(*)Valentão, brigão.]

— E o tiro acertou-lhe? — atalhou Simão.

— Acertou: mas saberá vossa senhoria que me não matou; acertou-me aqui por este braço esquerdo com dois quartos. E então eu, entro em casa, vou à cabeceira da cama, trago uma clavina, e desfecho-lha na tábua do peito. O almocreve caiu como um tordo, e não tugiu nem mugiu. Prenderam-me, e fui para Viseu e já lá estava há três anos, no ano em que o paizinho da vossa senhoria foi nomeado corregedor. Andava muita gente a trabalhar contra mim, e todos me diziam que eu ia parar à forca. Estava lá na enxovia comigo um preso a cumprir sentença, e disse-me ele que o senhor corregedor tinha muita devoção para com as sete dores da nossa Senhora. Uma vez que ele ia a passar com a família para a missa e disse-lhe eu: «Senhor corregedor, peço a vossa senhoria, pelas sete dores de Maria Santíssima, que me mande ir à sua presença, para eu explicar a minha culpa a vossa senhoria.» O paizinho de vossa senhoria chamou o meirinho-geral, e mandou apontar o meu nome. Ao outro dia fui chamado à presença do senhor corregedor e contei-lhe tudo, mostrando-lhe ainda as cicatrizes do braço. O seu pai ouviu-me, e disse- me: «Vai-te embora, que eu farei o que puder.» O caso é, meu fidalgo, que eu saí absolvido, quando muita gente dizia que

eu havia de ser enforcado à minha porta. Faz favor de me dizer se eu não devo andar com a cara onde o seu paizinho põe os pés!?

— Tem o senhor João motivo para lhe ser grato, não há dúvida nenhuma.

— Agora faz favor de ouvir o resto. Eu, antes de ser ferrador, fui criado de farda em casa do fidalgo de Castro D'aire, que é o senhor Baltasar. Conhece-o vossa senhoria? Ora, se conhece!

— Conheço de nome.

— Foi ele que me abonou dez moedas de ouro para me estabelecer; mas já lhas paguei, Deus seja louvado. Há de haver seis meses que ele me mandou chamar a Viseu, e me disse que tinha trinta peças para me dar, se eu lhe fizesse um serviço. «O que a vossa senhoria quiser, fidalgo.» E então ele disse-me que queria que eu tirasse a vida a um homem. Isto mexeu cá por dentro comigo, porque, a dizer a verdade, um homem que mata outro por estar num aperto não é o mesmo que um assassino de ofício, pois não?

— Decerto. — respondeu Simão, adivinhando o remate da história — Quem era o homem que ele queria ver morto?

— Era vossa senhoria. Ó homem! — disse o ferrador com espanto. — O senhor nem sequer mudou de cor!

— Eu não nunca mudo de cor, senhor João — disse o académico.

— Estou pasmado!

— E vossemecê não aceitou a incumbência, pelo que vejo — disse Simão.

— Não, senhor. Quando ele me disse quem era, a minha vontade era pregar-lhe com a cabeça numa esquina.

— E ele disse-lhe a razão porque me mandava matar?

— Não, meu fidalgo; eu conto-lhe: Na semana seguinte, quando soube que o senhor Baltasar (raios o partam!) tinha saído de Viseu, fui falar com o senhor corregedor, e contei-lhe tudo como se passara. O senhor corregedor esteve a pensar um pouco, e disse-me.. e a vossa senhoria há de me perdoar por lhe dizer o que o seu pai me disse tal e qual.

— Diga.

— O seu pai começou a esfregar o nariz, e disse-me: «Eu sei o que é isso. Se aquele brejeiro do meu filho Simão tivesse honra, não olharia para a prima desse assassino. Pensa o patife que eu consentiria que o meu filho se ligasse a uma filha de Tadeu de Albuquerque!» E ainda disse mais coisas que não lembro mas fiquei ali a perceber tudo. Ora aqui tem o que se passou. Depois apareceu-me aqui vossa senhoria que na noite passada foi a Viseu. Perdoará a minha confiança mas vossa senhoria foi falar com a tal menina e eu estive para segui-lo mas, como ia o meu cunhado, que é homem para três, fiquei descansado. Ele falou-me do encontro que vossa senhoria teve à porta do quintal da menina. Se lá voltar, senhor Simão, vá preparado para alguma coisa de maior. Eu bem sei que vossa senhoria não é medroso; mas de uma traição ninguém se livra. Se quer que eu vá também, estou às suas ordens; e a clavina(*) que deu polícia ao almocreve ainda ali está, e dá fogo debaixo de água, como diz o outro. Mas, se vossa senhoria dá licença que eu lhe diga a minha opinião, o melhor é não andar nessas encamisadas. Se quer casar com ela, vá pedir licença ao seu paizinho, e deixe o resto cá por minha conta; desde que ela queira, eu, num abrir e fechar

de olhos, atiro com ela para cima de uma égua, que ali tenho, e seu o pai e o seu primo ficam a ver navios.

[(*)Clavina - arma de fogo do século XIX usava sobretudo por homens montados a cavalo pela sua facilidade de manuseamento]

— Obrigado, meu amigo — disse Simão. — Aproveitarei os seus bons serviços quando me forem necessários. Esta noite hei de ir, como fui a noite passada, a Viseu. Se houver novidades, então veremos o que se há de fazer. Conto com vossemecê, e creia que tem em mim um amigo.

Mestre João da Cruz não respondeu. Dali foi examinar miudamente clavina, e entender-se com o cunhado sobre as cautelas necessárias, enquanto descarregava a arma, e a carregava de novo com umas balas especiais, que ele denominava «amêndoas de pimpões».

Neste intervalo, Mariana, a filha do ferrador, entrou no sobrado, e disse com meiguice a Simão Botelho:

— Então sempre é certo o senhor ir?

— Vou; porque não hei de ir?

— Pois nossa Senhora há de com certeza ir na sua companhia — disse ela, saindo a correr para esconder as

lágrimas.

CAPÍTULO VI

Às dez horas e meia da noite daquele dia, três vultos convergiram para o local, pouco frequentado, em que se abria a porta do quintal de Tadeu de Albuquerque. Ali se detiveram alguns minutos discutindo e gesticulando. Dos três vultos havia um, cujas palavras eram ouvidas em silêncio e sem réplica pelos outros. Dizia ele para um dos dois:

— Não convém que estejas perto desta porta. Se o homem aparecesse aqui morto, as suspeitas caíam logo sobre mim ou sobre o meu tio. Afastem-se vocês um do outro, e tenham o ouvido atento ao tropel do cavalo. Depois apressem o passo até o encontrarem, de modo que os tiros sejam dados longe daqui.

— Mas... — atalhou um — quem nos diz que ele vem a cavalo e não a pé?

— É verdade! — acrescentou o outro.

— Se ele vier a pé, eu lhes darei aviso para o seguirem até o terem a jeito de tiro, mas longe daqui, perceberam? — disse Baltasar Coutinho.

— Sim, senhor; mas e se ele for para casa do pai, e entra sem nos dar tempo de atirar?

— Tenho a certeza de que não vai para casa do pai, já vos disse. Basta de palavreado. Vão esconder-se atrás da igreja, e não adormeçam.

Debandou o grupo, e Baltasar ficou alguns momentos encostado ao muro. Soaram os três quartos depois das dez. O de Castro D'aire colocou o ouvido à porta, e retirou-se aceleradamente, ouvindo o rumor da folhagem seca que Teresa vinha a pisar.

Assim que Baltasar, cosido com o muro, desapareceu, um vulto aproximou-se do outro lado a passo rápido. Não parou: foi direito a todos os pontos onde na sombra se podia esconder um homem. Rodeou a igreja que estava a duzentos passos de distância. Viu os dois vultos direitos com o recanto que formava a junção da capela-mor, e sobre o qual caíam as sombras da torre. Olhou-os de passagem, e

suspeitou; não os conheceu, mas eles disseram entre si, depois que ele desapareceu:

— É o João da Cruz, ferrador, ou o diabo por ele!

— Que fará a esta hora por aqui?

— Não sei!

— Não desconfias que ele entre nisto?

— Qual quê! Se entrasse, era por nós. Não sabes que ele foi sócio do nosso amo?

— E também sei que pôs a loja com dinheiro do Sr. Baltasar.

— Pois então que medo tens?

— Não há medo; mas também sei que foi o corregedor que o livrou da forca.

— Isso que tem! O corregedor não se importa com isto, nem sabe que o filho cá está.

— Assim será; mas não estou muito contente. Ele é homem dos diabos.

— Deixá-lo ser... tanto entram as balas nele como noutro.

A discussão continuou sobre várias conjeturas. De tudo o que eles disseram uma coisa era certíssima: ser o vulto o João da Cruz, ferrador.

Teria ele dado trezentos passos, quando os criados de Baltasar ouviram o remoto tropel de um cavalo. Ao tempo que eles saíam do seu esconderijo, saía João da Cruz à frente do cavaleiro. Simão aperrou as pistolas, e o arrieiro uma clavina. — Não há novidade — disse o ferrador -, mas saiba a vossa senhoria que já podia estar em baixo do cavalo com quatro tiros no peito.

O arrieiro reconheceu o cunhado, e disse:

— És tu, João?

— Sou eu. Vim primeiro que tu.

Simão estendeu a mão ao ferrador, e disse-lhe comovido:

— Dê cá a sua mão; quero sentir na minha a mão de um homem honrado.

— Nas ocasiões é que se conhecem os homens — redarguiu o ferrador. — Ora vamos, não há tempo para falatório. O senhor doutor tem gente de soslaia à sua espera.

— Tenho? — disse Simão.

— Atrás da igreja estão dois homens que eu não pude conhecer; mas não se me dava de jurar que são criados do Sr. Baltasar. Salte do cavalo, que há de haver mostarda. Eu disse-lhe para não vir; mas a vossa senhoria veio, e agora é andar com a cara para a frente.

— Eu não tenho medo, mestre João — disse o filho do corregedor.

— Bem sei que não; mas, à vista do inimigo, veremos.

Simão tinha parado. O ferrador tomou as rédeas do cavalo, recuou alguns passos na rua, e foi prendê-lo à argola da parede de uma estalagem.

Voltou e disse a Simão que o seguisse a ele e ao cunhado na distância de vinte passos; e que, se os visse parar perto do quintal de Albuquerque, não passasse do ponto de onde os visse.

Quis o académico protestar contra um plano que o humilhava como protegido pela defesa dos dois homens; o ferrador, porém, não admitiu uma resposta.

— Faça o que lhe digo, fidalgo — disse ele com energia.

João da Cruz e o cunhado, espiando todas as esquinas, chegaram à frente do quintal de Teresa, e viram um vulto a sumir-se no ângulo da parede.

— Vamos a eles — disse o ferrador — já passaram para o adro da igreja; nestes entrementes, o doutor chega à porta do quintal e entra; depois voltaremos para lhe guardar a saída.

Neste propósito, moveram-se apressados, e Simão Botelho caminhou com as pistolas aperradas na direção da porta.

Em frente do muro do jardim de Teresa havia uma cascalheira escarpada, que se explanava depois numa alameda sombria.

Os dois criados de Baltasar, quando o tropel do cavalo parou, recordaram as ordens do amo, no caso de vir a pé Simão. Procuraram um sítio para o espreitarem a sair, e

entraram na alameda quando o académico chegou à porta do quintal.

— Agora está seguro — disse um.

— Se lá não ficar dentro. — respondeu o outro, vendo-o entrar, e fechar-se a porta.

— Mas além vêm dois homens. — disse o mais assustado, olhando para a outra entrada da alameda.

— E vêm direitos a nós. Prepara a arma.

— O melhor é fugirmos. Estamos à espera do outro, e não destes. Vamos embora daqui.

Este não esperou convencer o companheiro: desceu a ribanceira do cascalho. O mais intrépido teve também a prudência de todos os assassinos assalariados: seguiu o assustadiço, e deu-lhe razão, quando ouviu atrás de si os passos velozes dos perseguidores. Saiu-lhes o amo à frente, quando dobravam a esquina do quintal, e disse-lhes:

— Porquê que fogem, seus poltrões?

Os homens pararam envergonhados, aperrando as clavina.

João da Cruz e o arrieiro apareceram, e Baltasar dirigiu-se a eles, a gritar:

— Alto aí!

O ferrador disse ao cunhado:

— Fala-lhe tu, que eu não quero que ele me conheça.

— Quem nos manda parar? — disse o arrieiro.

— Três clavinas. — respondeu Baltasar.

— Vê se os demoras para dar tempo que o doutor saia — disse João da Cruz ao ouvido do arrieiro.

— Pois cá estamos parados — respondeu o criado de Simão. — O que querem?

— Quero saber o que têm a fazer neste sítio.

— E vocês que fazem por cá?

— Não admito perguntas — disse o de Castro D'aire, aventurando alguns passos vacilantes para a frente. — Quero saber quem são.

Mestre João disse ao ouvido do cunhado:

— Diz-lhe que se dá mais um passo que o arrebentas.

O arrieiro repetiu a cláusula, e Baltasar parou.

Um dos criados deste chamou-o ao lado para lhe dizer que aquele que não falava parecia ser o João da Cruz. O morgado duvidou, e quis esclarecer-se; mas o ferrador ouviu as palavras do criado, e disse ao cunhado:

— Vem comigo, que eles conhecem-me.

Dizendo, voltou as costas ao grupo, e caminhou ao longo do quintal de Tadeu de Albuquerque. Os criados de Baltasar, animados pela retirada dos outros dois, como se tratasse uma derrota certa, apressaram o passo a perseguir os supostos fugitivos. O morgado ainda lhes disse para que não os seguissem; mas eles, momentos antes cobardes, queriam desforrar-se agora, correndo atrás o inimigo tanto quanto eles próprios lhes tinham fugido antes.

Simão Botelho ouviu os passos ligeiros, e, compelido pelo susto de Teresa, abriu a porta do quintal, sem saber ainda de quem eram os passos. João da Cruz, com ar galhofeiro, já quando os perseguidores se viam, disse ao filho do corregedor se estava ajustado o casamento, que “não havia pano para mangas”.

Simão entendeu o perigo, apertou convulsivamente a mão de Teresa, e retirou-se. Queria ele reconhecer os dois vultos parados à distância; mas João da Cruz, com o tom imperioso de quem obriga à submissão, disse ao filho do corregedor:

— Vá por onde veio, e não olhe para trás.

Simão correu até encontrar o cavalo. Montou, e esperou os dois inalteráveis guardas que o seguiam a passo vagaroso. Espantava-os o súbito desaparecimento dos criados de Baltasar, e recearam alguma espera fora da cidade.

O ferrador conhecia o atalho que os podia levar da emboscada ao caminho certo, e revelou o seu receio a Simão, dizendo-lhe que seguisse em frente a toda a pressa que ele e o cunhado lá iriam ter. O académico recebeu com enfado a advertência, pedindo-lhes que o não tivessem em tão vil preço. E acintosamente sofreou as rédeas, para não forçar os homens a aligeirar o passo.

— Vá como quiser — disse mestre João — que nós vamos por fora do caminho.

E subiram para uma rampa de olivais, para tornarem a descer encobertos por moitas de giestas, cosendo-se aos torcicolos de uma parede paralela com a estrada.

— O atalho segue por ali onde a serra faz aquele cotovelo — disse o ferrador ao cunhado -, hão de ali passar, ou já passaram. A estrada vai mesmo na quebrada daquele outeiro. Os homens é certamente dali que vão atirar, encobertos pelos sobreiros. Vamos depressa.

E um pouco descobertos, e outro curvados à sombra das giestas, chegaram a um vale de onde ouviram os passos dos dois homens que atravessavam o pontilhão de um ribeiro.

— Já não vamos a tempo — disse aflito o João da Cruz -, os homens vão atirar-lhe, porque o cavalo faz muito barulho.

E corriam já sem temor de serem vistos, porque os outros tinham dobrado o outeiro, em cujo vale corria a estrada.

— Os homens vão atirar-lhe. — disse o ferrador.

— Gritaremos daqui ao doutor para que não siga em frente.

— Já não há tempo. Se o matarem ou não, quando voltarem são nossos.

Tinham já passado o pontilhão, e subiam a ladeira, quando ouviram dois tiros.

— Arriba! — exclamou João da Cruz — que não vão eles meter-se à estrada, se mataram o fidalgo.

Passaram o atalho, esbofados e ansiados, com as clavinas aperradas. Os criados de Baltasar, ao invés da conjetura do ferrador, retrocederam pelo mesmo atalho, supondo que os companheiros de Simão iam à frente batendo os pontos azados à emboscada, ou que se tinham retardado.

— Eles aí vêm! — disse o arrieiro.

— E nós cá os esperamos — respondeu o ferrador, escondendo-se atrás de uma elevação. — Senta-te também, que eu não estou para correr atrás deles.

Os assassinos, a dez passos, viram de frente erguerem-se os dois vultos, e ladearam cada um para o seu lado, um galgando os socalcos de uma vinha, o outro atirando-se para uns silveirais.

— Atira ao da esquerda! — disse João da Cruz.

Foram simultâneas as explosões. A pontaria do ferrador fez logo um cadáver. Os balotes do arrieiro não estremaram o outro entre o carrascal onde se embrenhara.

A este tempo tapava Simão o sangue de onde lhe tinham atirado, e corria em direção onde ouvira os segundos tiros.

— É a vossa senhoria, fidalgo? — bradou o ferrador.

— Sou.

— Não o mataram?

— Creio que não — respondeu Simão.

— Este desalmado deixou fugir o melro — disse João da Cruz — mas o meu lá ali a morrer na vinha. Sempre lhe quero ver as trombas.

O ferrador desceu os três socalcos da vinha, e curvou-se sobre o cadáver, dizendo:

— Alma de cântaro, se eu tivesse duas clavinas, não ias sozinho para o Inferno.

— Anda daí! — disse o arrieiro — deixa lá esse diabo, que o senhor doutor está ferido no ombro. Vamos depressa que está o sangue a escorrer-lhe.

— Eu vi duas cabeças a espreitarem-me de cima da ribanceira, e pensei que eram vocês — disse Simão, enquanto o ferrador, com a destreza de hábil cirurgião, lhe enfaixava com lenços o braço ferido. — Parei o cavalo, e disse: «Olá! há novidades?» Uma vez que me não responderam, saltei para terra; mas ainda tinha eu um pé no estribo quando dispararam. Quis saltar a ribanceira, mas não consegui atravessar o mato cerrado. Dei uma volta grande para achar o caminho, e foi então que me apercebi que estava ferido.

— Isto é uma arranhadela — disse João da Cruz. — Olhe que eu sei disto, fidalgo! Sou mestre a curar muitas feridas.

— Nos burros, mestre João? — disse o ferido, a sorrir.

— E nos cristãos também, senhor doutor. Olhe que houve em Portugal um rei que não queria outro médico senão um alveitar.(*) Hei de mostrar-lhe o meu corpo que está uma rede de facadas, e nunca fui ao cirurgião. Com

ceroto e vinagre sou capaz de ir ressuscitar aquele alma do diabo que ali está a escutar a cavalaria.

[(*)Profissão que, antecedeu a dos atuais veterinários. Um alveitar era um homem que tratava de doenças de animais fazendo curativos, sangrias, castração etc.).]

Nisto ouviu-se um leve rumor de folhagem no matagal para onde tinha saltado o companheiro do morto.

João da Cruz, como um cão de fino olfato, fitou a orelha e resmungou:

— Querem vocês ver que eles ainda se armam! Ou será que o outro está por ali a tremer?

O rumor continuou, e depressa um bando de pássaros rompeu dentro da folhagem a chilrear.

— O homem está ali — disse o ferrador. — Passe-me cá uma pistola, senhor Simão!

Correu mestre João, e ao mesmo tempo uma grande restolhada fez-se ouvir entre as moitas de codessos e urzes.

— Ele move-se como um porco do monte! — exclamou o ferrador — Ó cunhado, atira-lhe pedras; quero ver sair o javali da moita!

Do outro lado do mato estava um terreno cultivado. Simão, rodeando a sebe, conseguira saltar para o campo sobre a pedra de um agueiro.(*)

[(*) Agueiro - Orifício, nos muros das propriedades rústicas, pelo qual entram as águas aproveitáveis na cultura]

— Tenha lá cuidado, mestre; não vá você atirar-me com uma bala! — bradou Simão ao ferrador.

— Pois o fidalgo já está aqui!? Então está fechado o cerco. Eu cá vou fazer de furão. Se este nos escapa, não há nada seguro neste mundo!

Não se enganaram. O criado de Baltasar Coutinho, quando se atirara desamparado para trás do mato, deslocara um joelho, e caíra atordoado. O arrieiro não examinou o efeito do tiro, porque atirara ao calhas, e achava natural que o fugitivo se não molestasse. Quando voltou a si do aturdimento da queda, o homem arrastou-se até encontrar um cerrado de árvores silvestres, em que pernoitava a passarinhada. Como os melros assustaram-se e esvoaçaram, o criado de Baltasar retrocedeu para o mato, pensando que aí escaparia; mas o arrieiro atirou enormes calhaus em todas as direções, e alguns acertavam mais que

as balas do seu bacamarte. João da Cruz tirou do bolso da jaqueta uma navalha, e começou a cortar a selva de carvalhas novas e giestais que se emaranhavam em redor do esconderijo. Já cansado, porém, e vendo o pouco fruto do trabalho, disse ao arrieiro:

— Preciso de lume, vai ali dentro buscar um pouco de restolho seco, e vamos pegar fogo ao mato, que este ladrão há de morrer assado.

O perseguido, quando tal ouviu, tirou do maior perigo coragem para fugir, rompendo a espessura e saltando a parede da tapada para o campo de restolho em que o arrieiro andava a apanhar erva, e Simão esperava o desfecho da montaria. Correram durante um bocado, o arrieiro e o académico atrás dele. O fugitivo, sentindo-se alcançado, lançou-se de joelhos e mãos erguidas, pedindo perdão, e dizendo que o amo o obrigara àquela desgraça. Já o bacamarte do arrieiro lhe ia direito ao peito, quando Simão lhe reteve o braço.

— Não se mata assim num homem ajoelhado! — disse o rapaz — Levanta-te, rapaz!

— Eu não posso, senhor. Tenho uma perna quebrada, e estou aleijado para o resto da minha vida!

Neste instante, chegou o ferrador, e exclamou:

— Então este tratante ainda está vivo!

E correu sobre ele com a navalha.

— Não mate o homem, senhor João! — disse o filho do corregedor.

— Como não o mato?! Essa é de cabo-de-esquadra! Com que então o fidalgo quer pagar-me com a forca o favor de eu o ter salvo. hem?

— Com a forca!? — atalhou Simão.

— Claro! Quer que este homem viva para contar a história desta noite? Acha bem? Vossa senhoria, como é filho de ministro, não terá perigo; mas eu, que sou ferrador, posso contar que desta vez terei o baraço ao pescoço. Não me faz jeito o negócio. Deixe-me cá com o homem.

— Não o mate, senhor João; peço-lhe. Deixe-o ir. Uma testemunha não nos pode fazer mal.

— O quê! — redarguiu o ferrador —vossa senhoria é doutor, saberá muito, mas de justiça não sabe nada, e há de me perdoar meu atrevimento. Basta uma só testemunha para guiar a justiça. Às duas por três, uma testemunha de vista, e quatro de ouvir dizer, com o fidalgo de Castro D’aire a mexer os pauzinhos, é forca certa, como dois e dois serem quatro.

— Eu não digo nada; não me matem, que eu nem volto a ir para Castro D’aire — exclamou o homem.

— Deixe-o ficar, João da Cruz. vamos embora.

— Isso! — acudiu o ferrador — Chame-me João da Cruz! Para este bandido ter a certeza de que sou eu! Com efeito, não sei o que pensar em vossa senhoria querer deixar com vida uma alma do diabo que lhe deu um tiro para o matar.

— Pois, tem razão; mas eu não sei castigar miseráveis que me não resistem.

— E se ele o tivesse matado, castigava-o? Responda a isto, senhor doutor.

— Vamos embora — disse Simão -, deixemos para aí esse miserável.

Mestre João pensou por alguns momentos, coçando a cabeça, e resmungou com descontentamento:

— Vamos lá. Quem o seu inimigo poupa, nas mãos lhe morre.

Tinham já saído do terreno e saltado a tapada, e iam a descer para a estrada, quando o ferrador exclamou:

— Deixei a clavina encostada à sebe. Vão indo, que eu venho já.

O arrieiro conduzia o cavalo, que estivera pacificamente a comer a relva dos lados marginais da estrada, quando Simão ouviu gritos. Conjeturou com certeza o que era.

— O João lá está a fazer justiça! — disse o arrieiro. — Deixá-lo lá, meu amo, que ele é homem que sabe o que faz.

João da Cruz apareceu daí a pouco, limpando com fetos a navalha ensanguentado.

— Você é cruel, Sr. João — disse o académico.

— Não sou cruel — disse o ferrador —, o fidalgo está enganado comigo; é que, diz lá o ditado, morrer por morrer, morra o meu pai que é mais velho. Tanto faz matar um

como dois. Quando se está com a mão na massa, tanto faz amassar um alqueire como três. As obras devem ser acabadas, ou então o melhor é não se meter a gente nelas. Agora, levo a minha consciência sossegada. A justiça que prove, se quiser; mas não hão de ser aqueles dois a dizer que eu os mandei de presente para o Diabo.

Simão teve um momento de horror perante as palavras do homicida, e de arrependimento de se ter ligado com tal homem.

CAPÍTULO VII

O ferimento de Simão Botelho era demasiado melindroso para obedecer prontamente ao curativo do ferrador, enfronhado em aforismos de alveitaria. A bala passara-lhe de revés a porção muscular do braço esquerdo; mas algum vaso importante rompera, que não bastavam compressas a vedar-lhe o sangue. Horas depois de ferido, o académico ficou febril, deixando-se medicar pelo ferrador. O arrieiro partiu para Coimbra, encarregado de espalhar a notícia de que Simão Botelho estava no Porto.

Mais do que as dores e o receio da amputação, mortificava-o a ânsia de saber noticias de Teresa.

João da Cruz estava sempre de sobreaviso, precavido contra algum procedimento judicial de suspeitas que caíssem sobre ele. As pessoas que vinham da feira na cidade contavam todas que dois homens tinham aparecido mortos, e constava serem criados de um fidalgo de Castro

D’aire. Ninguém, porém, ouvira imputar o assassínio a determinadas pessoas.

Na tarde desse dia recebeu Simão a seguinte carta de Teresa:

«Deus permita que tenhas chegado sem perigo a casa dessa boa gente. Eu não sei o que se passa, mas há coisa misteriosa que eu não posso adivinhar. O meu pai tem estado toda a manhã fechado com o primo, e a mim não me deixa sair do quarto. Mandou-me tirar o tinteiro; mas eu felizmente estava prevenida com outro. A nossa Senhora quis que a velha mendiga viesse pedir esmola debaixo da janela do meu quarto; senão não tinha modo de lhe dar sinal para ela esperar esta carta. Não sei o que ela me disse. Falou-me em criados mortos; mas eu não consegui entender. A tua mana Rita está a acenar-me por trás dos vidros do teu quarto.

Disse-me agora a tua mana que os amigos do meu primo tinham aparecido mortos perto da estrada. Agora já sei tudo. Estive para lhe dizer que tu estás aí; mas não me deram oportunidade. O meu pai de hora a hora dá passeios pelo corredor, e solta uns ais muito altos.

Ó meu querido Simão, que será feito de ti? Estarás ferido? Serei eu a causa da tua morte?

Diz-me o que souberes. Eu já não peço a Deus senão a tua vida. Foge desse sítio; vai para Coimbra, e espera que o tempo melhore a nossa situação. Tem confiança nesta tua amada, que é digna da tua dedicação. A mendiga está a chegar: não quero demorá-la mais. Perguntei-lhe se sabia de ti alguma coisa, e ela respondeu que não. Deus o queira.»

Respondeu Simão a querer tranquilizar o ânimo de Teresa. Do seu ferimento falava tão de passagem, que dava a supor que nem tinha sido necessário curativo. Prometia partir para Coimbra assim que o pudesse fazer sem receio de Teresa sofrer na sua ausência. Animava-a a avisá-lo, assim que as ameaças do convento passassem a ser realizadas.

Entretanto, Baltasar Coutinho, chamado às autoridades judiciárias para esclarecer a devassa instaurada, respondeu que efetivamente os homens mortos eram os seus criados, de quem ele e a sua família se acompanhara de Castro D'aire. Acrescentou que não sabia que eles tivessem

inimigos em Viseu, nem tinha contra alguém as mais leves presunções.

Os mais próximos vizinhos da localidade, onde os cadáveres tinham aparecido, depuseram apenas que, a alta horas da noite, tinham ouvido dois tiros ao mesmo tempo, e outro, pouco depois. Um apenas adiantava coisa que não adiantava muito justiça, e vinha a ser que o mato, nas vizinhanças do local, fora espezinhado e cortado. Perante tal obscuridade a justiça não pode dar passo algum.

Tadeu de Albuquerque era conivente no atentado contra a vida de Simão Botelho. Fora o seu alvitre, quando o sobrinho denunciou a causa das saídas frequentes de Teresa, na noite do baile. Tanto ao velho como ao morgado convinha apagar algum indício que pudesse envolvê-los no mistério daquelas duas mortes. Os criados não mereciam a pena de um desforço que implicasse a desonra dos seus amos. Provas contra Simão Botelho não podiam aduzi-las. Àquela hora supunham eles que estaria a caminho de Coimbra, ou refugiado em casa do seu pai. Restava-lhes ainda a esperança de que ele tivesse sido ferido, e fosse morre longe do local em que o tinham atacado.

Quanto a Teresa, resolveu Albuquerque encerrá-la num convento do Porto, e escolheu Monchique, onde era prioresa uma sua parenta próxima. Escreveu à prelada para lhe preparar aposentos, e ao procurador para negociar as licenças eclesiásticas para a entrada. Todavia, receando o velho algum incidente no espaço de tempo que esperava até se conseguirem as licenças, resolveu não ter consigo Teresa, e solicitou a retenção temporária dela num convento de Viseu.

Acabara Teresa de ler e esconder no seio a resposta de Simão Botelho, que a mendiga lhe passara ao escurecer, pendente de uma linha, quando o pai entrou no seu quarto, e a mandou vestir-se. A menina obedeceu, agarrando numa capa e num lenço.

— Vista-se como quem é: lembre-se que ainda tem os meus apelidos — disse com severidade o velho.

— Pensei que não era preciso vestir-me melhor para sair à noite. — disse Teresa.

— E a senhora sabe para onde vai?

— Não sei. O meu pai não mo disse.

— Então vista-se, e não me dê leis.

— Mas, meu pai, ouça-me um momento.

— Diga.

— Se a sua ideia é obrigar-me a casar com o meu primo…

— E daí?

— Decerto que não caso; morro, e morro contente, mas não caso.

— Nem ele a quer. A senhora é indigna de Baltasar Coutinho. Um homem do meu sangue não aceita para esposa uma mulher que fala de noite aos amantes nos quintais. Vista-se depressa, que vai para um convento.

— Prontamente, meu pai. Esse destino já lho pedi eu muitas vezes.

— Não quero reflexões. Daqui a pouco apareça-me vestida. As suas primas esperam-na para a acompanharem.

Quando se viu sozinha, Teresa debulhou-se em lágrimas, e quis escrever a Simão. Mas àquela hora quem lhe levaria a

carta? Apelou para o retábulo (*) da Virgem, que a ela fizera confidente do seu amor.

[(*) Retábulo é uma construção de madeira, de mármore, ou de outro material, com lavores, que fica por trás e/ou acima de um altar religioso e que, normalmente, encerra um ou mais painéis pintados ou em baixo-relevo.]

Pediu-lhe de joelhos que a protegesse, que desse forças a Simão para resistir ao golpe, e que a guarda-se constância através das desgraças que pudessem suceder no futuro. Depois vestiu-se, comprimindo contra o seio um embrulho em que levava o tinteiro, o papel, e o macete das cartas de Simão. Saiu do seu quarto, relanceando os olhos lagrimosos para o painel da Virgem, e, encontrando o pai, pediu-lhe licença para levar consigo aquela devota imagem.

— Lá irá ter — respondeu ele. — Se tivesse tanta vergonha como devoção, seria mais feliz do que há de ser.

Uma das primas, irmã de Baltasar, chamou-a de parte, e segredou-lhe:

— Ó menina, ainda está na tua mão dares remédio à desordem desta casa.

— Qual remédio? — perguntou Teresa com artificial seriedade.

— Diz ao teu pai que irás casar com o mano Baltasar.

— O primo Baltasar não me quer — respondeu ela a sorrir.

— Quem te disse isso, Teresinha?

— Disse-mo o meu pai.

— Deixa falar o teu pai, que está desatinado com o amor que te tem. Queres tu que eu lhe fale?

— Para quê?

— Para se resolver deste modo a desgraça de todos nós.

— Estás a brincar, prima! — redarguiu Teresa. — Eu só hei de ser tua cunhada quando não tiver coração. O teu irmão sabe que eu amo outro homem. Queria viver para ele; mas, se quiserem que eu morra por ele, abençoarei todos as minhas penas. Podes dizer isto ao primo Baltasar, e diz-lho também que me esqueça.

— Então, vamos? — disse o velho.

— Estou pronta, meu pai.

Abriu-se a portaria do mosteiro. Teresa entrou sem uma lágrima. Beijou a mão do seu pai, que ele não ousou recusar-lhe na presença das freiras. Abraçou as primas, com um rosto de regozijo; e, ao fechar-se a porta, exclamou, para grande espanto das monjas:

— Estou mais livre que nunca. A liberdade do coração é tudo.

As freiras olharam-se entre si, como se ouvissem na palavra «coração» uma heresia, uma blasfémia proferida na casa do Senhor.

— Que diz a menina? — perguntou a prioresa, fitando-a por cima dos óculos, e apanhando no lenço de Alcobaça a destilação do esturrinho.(*)

[(*) O Esturrinho era uma espécie de rapé/tabaco para cheirar, muito escuro e muito torrado]

— Disse eu que me sentia aqui muito bem, minha senhora.

— Não diga minha senhora — atalhou a escrivã.

— Como hei de dizer?

— Diga «nossa madre prioresa».

— Pois sim, nossa madre prioresa, disse eu que me sentia aqui muito bem.

— Mas quem vem para estas casas de Deus não vem para se sentir bem — disse a nossa madre prioresa.

— Não? — disse Teresa com sincera admiração.

— Quem para aqui vem, menina, há de mortificar o espírito, e deixar lá fora as paixões mundanas. Ah! Aqui está a nossa madre mestra de noviças, a quem compete encaminhá-la e dirigi-la.

Teresa não respondeu: fez um gesto de respeito à mestra de noviças, e seguiu o caminho que a prelada lhe ia indicando.

A nossa madre entrou nos seus aposentos, e disse a Teresa que era sua hóspede enquanto ali estivesse; e jurou que não sabia se o seu pai escolheria aquele convento ou outro.

— Que importa que seja um ou outro? — disse Teresa.

— É conforme. O seu pai pode querer que a menina professe na ordem rica das bentas ou nas bernardas.

— Professe! — exclamou Teresa. — Eu não quero ser freira aqui, nem noutra parte.

— A senhora há de ser o que o seu pai quiser que seja.

— Freira!? A isto não pode ninguém obrigar-me! — recalcitrou Teresa.

— Isso assim é — retorquiu a prioresa -, mas, como a menina tem de noviciar um ano, sobra-lhe tempo para se habituar a esta vida, e verá que não há vida mais descansada para o corpo, nem mais saudável para a alma.

— Mas nossa madre — disse Teresa, sorrindo, como se a ironia lhe fosse habitual — a senhora disse que a estas casas ninguém vem para se sentir bem.

— É um modo de falar, menina. Todos temos as nossas mortificações e obrigações de coro e de serviços para que nem sempre o espírito está bem-disposto. Ora vê aí. Mas em comparação com o que vai pelo mundo, o convento é um paraíso. Aqui não há paixões, nem pensamentos que tirem o sono, nem a vontade de comer, bendito seja o

Senhor! Vivemos umas com as outras, como Deus com os anjos. O que uma quer, querem todas. Más-línguas é coisa que a menina não há de achar aqui, nem intriguistas, nem murmurações de soalheiro. Enfim, Deus fará o que for servido. Eu vou à cozinha buscar a ceia da menina e volto já. Aqui a deixo com a senhora madre organista, que é uma pomba, e com a nossa mestra de noviças, que sabe dizer melhor que eu o que é a virtude destas santas casas.

Assim que a prioresa voltou costas, disse a organista à mestra de noviças:

— Que impostora!

— E que estúpida! — respondeu a outra. — A menina não se fie nesta trapalhona, e veja se o seu pai lhe dá outra companhia enquanto cá estiver, que a prioresa é a maior intriguista do convento. Depois que fez sessenta anos, fala das paixões do mundo como quem as conhece por dentro e por fora. Enquanto foi nova, era a freira que mais escândalos dava na casa; depois que se tornou velha tornou-se na mais ridícula, porque ainda querer amar e ser amada; agora, que está decrépita, ficou este mostrengo a fazer missões e a curar indigestões.

Teresa, apesar da sua dor, não pôde reprimir uma risada, lembrando-se da vida de Deus com os anjos que as esposas do Senhor ali viviam, no dizer da madre prioresa.

Pouco depois, entrou a prelada com a ceia, e saíram as duas freiras.

— Que lhe pareceram as duas religiosas que ficaram com a menina? — disse ela a Teresa.

— Pareceram-me muito bem.

A velha cerrou os beiços matizados com os restos do esturrinho líquido, e regougou:

— Hum! Ainda não sejam das piores, se fossem melhores, não se perdia nada. Mas vamos a isto, menina; aqui tem duas pernas de galinha, e um caldo tão bom que o podem comer os anjos.

— Eu não como nada, minha senhora — disse Teresa.

— Ora essa! não come nada!? Há de comer; sem comer ninguém resiste. Paixões... que as leve o porco-sujo! As mulheres é que ficam enganadas, e eles não têm que perder! Olhe que eu, cá de mim, até ao presente, Deus seja

louvado, não sei o que são as paixões; mas quem tem cinquenta e cinco anos de convento tem muita experiência do que vê penar às outras doidivanas. E, para não ir mais longe, estas duas que daqui saíram têm pagado bem o seu tributo à asneira, Deus me perdoe se peco. A organista tem já os seus quarenta e bons anos, e ainda vai ao locutório derreter-se em finezas; a outra, apesar de ser mestra de noviças por falta de outra que quisesse sê-lo, se eu lhe não andasse com o olho em cima, estragava-me as raparigas.

Este edificante discurso de caridade foi interrompido pela madre escrivã, que vinha, palitando os dentes, pedir à prelada um copinho de certo vinho estomacal com que todas as noites era brindada.

— Estava eu a dizer a esta menina as peças que são a organista e a mestra — disse a prioresa.

— Oh! são para o que eu lhe prestar! Foram agora as duas para a cela da porteira. A esta hora está a menina a ser cortada por aquelas línguas, que não perdoam a ninguém.

— Vais ver se ouves alguma coisa, minha flor! — disse a prelada.

A escrivã, contente da missão, foi impercetivelmente ao longo dos dormitórios até parar a uma porta que não vedava o ruído estridente das risadas.

No entanto, dizia a prelada a Teresa:

— Esta escrivã não é má rapariga: só tem o defeito de se tomar da pingoleta; depois, não há quem a ature. Tem uma boa pensão, mas gasta tudo em vinho, e tem pretensões de entrar para o coro estando agora a fazer 55 anos, que é mesmo uma desgraça. Não tem outro defeito; é uma alma lavada, e amiga da sua amiga. É verdade que, às vezes. (aqui a prelada ergueu-se a escutar os dormitórios, e fechou por dentro a porta) é verdade que, às vezes, quando anda azoratada, dá por paus e por pedras e descobre os defeitos das suas amigas. A mim já me levantou uma calúnia, dizendo que eu, quando saía do convento, não ia só a ares, e andava por lá a fazer o que fazem as outras. Que pouca-vergonha! Lá que fosse a outra dizer tal coisa, ainda que não vá; mas ela, que tem sempre uns namorados pandilhas que bebem com ela à grade, isso é que me custa;

mas, enfim, não há ninguém perfeito! Boa rapariga é ela. Se não fosse aquele maldito vício…

Como começou a cantar o coro nesta ocasião, a veneranda prioresa bebeu o segundo cálice do vinho estomacal, e disse a Teresa que a esperasse um quarto de hora, que ela ia ao coro, e pouco se demoraria. Tinha ela saído, quando a escrivã entrou na mesma altura em que Teresa, com as mãos abertas sobre a face, dizia para si mesma: «Um convento, meu Deus! Isto é que é um convento?»

— Está sozinha? — perguntou a escrivã.

— Estou, minha senhora.

— Pois aquela grosseira vai-se embora, e deixa uma hóspede sozinha? Bem se vê que é filha de um funileiro!(*) Pois tinha tempo de ter prática do mundo, que tem andado por lá que se farte.

[(*)Funileiro era o profissional metalúrgico que trabalhava com a confeção de peças moldadas a partir de chapas metálicas, como componentes de alambiques, principalmente funis, da qual vem a origem do nome.]

Eu havia de ir ao coro; mas não vou, para lhe fazer companhia, menina.

— Vá, vá, minha senhora, que eu fico bem sozinha — disse Teresa, com esperança de poder desafogar em lágrimas a sua aflição.

— Não vou, não! A menina aqui e morria de medo; mas a prelada não tarda aí. Ela, se poder escapar-se do coro, não fica lá muito tempo. Ia apostar que ela lhe esteve a falar mal de mim?

— Não, minha senhora, pelo contrário.

— Ora diga a verdade, menina! Eu sei que esta cegonha não fala bem de ninguém. Para ela tudo são libertinas e bêbedas.

— Nada, não, minha senhora; nada me disse a respeito de alguma freira.

— E, se disse, deixá-la dizer. Ela o vinho não o bebe, suga-o; é uma esponja viva. Enquanto à libertinagem, tomara eu tantos mil cruzados como de amantes ela tem tido! Faz lá uma pequena ideia, menina!

A escrivã bebeu um cálice de vinho da sua prelada e continuou:

— Faz lá uma pequena ideia! Ela é velhíssima como a sé. Quando eu professei já ela era velha como agora, com pouca diferença. Ora eu sou freira há vinte e seis anos; calcule a menina quantas arrobas (*) de esturrinho ela tem atulhado naqueles narizes!

[(*) antiga unidade de medida de massa usada em Portugal e no Brasil]

Pois olhe, quer me creia, quer não, tenho-lhe conhecido mais de uma dúzia de chichisbéus,(*) não falando do padre capelão, que esse ainda agora lhe fornece a garrafeira, à nossa custa, entende-se.

[(*) Indivíduo que galanteia uma senhora com insistência inoportuna]

É uma dissipadora dos rendimentos da casa. Eu, que sou escrivã, é que sei o que ela rouba. Tenho imensa pena de ver a menina hospedada em casa desta hipócrita. Não se deixe levar pelas imposturices dela, meu anjinho. Eu sei o que o seu pai lhe disse, encarregou-a de não a deixar escrever, nem receber cartas; mas olhe, minha filha, se quiser escrever, eu dou-lhe tinteiro, papel, lacro e o meu quarto, se para lá quiser ir escrever. Se tem alguém que lhe escreva, diga-lhe que mande as cartas em meu nome; eu chamo-me Dionísia da Imaculada Conceição.

— Muito agradecida, minha senhora — disse Teresa, animada pela oferta. — Quem me dera poder mandar um recado para uma pobre mendiga que mora no beco do (...).

— O que quiser, menina. Eu mando-o assim que for dia. Esteja descansada. Não se fie em mais ninguém, senão em mim. Olhe que a mestra das noviças e a organista são duas falsas. Não lhes dê trela, pois se as admite à sua confiança, está perdida. Aí vem a lesma. Falemos noutra coisa.

A prelada vinha entrando, e a escrivã prosseguiu assim:

— Não há, não há nada mais agradável que a vida do convento, quando se tem a fortuna de ter uma prelada como a nossa. Ah! és tu, amiga? Olha se estivéssemos a falar mal de ti!

— Eu sei que tu nunca falas mal de mim — disse a prelada, piscando o olho a Teresa. — Aí está essa menina que diga o que eu lhe estive a dizer das tuas boas qualidades.

— Pois foi o que eu disse de ti — respondeu soror(*) Dionísia da Imaculada Conceição — não precisas de perguntar, porque felizmente ouviste o que eu estava a

dizer. Oxalá que se pudesse dizer o mesmo das outras que desonram a casa, e trazem aqui tudo intrigado numa meada, que é mesmo coisa de pecado!

[(*) Tratamento que se dava às freiras, geralmente ás de mais elevada hierarquia]

— Então não vais ao coro, Nini? — disse a prioresa.

— Agora já é tarde. Tu absolves-me da falta, sim?

— Absolvo, absolvo; mas dou-te como penitência beberes um copinho.

— Do estomacal?

— Pudera!

Dionísia cumpriu a penitência, e saiu para, dizia ela, deixar a prelada na sua hora de oração.

Não delongaremos nesta amostra do evangélico e exemplar viver do convento onde Tadeu de Albuquerque mandara a sua filha a respirar o puríssimo ar dos anjos, enquanto se lhe preparava crisol(*) mais depurador dos sedimentos do vício no convento de Monchique.

[(*) vaso ou pote que era usado pelos oleiros para purificar o ouro no fogo]

Encheu-se o coração de Teresa de amargura e nojo naquelas duas horas de vida conventual. Ignorava ela que o mundo tinha daquilo. Ouvira falar dos mosteiros como um refúgio da virtude, da inocência e das esperanças que não morrem. Algumas cartas que lera da sua tia, prelada em Monchique, e por elas formara conceito do que devia ser uma santa. Daquelas mesmas dominicanas, em cuja casa estava, ouvira dizer às velhas e devotas fidalgas de Viseu virtudes, maravilhas de caridade, e até milagres. Que desilusão tão triste e, ao mesmo tempo, que ânsia de fugir dali!

A cama de Teresa estava na mesma cela da prioresa, em alcova separada, com cortinas de cassa.(*)

[(*)tecido fino, transparente, de linho ou de algodão]

Quando a prelada disse-lhe que se podia deitar, querendo, perguntou-lhe a menina se poderia escrever ao pai. A freira respondeu que no dia seguinte o faria. Uma vez que o senhor Albuquerque ordenou que a sua filha não escrevesse; assim mesmo, jurou ela que lho não proibiria, se tivesse tinteiro e papel na cela.

Teresa deitou-se, e a prelada ajoelhou-se diante de um oratório, rezando a meia-voz. Se o murmúrio da oração enfadasse a hóspede, não teria ela muita razão de queixa, porque a devota monja, ao segundo padre-nosso, começou a cabecear de modo que já não atinou com a primeira ave-maria. Levantou-se fazendo uma vénia às imagens do santuário, foi deitar-se, e começou a ressonar.

Teresa afastou subtilmente as cortinas do quarto, e tirou dentro do seu fato o tinteiro e o papel.

A lâmpada do oratório lançava um frouxo raio sobre a cadeira, em que Teresa pusera a roupa. Desceu da cama, ajoelhou ao pé da cadeira, e escreveu a Simão, relatando-lhe miudamente os sucessos daquele dia. A carta rematava assim:

«Não receies nada por mim, Simão. Todos estas penas me parecem leves, se as comparar com as que tens padecido por amor a mim. A desgraça não abala a minha firmeza, nem deve intimidar os teus projetos. São alguns dias de tempestade, e mais nada. Qualquer nova resolução que o meu pai tome dir-ta-ei logo, podendo, ou quando puder.

A falta das minhas notícias deves atribuí-la sempre ao impossível. Ama-me assim desgraçada, porque me parece que os desgraçados são os que mais precisam de amor e de conforto. Vou ver se posso esquecer-te, dormindo. Como isto é triste, meu querido!

Adeus.»

CAPÍTULO VIII

Mariana, a filha de João da Cruz, quando viu o seu pai a tapar a ferida do braço de Simão, perdeu os sentidos. O ferrador riu estrondosamente da fraqueza da rapariga, e o académico achou estranha tal sensibilidade numa mulher acostumada a curar as feridas com que o seu pai era laureado em todas as feiras e romarias.

— Não há ainda um ano que me fizeram três buracos na cabeça, quando eu fui à Senhora dos Remédios, a Lamego, e foi ela que me tosquiou e rapou a cabeça à navalha — disse o ferrador. — Pelo que vejo, o sangue do fidalgo deu voltas ao estômago da rapariga! Estamos então bem aviados! Eu tenho cá a minha vida, e queria que ela fosse a enfermeira do meu doente. És, ou não és, rapariga? — disse ele à filha, quando ela abriu os olhos, com uma cara envergonhada pela sua fraqueza.

— Serei com muito gosto, se o pai quiser.

— Pois, então, rapariga, em vez de ires costurar para a varanda, vem aqui para a beira do senhor Simão. Dá-lhe caldos e trata-lhe da ferida; vinagre e mais vinagre, enquanto ela estiver assim a modo de roxa. Conversa com ele, não o deixes estar a malucar, nem a escrever muito, que não é bom quando se está fraco do miolo. E vossa senhoria não tenha cerimónia, nem me diga à Mariana — a menina isto, a menina aquilo. É: rapariga, dá cá um caldo; rapariga, lava-me o braço, dá cá as compressas — e nada de mariquices. Ela está aqui como sua criada, porque eu já lhe disse que se não fosse o pai de vossa senhoria já ela há muito tempo que andaria por aí às esmolas, ou pior ainda. É verdade que eu podia deixar-lhe uns benzinhos, ganhos ali a suar na bigorna há dez anos, para além de uns quatrocentos mil réis que herdei da minha mãe, que Deus a haja; mas vossa senhoria bem sabe que, se eu fosse para à forca, vinha a justiça, e tomava conta de tudo.

— Se vossemecê tens bens — atalhou Simão — pode, querendo, casar a sua filha numa boa casa de lavoira.(*)

[(*) casa de lavoira é o que se entende hoje por casa de campo, ou seja, uma casa de habitação servida por um

terreno agrícola]

— Tomara que ela o quisesse. Maridos não lhe faltam; até o alferes (*) da casa da Igreja a queria, se eu lhe fizesse doação de tudo, que pouco é, mas ainda vale quatro mil cruzados bons; o caso é que a rapariga não tem querido casar, e eu, a falar verdade, sou só eu e mais ela, e também não tenho grande vontade de ficar sem esta companhia, para quem trabalho como um mouro.

[(*) Alferes era o encarregado do transporte da bandeira ou estandarte de um exército, unidade militar, ordem de cavalaria ou outra instituição militar, civil ou religiosa. Posteriormente, transformou-se num posto militar, ao qual já não estava necessariamente inerente o exercício da função de porta-bandeira.]

Se não fosse ela, fidalgo, muita asneira tinha eu feito! Quando vou às feiras ou às romarias, se a levo comigo, não bato, nem apanho; indo sozinho, é desordem certa. A rapariga já conhece quando a pinga me sobe ao capacete do alambique; puxa-me pela jaqueta, e por bons modos põe-me fora do arraial. Se alguém me chama para beber mais um bocadinho, ela não me deixa ir, e eu acho graça à obediência com que me deixo guiar pela rapariga, que me pede que não vá por alma da mãe. Se ela me pede por alma da minha santa mulher, já não sei de que freguesia sou.

Mariana ouvia o pai escondendo meio rosto no seu alvíssimo avental de linho. Simão alegrava-se pela simpleza daquele quadro rústico, mas sublime de naturalidade.

João da Cruz foi chamado para ferrar um cavalo, e despediu-se nestes termos:

— Tenho dito, rapariga; aqui te entrego o nosso doente; trata-o como quem é, e como se fosse teu irmão ou teu marido.

O rosto de Mariana corou-se quando aquela última palavra saiu, natural como todas, da boca do seu pai.

A rapariga ficou encostada ao batente da alcova de Simão.

— Não foi nada boa esta praga que lhe caiu em casa, Mariana! — disse o académico. — Fazerem-na enfermeira de um doente, e privarem-na talvez de ir costurar á sua varanda, e conversar com as pessoas que passam.

— E que me importa isso? — respondeu ela, sacudindo o avental, e pondo-o ao lugar da cintura com graça pueril.

— Sente-se, Mariana; o seu pai disse-lhe que se sentasse. Vá buscar a sua costura, e dê-me dali uma folha

de papel e um lápis que está na carteira.

— Mas o pai também me disse que o não deixasse escrever. — respondeu ela, sorrindo.

— Pouco, não faz mal. Eu escrevo apenas algumas linhas.

— Veja lá o que faz. — disse ela dando-lhe o papel e o lápis — Olhe se alguma carta se perde, e se descobrem tudo.

— Tudo o quê, Mariana? Pois sabe de alguma coisa!?

— Era preciso que eu fosse muito tola se não soubesse. Eu não lhe disse já que sabia da sua relação como uma menina fidalga da cidade?

— Disse. Mas que tem isso?

— Aconteceu o que eu receava. Vossa senhoria está aí ferido, e toda a gente fala sobre uns homens que apareceram mortos.

— Que tenho eu com os homens que apareceram mortos?

— Porque que está a fingir? Eu sei que esses homens eram criados do primo da tal senhora. Parece que vossa senhoria desconfia de mim, e está a querer guardar um segredo que tomara eu que ninguém soubesse, para que o meu pai e o senhor Simão não tenham desgraças maiores.

— Tem razão, Mariana, eu não devia esconder de si o mau encontro que tivemos.

— E Deus queira que seja o último! Tanto tenho pedido ao Senhor dos Passos que lhe dê remédio a essa paixão! O pior futuro, pressinto eu, ainda está por passar.

— Não, menina, isto acaba assim: eu vou para Coimbra, assim que esteja bom, e a menina da cidade fica na sua casa.

— Se assim for, já prometi dois arráteis de velas ao Senhor dos Passos; mas não me diz o coração que vossa senhoria faça o que diz.

— Muito agradecido lhe estou pelo bem que me deseja — disse Simão comovido. — Não sei o que lhe fiz para lhe merecer a sua amizade.

— Basta ver o que o seu paizinho fez pelo meu — disse ela, limpando as lágrimas. — O que seria de mim se ele me faltasse, e se fosse para à forca como toda a gente dizia! Eu era ainda muito nova quando ele foi parar à prisão. Teria treze anos; mas estava resolvida a atirar-me ao poço, se ele fosse condenado à morte. Se o degredassem, então ia com ele, ia morrer onde ele fosse morrer. Não há dia nenhum que eu não peça a Deus que dê ao pai tantos prazeres como quantas estrelas há no céu. Fui de propósito à cidade beijar os pés à sua mãezinha, e vi as suas irmãs, e uma, que era a mais nova, deu-me uma saia de lapim, que eu ainda ali tenho guardada como uma relíquia. Depois, cada vez que ia à feira, dava uma grande volta para ver se voltava a encontrar a senhora D. Ritinha à janela; e muitas vezes vi o senhor Simão. E talvez não saiba que eu estava a beber na fonte, quando a vossa senhoria, há dois ou à três anos, deu muita pancada nos criados, que era mesmo um rebuliço que parecia o fim do mundo. Eu vim contar ao pai, e ele até caiu ao chão a rir como um doido. Depois nunca mais o vi senão quando vossa senhoria entrou com o tio de Coimbra; mas já sabia que vinha para esta desgraça, porque tinha tido um sonho, em que via muito sangue, e eu estava a

chorar, porque via uma pessoa muito minha amiga a cair numa cova muito funda.

— Isso são sonhos, Mariana!

— São sonhos, são; mas eu nunca sonhei nada que não acontecesse. Quando o meu pai matou o almocreve, sonhei que o via a dar um tiro noutro homem; antes da minha mãe morrer, acordei eu a chorar por ela, e ela só viveu mais dois meses. A gente da cidade ri-se dos sonhos, mas Deus sabe o que isto é. Aí vem o meu pai. Senhor dos Passos! Não vá ser uma má nova!

João da Cruz entrou com uma carta que recebeu da pobre mendiga do costume. Enquanto Simão leu a carta escrita do convento, Mariana fitou os seus grandes olhos azuis no rosto do académico, e, a cada contração do rosto dele, angustiava-se-lhe a ela o coração. Não teve mão da sua ânsia, e perguntou:

— É notícia má?

— És muito atrevida, rapariga! — disse João da Cruz.

— Não é, não — atalhou o estudante. — Não é má a notícia, Mariana. Senhor João, deixe-me ter na sua filha

uma amiga, que os desgraçados é que sabem avaliar os amigos.

— Isso é verdade; mas eu não me atrevia a perguntar o que a carta diz.

— Nem eu perguntei, meu pai; foi porque me pareceu que o Sr. Simão estava aflito quando lia.

— E não se enganou — disse o doente, voltando-se para o ferrador. — O pai arrastou Teresa para o convento.

— É mesmo um patife! — disse o ferrador, fazendo com os braços instintivamente um movimento de quem aperta entre as mãos a um pescoço.

Neste lance, um observador perspicaz veria luzir nos olhos de Mariana um clarão de inocente alegria.

Simão sentou-se, e escreveu sobre uma cadeira, que Mariana espontaneamente lhe chegou, dizendo:

— Enquanto escreve, vou olhar pelo caldinho, que está a ferver.

«*É necessário tirar-te daí* — dizia a carta de Simão. – *Esse convento há de ter um modo de evasão. Procura-o, e diz-me*

a noite e a hora em que te devo esperar. Se não puderes fugir, essas portas hão de abrir-se diante da minha cólera. Se daí te mandarem para outro convento mais longe, avisa-me, que eu irei, sozinho ou acompanhado, roubar-te no caminho. É indispensável que te refaças de ânimo para não te assustarem os arrojos da minha paixão. És a minha! E não sei de que me serve a vida, se não me sacrificar a salvar-te. Creio em ti, Teresa, creio. Ser-me-ás fiel na vida e na morte. Não sofras com paciência; luta com heroísmo. A submissão é uma ignomínia, quando o poder paternal é uma afronta. Escreve-me a toda a hora que possas. Eu estou quase bom. Diz-me uma palavra, chama-me e eu sentirei que a perda do sangue não diminui as forças do coração.»

Simão pediu a sua carteira, tirou dinheiro em prata, deu-o ao ferrador, e recomendou-lhe que o entregasse à pobre mendiga com a carta.

Depois ficou relendo a de Teresa, recordando-se da resposta que dera.

Mestre João foi à cozinha e disse a Mariana:

— Desconfio de uma coisa, rapariga.

— O que é, meu pai?

— O nosso doente está sem dinheiro.

— Porquê? O pai como sabe isso?

— É que ele pediu-me a carteira para tirar dinheiro, e ela pesava tanto como uma bexiga de porco cheia de vento. Isto roí-me cá por dentro! Queria oferecer-lhe dinheiro, e não sei como o hei de fazer.

— Eu pensarei nisso, meu pai — disse Mariana, refletindo.

— Pois sim; cogita lá tu, que tens melhores ideias que eu.

— E, se o pai não quiser gastar os seus quatrocentos, eu tenho aquele dinheiro dos meus bezerros; são onze moedas de ouro menos um quarto.

— Pois sim, falaremos: pensa tu no modo de ele aceitar sem remorsos.

Remorsos, na linguagem pouco castigada do mestre João, era sinónimo de escrúpulos ou repugnância.

Foi Mariana levar o caldo a Simão, que lho rejeitou como distraído em profundo cismar.

— Pois não toma o caldo? — disse ela com tristeza.

— Não posso, não tenho vontade, menina; tomarei mais tarde. Deixe-me sozinho por agora; vá, vá; não passe o seu tempo ao pé de um doente aborrecido.

— Não me quer aqui? Irei, e voltarei quando vossa senhoria chamar.

Dissera isto Mariana com os olhos a reverem lágrimas.

Simão notou as lágrimas, e pensou um momento na dedicação da rapariga; mas não lhe disse palavra alguma.

Ficou antes a pensar na sua situação espinhosa. Deviam ocorrer-lhe ideias aflitivas, que os romancistas raras vezes atribuem aos seus heróis. Nos romances todas as crises se explicam, menos a crise ignóbil da falta de dinheiro. Entendem os novelistas que a matéria é baixa e plebeia. O estilo vai de má vontade para coisas rasas. Balzac fala muito em dinheiro; mas dinheiro a milhões; não conheço, nos cinquenta livros que tenho dele, um galã num entreato da sua tragédia a pensar no modo de arranjar uma quantia

com que pague ao alfaiate, ou no modo de se desembaraçar das redes que um usurário lhe lança, desde a casa do juiz de paz a todas as esquinas, de onde o assaltam o capital e o juro de oitenta por cento. Disto é que os mestres em romance se escapam sempre. Bem sabem eles que o interesse do leitor se gela a passo igual a que o herói se encolhe nas proporções desses heroizinhos de botequim, de quem o leitor dinheiroso foge por instinto, e o outro foge também, porque não tem que fazer com ele. A coisa é vilmente prosaica, de todo o meu coração o confesso. Não é bonito deixar-se vulgarizar o herói a ponto de pensar na falta de dinheiro, um momento depois que escreveu à mulher estremecida uma carta como aquela de Simão Botelho. Quem a lesse, diria que o rapaz tinha posto, em diferentes estações das estradas do país, carroças e folgadas parelhas de mulas para transportarem a Paris, a Veneza, ou ao Japão a bela fugitiva! As estradas, naquele tempo, deviam ser boas para isso; mas não tenho a certeza de que houvesse estradas para o Japão. Agora creio que há, porque me dizem que há tudo.

Pois eu já lhes fiz saber, leitores, pela boca de mestre João, que o filho do corregedor não tinha dinheiro. Agora lhes digo que era em dinheiro que ele cismava, quando Mariana lhe trouxe o caldo rejeitado.

A meu ver, deviam atribulá-lo estes pensamentos:

Como pagaria a hospitalidade de João da Cruz?

Com que agradeceria os cuidados de Mariana?

Se Teresa fugisse, com que recursos proveria à subsistência de ambos?

Ora, Simão Botelho saíra de Coimbra com a sua mesada, que não era grande, e quase lha absorvera o aluguel dos cavalos, e a gorjeta generosa que dera ao arrieiro, a quem devia o conhecimento do prestante ferrador.

Os restos desse dinheiro dera-os ele à portadora da carta naquele dia. Má situação!

Lembrou-se de escrever à mãe. Que lhe diria ele? Como explicaria a sua residência naquela casa? Deste modo, não iria ele dar indícios da morte misteriosa dos dois criados de Baltasar Coutinho?

Além de que sobejamente sabia ele que a sua mãe o não amava; e, a mandar-lhe algum dinheiro em segredo, seria escassamente o necessário para a jornada até Coimbra. Péssima situação!

Cansado de pensar, favoreceu-o a providência dos infelizes com um sono profundo.

Mariana entrara pé ante pé na sala, e, ouvindo-lhe a respiração alta, aventurou-se a entrar no quarto. Lançou-lhe um lenço de cassa sobre o rosto, em roda do qual zumbiam algumas moscas. Viu a carteira sobre uma cadeira que adornava o quarto, pegou nela, e saiu pé ante pé. Abriu a carteira, viu papéis, que não soube ler, e num dos repartimentos duas moedas de seis vinténs. Foi restituir a carteira ao seu lugar, e tomou de um cabide as calças, colete e jaqueta à espanhola, do hóspede. Examinou os bolsos e não encontrou um centavo.

Retirou-se para um canto escuro do sobrado, e meditou. Esteve meia hora assim, e meditava angustiada a nobre rapariga. Depois ergueu-se de repente, e conversou muito tempo com o pai. João da Cruz escutou-a, contrariou-a, mas

deixava-se sempre render pelas réplicas da filha, até que, afinal, disse:

— Farei o que dizes, Mariana. Dá-me cá o teu dinheiro, que não vou agora levantar a pedra da lareira para tirar do caixote quatrocentos mil réis. Tanto faz um como o outro: é todo teu.

Mariana foi a correr até à arca, de onde tirou uma bolsa de linho com dinheiro em prata, e alguns cordões, anéis e brincos. Guardou o ouro numa bolsa, e deu a bolsa ao pai.

João da Cruz aparelhou a égua, e saiu. Mariana foi para a sala do doente.

Acordou Simão.

— Não sabe? — exclamou ela com uma cara entre o alegre e o assustado, perfeitamente contrafeito.

— Que é, Mariana?

— A sua mãezinha sabe que vossa senhoria está aqui.

— Sabe? Isso é impossível! Quem lho disse?

— Não sei; o que sei é que ela mandou chamar o meu pai.

— Isso espanta-me! E não me escreveu?

— Não, senhor! Agora me lembro que talvez ela soubesse que o senhor aqui esteve, e pense que já não está, e por isso lhe não escreveu. Poderá ser?

— Poderá; mas quem lho diria!? Se isto se sabe, então podem suspeitar da morte dos homens.

— Pode ser que não; e, ainda que desconfiem, não há testemunhas. O pai disse que não tinha medo nenhum. O que for será. Não esteja agora a pensar nisso. Vou-lhe buscar o caldinho, sim?

— Vá, se quer, Mariana. O Céu deparou-me em si a amizade de uma irmã.

Não achou a rapariga na sua alegre alma palavras em resposta à doçura que o rosto do mancebo exprimia.

Veio com o «caldinho» — diminutivo que a retórica de uma linguagem meiga sanciona; mas contra o qual protestava a larga e funda malga branca, ao lado da travessa com meia galinha loira e gorda.

— Tanta coisa — exclamou, sorrindo, Simão.

— Coma o que puder — disse ela corando. — Eu bem sei que os senhores da cidade não comem em malgas tão grandes, mas eu não tinha outra mais pequena; e coma sem nojo, que esta malga nunca foi usada, fui-a buscar à loja, por pensar que vossa senhoria não quis ontem comer por estranhar a outra.

— Não, Mariana, não seja injusta, eu não comi ontem pela mesma razão porque não como agora: não tinha, nem tenho vontade.

— Mas coma por eu lhe pedir. Perdoe o meu atrevimento. Faça de conta que é uma das suas irmãs que lhe pede. Ainda agora me disse.

— Que o Céu me dava em si a amizade de uma irmã.

— Pois aí está.

Simão achou tão necessário à sua conservação o sacrifício, como ao contentamento da carinhosa Mariana. Passou-lhe na mente, sem sombra de vaidade, a conjetura de que era amado por aquela doce criatura. Entre si dizia que seria uma crueza mostrar-se conhecedor de tal afeição, quando não tinha alma para lha retribuir, nem para lhe mentir.

Assim mesmo, bem longe de se afligir, lisonjeavam-no os desvelos da gentil rapariga. Ninguém sente em si o peso do amor que se inspira e não comparte. Nas máximas aflições, nas derradeiras horas do coração e da vida, é grato ainda sentir-se amado quem já não pode achar no amor diversão das penas, nem soldar o último fio que se está a partir. Orgulho ou insaciabilidade do coração humano, seja o que for, no amor que nos dão é que nós graduamos o que valemos na nossa consciência.

Não desprazia, portanto, o amor de Mariana ao amante apaixonado de Teresa. Isto será culpa no severo tribunal das minhas leitoras; mas, se me deixam ter opinião, a culpa de Simão Botelho está na fraca natureza, que é toda galas no céu, no mar e na terra, e toda incoerência, absurdezas e vícios no homem, que se aclamou a si próprio rei da criação, e nesta boa-fé dinástica vai vivendo e morrendo.

CAPÍTULO IX

João da Cruz deteve-se duas fora de casa. Chegou quando a curiosidade do estudante era já sofrimento.

— Estará o seu pai preso? — dissera ele a Mariana.

— Não mo diz o coração, e o meu coração nunca me engana — respondeu ela.

E Simão replicou:

— E o que lhe diz o coração a meu respeito, Mariana? As minhas desgraças ficarão por aqui?

— Queria dizer-lhe a verdade, senhor Simão. Mas não digo.

— Diga, que lho peço, porque tenho fé no bom anjo que fala da sua alma. Diga.

— O meu coração diz-me que as suas desgraças ainda estão apenas a começar.

Simão ouviu-a atentamente, e não respondeu. Assombrou-lhe o ânimo esta ideia torva, e afrontosa à singela rapariga: — «Pensará ela em desviar-me de Teresa, para se fazer amar?».

Pensava assim quando chegou o ferrador.

— Aqui estou eu de volta — disse ele com um rosto festivo. — a sua mãe mandou-me chamar.

— Já sei. E como soube ela que eu estava aqui?

— Ela sabia que o fidalgo estivera cá; mas pensava que vossa senhoria já tinha ido para Coimbra. Quem lho disse não sei, nem perguntei; porque para uma pessoa de respeito não se fazem perguntas. Dizia ela que sabia o fim a que o senhor viera esconder-se aqui.

Ralhou alguma coisa; mas eu, cá como pude, acomodei-a, e não há novidades. Perguntou-me o que estava o menino a fazer aqui depois que a fidalguinha foi para o convento. Disse-lhe que vossa senhoria estava adoentado de uma queda que deu do cavalo abaixo. Voltou ela a perguntar-me se o senhor tinha dinheiro; e eu disse que não sabia. E depois, foi para dentro de casa e voltou daí a pouco com

este embrulho, para eu lhe entregar. Aí o tem tal e qual; não sei quanto é.

— E não me escreveu?

— Disse que não podia ir à escrivaninha, porque estava lá o senhor corregedor — respondeu com firmeza mestre João — e também recomendou que não lhe escrevesse vossa senhoria senão de Coimbra, porque se o seu pai soubesse que o menino cá estava ia tudo de rastos lá em casa. Ora aí está.

— E não lhe falou nos criados de Baltasar?

— Nem um pio! Na cidade ninguém já falava nisso hoje.

— E que lhe disse da senhora D. Teresa?

— Nada, senão que foi para o convento. Agora deixe-me ir secar a égua, que está a escorrer água em fio. Ó rapariga, traz-me cá a manta.

Enquanto Simão contava onze moedas menos um quarto, maravilhado da estranha liberalidade, Mariana, abraçando o pai no repartimento vizinho da casa, exclamava:

— Arranjou muito bem a mentira!

— Ó rapariga, quem mentiu foste tu! Aquilo lá o arranjaste tu com essa tua cabecinha! Mas a coisa saiu bem hein? Ele comeu-a que nem confeitos! Ficaste sem os bezerros; mas lá virá o tempo em que ele te dê bois a troco dos bezerros.

— Eu não fiz isto por interesse, meu pai. — atalhou ela ressentida.

— Olha o milagre! Isso sei eu; mas, como diz lá o ditado: quem semeia colhe.

Mariana ficou pensativa, e disse para si mesma: — Ainda bem que ele não pode pensar de mim o que o meu pai pensa. Deus sabe que não tenho nenhumas esperanças interesseiras no que fiz.

Simão chamou o ferrador, e disse-lhe:

— Meu caro João, se eu não tivesse dinheiro, aceitava sem repugnância os seus favores, e creio que vossemecê mos faria sem esperança de ganhar com eles; mas, como recebi esta quantia, há de consentir que eu lhe dê parte dela para os meus alimentos. Motivos de gratidão a dívidas

que se não pagam, ainda me ficam muitos para nunca me esquecer de si e da sua boa filha. Tome este dinheiro.

— As contas fazem-se no fim — respondeu o ferrador, retirando a mão — e ninguém nos há de ouvir, se Deus quiser. Se eu precisar de dinheiro, cá virei. Por agora, ainda está a capoeira cheia de galinhas, e o pão coze-se todas as semanas.

— Mas aceite — instou Simão — e dê-lhe a aplicação que quiser.

— Em minha casa ninguém dá leis senão eu — respondeu mestre João, com simulado enfadamento. — Guarde lá o seu dinheiro, fidalgo, e não falemos mais nisso, se quer que o negócio vá direito até ao fim. E victo-serio!

Nos cinco dias que se seguiram Simão recebeu regularmente cartas de Teresa, umas resignadas e confortadoras, outras escritas na violência exasperada da saudade, numa dizia:

«O meu pai deve saber que estás aí, e, enquanto aí estiveres, decerto me não tira do convento. Seria bom que fosses para Coimbra, e deixássemos o meu pai esquecer os

últimos acontecimentos. Senão, meu querido, nem ele me dá liberdade, nem sei como hei de fugir deste inferno. Não fazes ideia o que é um convento! Se eu pudesse fazer do meu coração um sacrifício a Deus, teria de procurar uma atmosfera menos viciosa que esta. Creio que em toda a parte se pode orar e ser virtuosa, menos neste convento.»

Noutra carta exprimia-se assim:

«Não me deixes, Simão; não vás para Coimbra. Receio que o meu pai me queira mudar deste convento para outro mais rigoroso. Uma freira disse-me que eu não ficava aqui; outra afirmou-me positivamente que o pai estava a preparar a minha ida para um mosteiro do Porto. O que me aterroriza sobretudo, mas que não me desanima, é saber que o intento do meu pai é fazer-me professar. Por mais que imagine violências e tiranias, nenhuma vejo capaz de me arrancar os votos. Eu não posso professar sem ser noviça durante um ano, e ir às afirmações três vezes; hei de responder sempre que não. Se eu pudesse fugia daqui! Ontem fui até à cerca, e lá vi uma porta que dá para a estrada. Soube que algumas vezes aquela porta se abre para entrarem carros de lenha; mas infelizmente não se

torna a abrir até ao princípio do Inverno. Se não puder ser antes, meu Simão, fugirei nessa altura.»

Tiveram, entretanto, bom e pronto êxito as diligências de Tadeu de Albuquerque. A prelada de Monchique, religiosa de sumas virtudes, pensando que a filha do seu primo, muito devota e com amor a Deus se recolhia ao mosteiro por vontade própria, preparou-lhe casa, e congratulou-se com a tão piedosa resolução da sobrinha. A carta congratulatória não a recebeu Teresa, porque fora parar à mão do seu pai. Continha ela reflexões tendentes a desvanecê-la do propósito, se algum desgosto passageiro a impelia à imprudência de procurar um refúgio onde as paixões se exacerbavam mais.

Tomadas todas as precauções, Tadeu de Albuquerque fez avisar a sua filha de que a sua tia de Monchique a queria ter na sua companhia algum tempo, e que a jornada se faria na madrugada do dia seguinte.

Teresa, quando recebeu a surpreendente noticia, já tinha enviado a carta daquele dia a Simão. Na sua aflitiva perplexidade, resolveu fazer-se doente, e tão febril estava do nervosismo, que dispensava o fingimento. O velho não

quis saber da doença; mas o médico do mosteiro reagiu contra a desumanidade do pai e da prioresa, interessada na violência. Quis Teresa nessa noite escrever a Simão; mas a criada da prelada, obedecendo às suspeitas da ama, não desamparou a cabeceira do leito da enferma. Era causa a esta espionagem ter dito a escrivã, numa hora de má digestão daquele certo vinho estomacal, que Teresa passava as noites em oração mental, e tinha correspondência com um anjo do Céu por intervenção de uma mendiga. Algumas religiosas tinham visto a mendiga no pátio do convento esperando a esmola de Teresa; mas pensaram que aquela pobre era uma antiga criada devota da menina. As palavras irónicas da escrivã foram comentadas, e a mendiga recebeu ordem de sair da portaria. Teresa, num ímpeto de angústia, quando tal soube, correu para uma janela, e chamou a pobre, que se retirava assustada, e lançou-lhe ao pátio um bilhete com estas palavras: *«É impossível a nossa correspondência. Vou ser tirada daqui para outro convento. Espera em Coimbra notícias as minhas.»* Isto foi rapidamente reportado à prioresa, e logo, às ordens dela, partiu o hortelão do convento no encalço da pobre. O hortelão seguiu-a até fora

de portas, espancou-a, tirou-lhe o bilhete, e voltou ao convento apresentá-lo a Tadeu de Albuquerque. A mendiga não retrocedeu; dirigiu-se a casa do ferrador e contou a Simão o acontecido.

Simão lançou-se fora da cama e chamou João da Cruz. Naquele aperto queria ouvir uma voz, queria poder chamar amigo a um punhal. O ferrador ouviu a história e deu o seu conselho: «*É esperar até ver*». Simão repeliu a prudencial frieza do confidente, e disse que partia para Viseu imediatamente.

Mariana estava ali; ouvira a confidência, e achara acertada a opinião do seu pai. Vendo, porém, a impaciência do hóspede, pediu licença para falar onde não era chamada, e disse:

— Se o senhor Simão quer, eu vou à cidade, e procuro no convento a Brito, que é uma rapariga minha conhecida, uma servente no convento, e dou-lhe uma carta sua para entregar à fidalga.

— Isso é possível, Mariana? — exclamou Simão, a ponto de abraçar a rapariga.

— Pois então! — disse o ferrador. — O que pode fazer-se, faz-se. Vai-te vestir, rapariga, que eu vou pô a sela à égua.

Simão sentou-se a escrever. Tão embaralhadas lhe acudiam as ideias, que não atinava a formar o desígnio mais proveitoso à situação de ambos. Ao cabo de uma longa vacilação, disse a Teresa que fugisse, pela madrugada, quando a porta estivesse aberta, ou obrigasse a porteira a abrir-lha. Dizia-lhe que marcasse ela a hora do dia seguinte em que ele a devia esperar com dois cavalos para a fuga. Em recurso extremo, prometia assaltar com homens armados o mosteiro, ou incendiá-lo para se abrirem as portas. Este plano era o mais parecido com o espírito do académico. Em vivo fogo ardia aquela pobre cabeça! Fechada a carta, começou a passear em torcicolos, como se obedecesse a desencontrados impulsos. Cravava as unhas na cabeça, e arrancava os cabelos. Investia como cego contra as paredes, e sentava-se um momento para erguer-se de mais furioso ímpeto. Agarrava maquinalmente nas pistolas, e sacudia os braços vertiginosos. Abria a carta para relê-la, e estava a ponto de rasgá-la, pensando que iria tarde, ou que não lhe chegaria às mãos. Neste conflito de

contrários projetos, entrou Mariana, e muito alucinado devia estar Simão para lhe não ver as lágrimas.

O que tu sofrias, nobre coração de mulher pura! Se o que fazes por esse rapaz é gratidão ao homem que salvou a vida ao teu pai, que rara virtude a tua! Se o amas, se por lhe dar alívio às dores, tu mesma lhe desempeces o caminho por onde te ele há de fugir para sempre, que nome darei ao teu heroísmo? Que anjo te fadou o coração para a santidade desse obscuro martírio?

— Estou pronta — disse Mariana.

— Aqui tem a carta, minha boa amiga. Faça muito por não vir sem resposta — disse Simão, dando-lhe com a carta um embrulho de dinheiro.

— E o dinheiro também é para a senhora? — disse ela.

— Não, é para si, Mariana: compre um anel.

Mariana pegou na carta e voltou rapidamente as costas, para que Simão lhe não visse o gesto de despeito, se não mesmo de desprezo.

O académico não ousou insistir, vendo-a apressar-se encaminhando-se para o quintal, onde o ferrador selava a égua.

— Não lhe dês muito com a vara — disse João da Cruz a Mariana, que, de um pulo, se assentou na sela, coberta com um pano escarlate.

— Vais amarela como a cidra, rapariga! — exclamou ele, reparando na palidez da filha. — O que tens?

— Nada; que hei de eu ter? Dê-me cá a vara, meu pai.

A égua partiu a galope, e o ferrador, no meio da estrada, a rever-se na filha e na égua, disse para si mesmo, que Simão ouviu:

— Vales tu mais, rapariga, que quantas fidalgas tem Viseu! Pela mais pintada não dava eu minha égua; e, se cá viesse o Miramolim de Marrocos (*) pedir-me a filha, os diabos me levem se eu lha dava! Isto é que são mulheres, e o resto é história!

[(*) Miramolim é um título muçulmano que se pode traduzir como Emir dos Crentes ou Comandante dos Fiéis. “vir o Miramolim de Marrocos” era uma

expressão que se usava quando se queria referir a alguém ou a algo que seria impensável ou impossível de aparecer ou de acontecer.]

CAPÍTULO X

Apeou Mariana defronte do mosteiro, e foi à portaria chamar a sua amiga Brito.

— Que boa rapariga! — disse o padre capelão, que estava no postigo lateral da porta, falando com a prioresa acerca da salvação das almas e bebendo umas ancoretas de vinho do Pinhão que ele recebera naquele dia e do qual tinha engarrafado um almude (*) para tonificar o estômago da prelada.

[(*) O almude era uma unidade de medida de capacidade para líquidos, especialmente para vinho, que variava de região para região.]

— Que boa rapariga! — disse ele, com um olho nela e outro no postigo, onde a ciumenta prioresa se remoía.

— Deixe lá a rapariga, e diga quando é que a servente há de ir buscar o vinho.

— Quando quiser, senhora prioresa; mas repare bem nos olhos, no feitio, naquele todo da rapariga!

— Pois repare o senhor padre João — respondeu a freira — que eu tenho mais que fazer.

E retirou-se com o coração ferido, e o queixo superior a escorrer lágrimas de simonte.(*)

[(*) Simonte – folhas de tabaco, usado geralmente como rapé. O autor faz assim uma piada: a prioresa usa tanto o tabaco de cheirar que este até lhe sai pelas lágrimas]

— Donde é vossemecê? — disse brandamente o padre capelão.

— Sou da aldeia — respondeu Mariana.

— Isso vejo eu; mas de que aldeia é?

— Não estou aqui para me confessar.

— Mas não faria mal se se confessasse a mim, menina, que sou padre.

— Bem vejo.

— Que mau génio tem!

— É o que vê.

— Quem procura cá no convento?

— Já mandei chamar quem procuro.

— Mariana!, és tu? Anda cá!

A rapariga fez uma cortesia de cabeça ao padre capelão, e foi ao locutório (*) de onde vinha aquela voz.

[(*) Compartimento dividido por grades, através das quais falam, nos mosteiros, as monjas e as freiras com as pessoas que as visitam.]

— Eu queria falar contigo em particular, Joaquina — disse Mariana.

— Eu vou ver se arranjo uma grade: espera aí.

O padre tinha saído do pátio, e Mariana, enquanto esperava, examinou, uma a uma, as janelas do mosteiro. Numa das janelas, através das reixas de ferro, viu uma rapariga sem hábito.

— Será aquela? — perguntou Mariana ao seu coração, que palpitava — Se eu fosse amada como ela!

— Sobe aquelas escadinhas, Mariana, e entra na primeira porta do corredor, que eu já vou — disse Joaquina.

Mariana deu alguns passos, olhou novamente para a janela onde vira a rapariga sem hábito, e repetiu ainda:

— Se eu fosse amada como ela!

Mal entrou na grade, disse à sua amiga:

— Olha lá, Joaquina, quem é aquela menina muito branca, alva como leite, que estava ali agora à janela?

— Seria alguma noviça, que há cá duas muito lindas.

— Mas ela não tinha nenhum traje de freira.

— Ah! já sei; é a D. Teresinha Albuquerque.

«Então não me enganei», disse Mariana, pensativa.

— Pois tu conhece-la?

— Não; mas por amor dela é que eu cá vim falar contigo.

— Então que se passa? Que tens tu com a fidalga?

— Eu, cá por mim, nada; mas conheço uma pessoa que lhe quer muito.

— O filho do corregedor?

— Esse mesmo.

— Mas esse está em Coimbra.

— Não sei se está, nem se não. Fazes-me um favor?

— Se eu puder.

— Podes. Eu queria falar com ela.

— Ó dianho!(*) Isso não sei se poderá ser, as freiras trazem-na debaixo de olho, e ela vai-se embora amanhã.

[(*) Variação de: "Ó diabo".]

— Para onde vai?

— Vai para outro convento, não sei se de Lisboa se do Porto. Os baús já estão preparados, e ela está morta por sair. Mas que lhe queres?

— Não to posso dizer porque não sei. Queria dar-lhe um papel. Faz com que ela cá venha ter abaixo, que eu dou-te fitas para um vestido.

— Como estás rica, Mariana! — atalhou, rindo, Joaquina — Eu não quero as tuas fitas, rapariga. Se eu puder dizer-lhe que venha, sem que ninguém me ouça, digo-lho. E agora é boa maré,(*) porque tocou o sino. Deixa-me lá ir.

[(*)"É boa maré" ou "Está boa maré" – expressão marítima que significa que está na hora partir]

Joaquina saiu-se bem da difícil comissão. Teresa estava sozinha, absorvida a pensar com os olhos fitos no ponto onde vira Mariana.

— A menina faz favor de vir comigo depressinha? — disse-lhe a criada.

Seguiu-a Teresa, e entrou na grade, que Joaquina fechou, dizendo:

— Assim que possa, bata por dentro para eu lhe abrir a porta. Se perguntarem por vossa excelência, digo que a menina está no miradouro.

A voz de Mariana tremia, quando D. Teresa lhe perguntou quem era.

— Sou a portadora desta carta para vossa Excelência.

— É de Simão? — exclamou Teresa.

— Sim, minha senhora.

A reclusa leu convulsiva a carta duas vezes, e disse:

— Eu não posso escrever-lhe, porque roubaram-me o tinteiro, e ninguém me empresta um. Diga-lhe que vou de madrugada para o convento de Monchique, no Porto. Que

não se aflija, porque eu sou sempre a mesma. Que não venha cá, porque isso seria inútil, e muito perigoso. Que vá ver-me ao Porto, que hei de arranjar modo de lhe falar. Diga-lhe isto, sim?

— Sim, minha senhora.

— Não se esqueça, não? Que não venha cá, de modo nenhum. É impossível fugir, e vou muito acompanhada. Vai o primo Baltasar e as minhas primas, e o meu pai, e não sei quantos criados de bagagem e de liteiras. Tirar-me no caminho é uma loucura com resultados funestos. Diga-lhe tudo, sim?

Joaquina disse fora da porta:

— Menina, olhe que a prioresa anda a procurá-la.

— Adeus, adeus — disse Teresa, sobressaltada. — Tome lá esta lembrança como prova da minha gratidão.

E tirou do dedo um anel de ouro, que ofereceu a Mariana.

— Não aceito, minha senhora.

— Porque não aceita?

— Porque não fiz nenhum favor a vossa Excelência. Se receber alguma paga há de ser de quem me cá mandou. Fique com Deus, minha senhora, e oxalá que seja feliz.

Saiu Teresa, e Joaquina entrou na grade.

— Já te vais embora, Mariana?

— Vou, pois tenho pressa; um dia virei conversar mais contigo. Adeus, Joaquina.

— Pois não me contas o que se passa? O amor da fidalga está por perto? Conta, que eu não digo nada, rapariga!

— Para a próxima, para a próxima; obrigada, Joaquininha.

Mariana, durante a veloz caminhada, foi repetindo o recado da fidalga; e, se alguma vez se distraía deste exercício de memória, era para pensar nas feições da amada do seu hóspede, e dizer, como em segredo, ao seu coração: «Não lhe bastava ser fidalga e rica: é, para além disso, linda como nunca vi outra!» E o coração da pobre rapariga, avergando ao que a consciência lhe ia dizendo, chorava.

Simão, de uma fresta do postigo do seu quarto, espreitava ao longo do caminho, ou escutava à espera de ouvir a estropeada da égua.

Ao avistar a Mariana, desceu ao quintal, desprezando cautelas e esquecido já da ferida, cuja crise de perigo piorara naquele dia, que era o oitavo depois do tiro.

A filha do ferrador deu-lhe o recado, sem alteração de palavras. Simão escutara-a placidamente até ao ponto em que ela lhe disse que o primo Baltasar a acompanhava ao Porto.

— O primo Baltasar! — murmurou ele com um sorriso sinistro. — Sempre esse primo Baltasar, cavando a sua sepultura e a minha!

— A sua, fidalgo? — exclamou João da Cruz. — Morra ele, que o levem trinta milhões de diabos! Mas vossa senhoria há de viver enquanto eu for João. Deixe-a ir para o Porto, que não há perigos no convento. De hora a hora, Deus melhora. O senhor doutor vai para Coimbra, está por lá algum tempo, e às duas por três, quando o velho menos

esperar, a fidalguinha foge-lhe, e é logo sua, tão certo como esta luz que nos ilumina.

— Eu hei de vê-la antes de partir para Coimbra — disse Simão.

— Olhe que ela recomendou-me muito que não fosse lá — acudiu Mariana.

— Por causa do primo? — disse o académico ironicamente.

— Acho que sim, e por talvez não servir de nada lá ir vossa senhoria — respondeu timidamente a rapariga.

— Mas se quiser — bradou mestre João — rouba-se a rapariga no caminho. E não é preciso dizer mais nada.

— Meu pai, não meta este senhor em sarilhos maiores! — disse Mariana.

— Não, menina — atalhou Simão -, eu é que não quero meter ninguém em mais sarilhos. Com a minha desgraça, por maior que ela seja, hei de eu lutar sozinho.

João da Cruz, assumindo uma gravidade de que a sua figura raras vezes se enobrecia, disse:

— Senhor Simão, vossa senhoria não sabe nada do mundo. Não meta sozinho a cabeça em trabalhos, que eles, como se que diz, quando prejudicam um homem, não lhe deixam tomar fôlego. Eu sou um rústico; mas, a bem dizer, estou como aquele que dizia que o mal dos seus burrinhos fora ele que os fizera. Paixões, que as leve o diabo, e mais quem com elas engorda. Por causa de uma mulher, ainda que ela seja filha do rei, não se há de um homem pôr a perder. Mulheres há tantas como a praga, e são como as rãs do charco, que mergulha uma, e aparecem quatro à tona da água. Um homem rico e fidalgo como vossa senhoria onde quer topa uma com palmo de cara como se quer, e um dote de encher o olho. Deixe-a ir com Deus ou com a breca, que ela, se tiver de ser sua, à mão lhe há de vir dar, tanto faz andar para trás como para diante, é ditado dos antigos. Olhe que isto não é medo, fidalgo; tome sentido, que João da Cruz sabe o que é pôr dois homens a olhar o céu-estrelo de uma vez só, e não sabe o que é medo. Se o senhor quer sair à estrada e tirar a tal pessoa ao pai, ao primo e a um regimento, se for necessário, eu monto a égua, e daqui a três horas estou de volta com quatro homens, que são como quatro dragões.

Simão olhou para os olhos chamejantes do ferrador, e Mariana exclamou, juntando as mãos sobre o seio:

— Meu pai, não lhe dê esses conselhos!

— Cala-te aí, rapariga! — disse mestre João. — Vai tirar a sela à égua e põe-na no sítio. Não és aqui chamada.

— Não vá aflita, senhora Mariana — disse Simão à rapariga, que se retirava amargurada. — Eu não aproveito nenhum dos conselhos do seu pai. Ouço-o com boa vontade, porque sei que quer o meu bem; mas hei de fazer o que a honra e o coração me aconselharem.

Ao anoitecer, Simão, como estava sozinho, escreveu uma longa carta, da qual extraímos os seguintes pontos:

«Considero-te perdida, Teresa. O sol de amanhã pode ser que eu o não veja. Tudo, à minha volta, tem uma cor de morte. Parece que o frio da minha sepultura está-me a passar para o sangue e para os ossos.

Não posso ser o que tu querias que eu fosse. A minha paixão não se conforma com a desgraça. Eras a minha vida: tinha a certeza de que as contrariedades me não privavam de ti. Só o receio de te perder me mata. O que me resta do

passado é a coragem de ir buscar uma morte digna de mim e de ti. Se tens força para uma agonia lenta, eu não posso com ela.

Poderia viver com a paixão infeliz; mas este rancor sem vingança é um inferno. Mo entanto não hei de dar barata a vida. Ficarás sem mim, Teresa; mas não haverá nenhum infame que te persiga depois da minha morte. Tenho ciúmes de todas as tuas horas. Hás de pensar com muita saudade no teu esposo do Céu, e nunca tirarás de mim os olhos da tua alma para veres ao pé de ti o miserável que nos matou a realidade de tantas esperanças formosas.

Verás esta carta quando eu estiver num outro mundo, esperando as orações das tuas lágrimas. As orações! Admiro-me desta faísca de fé que me ilumina nas minhas trevas! Deste-me o amor, Teresa. Ainda creio; que não se apaga a luz que é tua; mas a providência divina desamparou-me.

Lembra-te de mim. Vive, para explicares ao mundo, com a tua lealdade para uma sombra, a razão porque me atraíram para um abismo. Escutarás com glória a voz do mundo, dizendo que eras digna de mim.

À hora em que leres esta carta....»

Não o deixaram continuar as lágrimas, nem depois a presença de Mariana. Vinha ela pôr a mesa para a ceia, e, quando desdobrava a toalha, disse em voz abafada, como se a si mesma somente o dissesse:

— É a última vez que ponho a mesa ao senhor Simão na minha casa!

— Porque diz isso, Mariana?

— Porque mo diz o coração.

Desta vez, o académico ponderou supersticiosamente os ditames do coração da rapariga, e com o silêncio meditativo deu-lhe a ela a evidência antecipada do vaticínio.

Quando voltou com a travessa da galinha, a filha de João da Cruz vinha a chorar.

— Chora com pena de mim, Mariana? — disse Simão enternecido.

— Choro, porque me parece que o não tornarei a ver; ou, se o vir, será de um modo que oxalá que eu morresse

antes de o ver.

— Não será, talvez, assim, minha amiga.

— Vossa senhoria não me faz uma coisa que eu lhe peço?

— Veremos o que pede, menina.

— Não saia esta noite, nem amanhã.

— Pede o impossível, Mariana. Hei de sair, porque morreria se não saísse.

— Então perdoe a minha ousadia. Deus o tenha da sua mão.

A rapariga foi contar ao pai as intenções do académico. Acudiu logo o mestre João combatendo a ideia da saída, alertando-o para os perigos do ferimento. Depois, como não conseguiu dissuadi-lo, resolveu acompanhá-lo. Simão agradeceu a companhia, mas rejeitou-a com firmeza. O ferrador não cedeu do propósito, e estava já a preparar a clavina, e a selar com medida dobrada a égua — para o que desse e viesse — dizia ele, quando o estudante disse-lhe que, pensando melhor, resolvera não ir a Viseu, e seguir

Teresa ao Porto, depois de mais uns dias de convalescença. Facilmente o acreditou João da Cruz; mas Mariana, submissa sempre ao que o seu coração lhe murmurava, duvidou da mudança, e disse ao pai que vigiasse o fidalgo.

Às onze horas da noite, ergueu-se o académico e escutou o movimento interior da casa: não ouviu o mais ligeiro ruído, a não ser o rangido da égua na manjedoura. Encheu de pólvora nova as duas pistolas. Escreveu um bilhete sobrescrito a João da Cruz, e juntou-o à carta que escrevera a Teresa. Abriu as portadas da janela do seu quarto, e passou dali para a varanda, da qual o salto para a estrada era difícil. Saltou, e tinha dado alguns passos, quando a fresta lateral à porta da varanda se abriu, e a voz de Mariana lhe disse:

— Então adeus, senhor Simão. Eu fico a pedir a nossa Senhora que vá na sua companhia.

O académico parou, e ouviu a voz íntima que lhe dizia: — «O teu anjo da guarda fala pela boca daquela mulher, que não tem mais inteligência que a do coração, iluminada pelo seu amor».

— Dê um abraço ao seu pai por mim, Mariana — disse-lhe Simão — e adeus. até logo, ou…

— Até ao Juízo Final. — atalhou ela.

— O destino há de se cumprir. Seja o que o Céu quiser.

Tinha Simão desaparecido nas trevas, quando Mariana acendeu a lâmpada do santuário, e ajoelhou a orar com o fervor das lágrimas.

Era uma hora, e estava Simão defronte do convento, contemplando uma a uma, as janelas. Em nenhuma vira o clarão de luz; luz, só a do lampadário do Sacramento se coava baça e pálida na vidraça de uma fresta do templo. Sentou-se nas escaleiras da igreja, e ouviu, ali, imóvel, as quatro horas. Das mil avisões que lhe vieram o atribulado espírito, a que mais nitidamente se repetia era a de Mariana suplicante, com as mãos postas sobre o peito; mas, ao mesmo tempo, cria ele ouvir os suplícios de Teresa, torturada pela saudade, pedindo ao Céu que a salvasse das mãos dos seus carrascos. O vulto de Tadeu de Albuquerque, arrastando a filha para um convento, não lhe aumentava a sede da vingança; mas cada vez que lhe vinha à mente a

imagem odiosa de Baltasar Coutinho, instintivamente as mãos do académico certificavam-se da posse das pistolas.

Às quatro horas e um quarto, acordou a natureza toda em hinos e aclamações com radiar da alvorada. Os passarinhos trinavam na cerca do mosteiro melodias interrompidas pelo toque solene das ave-marias na torre. O horizonte passou de escarlate a alvacento. A púrpura da aurora, como labaredas enormes, desfizera-se em partículas de luz, que ondeavam no declive das montanhas, e estendiam-se nas planícies e nas várzeas, como se o anjo do Senhor, à voz de Deus, viesse desenrolando aos olhos da criatura as maravilhas do despertar de um novo dia.

E nenhuma destas galas do Céu e da Terra atraiu os olhos do rapaz poeta!

Às quatro horas e meia, ouviu Simão o tinido de liteiras, dirigindo-se àquele lugar. Mudou de local, seguindo por uma rua estreita, fronteira ao convento.

Pararam as liteiras vazias na portaria, e logo depois chegaram três senhoras vestidas para uma jornada, que deviam ser as irmãs de Baltasar, acompanhadas por dois

criados com as mulas à rédea. As damas foram sentar-se nos bancos de pedra, laterais à portaria. Em seguida abriu-se a grossa porta, rangendo nos gonzos, e as três senhoras entraram.

Momentos depois, viu chegar à portaria Tadeu de Albuquerque, na companhia de Baltasar Coutinho. O velho mostrava sinais de fraqueza e desfalecimento. O de Castro D'aire, bem composto de figura e caprichosamente vestido à castelhana, gesticulava com aprumo de quem dá as suas irrefutáveis razões, e consola tomando a riso a dor alheia.

— Nada de lamúrias, meu tio! — dizia ele. — Desgraça seria vê-la casada! Eu prometo-lhe, antes de um ano passar, restituir-lha curada. Um ano de convento é um ótimo remédio para o coração. Não há nada como isso para limpar o sarro do vício em corações de meninas criadas à discrição. Se o meu tio a obrigasse, desde menina, a uma obediência cega, tê-la-ia agora submissa, e ela não se julgaria autorizada a escolher marido.

— Era uma filha única, Baltasar! — dizia o velho, a soluçar.

— Pois, por isso mesmo — respondeu o sobrinho. — Se tivesse outra, ser-lhe-ia menos sensível a perda, e menos funesta a desobediência. Passaria o seu nome e a sua casa para a filha mais querida, embora tivesse de impetrar uma licença régia para deserdar a primogénita. Assim, agora, não lhe vejo outro remédio senão levar o ferro em brasa à chaga; com emplastros é que não se faz nada.

Abriu-se novamente a portaria, e saíram as três senhoras, e atrás delas Teresa.

Tadeu enxugou as lágrimas e deu alguns passos a saudar a filha, que não ergueu do chão os olhos.

— Teresa. — disse o velho.

— Aqui estou, senhor — respondeu a filha, sem o encarar.

— Ainda é tempo — disse Albuquerque.

— Tempo de quê?

— Tempo de seres boa filha.

— Não me acusa a consciência de o não ser.

— Ainda mais? Queres ir para tua casa, e esquecer o maldito que nos fez a todos desgraçados?

— Não, meu pai. O meu destino é o convento. Esquecê-lo nem na morte. Serei uma filha desobediente, mas mentirosa é que nunca.

Teresa, circunvagando os olhos, viu Baltasar, e estremeceu, exclamando:

— Nem aqui!

— Fala comigo, prima Teresa? — disse Baltasar, risonho.

— Consigo falo! Nem aqui me deixa a sua odiosa presença?

— Sou um dos criados que a minha prima leva na sua companhia. Dois tinha eu há dias, dignos de acompanharem a minha prima; mas houve aí um assassino que mos matou. À falta deles, sou eu que me ofereço.

— Dispenso-o da delicadeza — atalhou Teresa com veemência.

— Eu é que não me dispenso da servir, à falta dos meus dois fiéis criados, que um louco me matou.

— Assim devia ser — disse ela também irónica —, porque os covardes escondem-se nas costas dos criados que se deixam matar.

— Ainda não fizeram as contas finais. Minha querida prima — redarguiu o morgado.

Este diálogo correu rapidamente, enquanto Tadeu de Albuquerque cortejava a prioresa e as outras religiosas. As quatro senhoras, seguidas de Baltasar, tinham saído do átrio do convento, e deram com Simão Botelho, encostado à esquina da rua fronteira.

Teresa viu-o. Avistou-o, primeiro que todas, e exclamou.

— Simão!

O filho do corregedor não se moveu.

Baltasar, espavorido do encontro, fitando os olhos nele, duvidava ainda.

— É incrível que este infame aqui viesse! — exclamou o de Castro D’aire.

Simão deu alguns passos, e disse placidamente:

— Infame, eu! e porquê?

— Infame, e infame assassino! — respondeu Baltasar. — Desaparece da minha vista!

— É parvo este homem! — disse o académico. — Eu não discuto com sua senhoria. Minha senhora — disse ele a Teresa com a voz comovida e o rosto alterado unicamente pelos afetos do coração, — sofra com resignação, da qual eu lhe estou a dar um exemplo. Leve a sua cruz, sem amaldiçoar a violência, e bem pode ser que a meio do seu calvário a misericórdia divina lhe redobre as forças.

— Que diz este patife? — exclamou Tadeu.

— Vem aqui insultá-lo, meu tio! — respondeu Baltasar. — Tem a petulância de se apresentar à sua filha a confortá-la na sua malvadez! Isto é de mais! Olhe que eu esmago-te aqui, vilão!

— Vilão é o desgraçado que me ameaça, sem ousar avançar para mim um passo — redarguiu o filho do corregedor.

— Eu não o faço — exclamou, enfurecido Baltasar — por entender que me rebaixo, castigando-o, na presença de

criados do meu tio, que tu podes supor serem os meus defensores, canalha!

— Se assim é — disse Simão, sorrindo —, espero nunca me encontrar de novo com sua senhoria. Reputo-o tão covarde, tão sem dignidade, que o hei de mandar esmurrar pelo primeiro mariola das esquinas.

Baltasar Coutinho lançou-se de ímpeto a Simão. Chegou a apertar-lhe a garganta com as mãos; mas depressa perdeu o vigor dos dedos. Quando as damas chegaram para se interpor entre os dois, Baltasar já tinha o alto do crânio aberto por uma bala, que lhe entrara na fronte. Vacilou um segundo, e caiu desamparado aos pés de Teresa.

Tadeu de Albuquerque gritou a altos brados. Os liteireiros e os criados rodearam Simão, que conservou o dedo no gatilho da outra pistola. Animados uns pelos outros e pelos gritos do velho, iam lançar-se ao homicida, com risco de vida, quando um homem, com um lenço pela cara, correu da rua fronteira, e colocou-se de bacamarte aperrado, à beira de Simão. Pararam os homens.

— Fuja, que a égua está no fim da rua — disse o ferrador ao seu hóspede.

— Não fujo. Salve-se, e depressa — respondeu Simão.

— Fuja, que se junta o povo e não tardam aí soldados.

— Já disse-lhe que não fujo — respondeu o amante de Teresa, com os olhos postos nela, que caíra desfalecida sobre as escadas da igreja.

— Está perdido! — disse João da Cruz.

— Já o estava. Vá-se embora, meu amigo, pela sua filha lho rogo. Olhe que pode ser-me útil; fuja.

Abriram-se todas as portas e janelas, quando o ferrador se lançou na fuga até cavalgar a égua.

Um dos vizinhos do mosteiro, que, em razão do seu ofício, saiu primeiro à rua, era o meirinho-geral.(*)

[(*) Meirinho era um oficial de justiça. Os meirinhos tinham como função executar prisões, citações, penhoras e mandados judiciais.]

— Prendam-no, prendam-no, que é um assassino — exclamava Tadeu de Albuquerque.

— Quem? — perguntou o meirinho-geral.

— Eu — respondeu o filho do corregedor.

— Vossa senhoria! — disse o meirinho espantado; e, aproximando-se, acrescentou a meia-voz: — Venha, que eu deixo-o fugir.

— Eu não fujo — disse Simão. — Estou preso. Aqui tem as minhas armas.

E entregou as armas.

Tadeu de Albuquerque, quando se recobrou do espasmo, fez transportar a filha para uma das liteiras, e ordenou a dois criados que a acompanhassem ao Porto.

As irmãs de Baltasar seguiram o cadáver do seu irmão para casa do tio.

CAPÍTULO XI

O corregedor acordara com o grande rebuliço que ia na sua casa, e perguntou à esposa, que ele supunha estar também acordada na câmara do lado, que bulha era aquela. Como ninguém lhe respondeu, sacudiu freneticamente a campainha, e berrou ao mesmo tempo, aterrado pela hipótese de incêndio na casa. Quando D. Rita acudiu, já ele estava a enfiar os calções às avessas.

— Que estrondo é este? Quem é que grita? — exclamou Domingos Botelho.

— Quem grita mais é o senhor — respondeu D. Rita.

— Sou eu? Mas quem é que chora?

— São as suas filhas.

— E porquê? Diga numa palavra.

— Pois sim, direi: o Simão matou um homem.

— Em Coimbra? E fazem tanta bulha por isso!

— Não foi em Coimbra, foi em Viseu — disse D. Rita.

— A senhora está a gozar comigo? Pois se o rapaz está em Coimbra, como pode ter matado alguém em Viseu! Aí está um caso que as Ordenações do Reino não providenciaram.

— Parece que brinca, Meneses! O seu filho matou na madrugada de hoje Baltasar Coutinho, sobrinho de Tadeu de Albuquerque.

Domingos Botelho mudou inteiramente de aspeto.

— Foi preso? — perguntou o corregedor.

— Está em casa do juiz de fora.

— Mande-me chamar o meirinho-geral. Sabe como foi e qual a razão dessa morte? Mande-me chamar o meirinho, sem demora.

— Porque não se veste o senhor, e vai a casa do juiz?

— Que vou eu fazer a casa do juiz?

— Saber da boca do seu filho como tudo se passou.

— Eu não sou pai: sou corregedor. Não me incumbe a mim interrogá-lo. Senhora D. Rita, eu não quero ouvir choradeiras; diga às meninas que se calem, ou que vão chorar para o jardim.

O meirinho, chamado, relatou miudamente o que sabia, e disse ter-se verificado que o amor à filha do Albuquerque fora causa daquele desastre.

Domingos Botelho, ouvida a história, disse ao meirinho:

— O juiz de fora que cumpra as leis. Se ele não for rigoroso, eu o obrigarei a sê-lo.

Ausente o meirinho, disse D. Rita Preciosa ao marido:

— Que significa esse modo de falar do seu filho?

— Significa que sou corregedor desta comarca, e que não protejo assassinos por ciúmes, e ciúmes da filha de um homem que eu desprezo. Eu antes queria ver mil vezes morto Simão, que o ter ligado a essa família. Escrevi-lhe muitas vezes dizendo-lhe que o expulsava da minha casa, se alguém me desse a certeza de que ele tinha correspondência com tal mulher. Não há de querer a

senhora que eu vá sacrificar a minha integridade para com um filho rebelde, e ainda por cima um homicida.

D. Rita, um tanto por afeto maternal e bastante por espírito de contradição, tentou refutar tais palavras; mas desistiu, obrigada pela insólita pertinácia e cólera do marido. Tão enraivecido e áspero em palavras nunca o ela vira antes. Quando lhe ele disse: — «Senhora, em coisas de pouca importância o seu conselho era tolerável; em questões de honra, o seu conselho não serve de nada: deixe-me!» — D. Rita, quando isso ouviu, e reparou na fisionomia de Domingos Botelho, sentiu-se mulher, e retirou-se.

Com isto entrou o juiz de fora que estava na sala de espera. O corregedor foi recebê-lo, não com o rosto afetuoso de quem vai agradecer a delicadeza e implorar indulgência, em vez disso ia carrancudo e mais parecia ir ele repreender o juiz, por com aquela visita dar a crer que a balança da justiça na sua mão tremia algumas vezes.

— Começo por dar a vossa senhoria os meus pêsames pela desgraça do seu filho — disse o juiz de fora.

— Obrigado vossa senhoria. Sei tudo. Está instaurado o processo?

— Não podia deixar eu de aceitar a querela.

— Se a não aceitasse, obrigá-lo-ia eu ao cumprimento dos seus deveres.

— A situação do senhor Simão Botelho é péssima. Confessa tudo. Diz que matou o carrasco da mulher que ele amava.

— Fez muito bem — interrompeu o corregedor, soltando uma tosse seca e rouca.

— Perguntei-lhe se foi em legitima defesa, e fiz-lhe sinal para que respondesse afirmativamente. Mas ele respondeu que não; que, fosse para se defender tinha-o feito com a ponta da bota, e não com um tiro. Procurei todos os modos honestos de o levar a dar algumas respostas que denotassem alucinação ou demência; ele, porém, responde com tanta igualdade e presença de espírito, que é impossível supor que o assassínio não foi perpetrado muito intencionalmente e de claro juízo. Aqui tem vossa senhoria

uma especialíssima e triste posição. Queria valer-lhe, e não posso.

— E eu não posso nem quero, senhor doutor juiz de fora. Está na cadeia?

— Ainda não: está na minha casa. Venho saber se vossa senhoria determina que lhe seja preparada com decência a prisão.

— Eu não determino nada. Faça de conta que o preso Simão não tem aqui parente algum.

— Mas, senhor doutor corregedor — disse o juiz de fora com tristeza e compunção -, vossa senhoria é o pai.

— Sou um magistrado.

— É demasiada a severidade, perdoe-me a reflexão, que é amiga. A lei já existe para o castigar; não o castigue também vossa senhoria com o seu ódio. A desgraça quebra o rancor de estranhos, quanto mais afetuoso for o ressentimento de um pai!

— Eu não o odeio, senhor doutor; desconheço é esse homem de que me fala. Cumpra os seus deveres, que lho

ordena o corregedor, e o amigo mais tarde lhe agradecerá a delicadeza.

Saiu o juiz de fora, e foi encontrar Simão na mesma serenidade em que o deixara.

— Venho de uma conversa com o seu pai — disse o juiz -, encontrei-o mais irado do que era natural calcular. Penso que por enquanto nada pode esperar da influência ou do patrocínio dele.

— E isso que me importa? — respondeu sossegadamente Simão.

— Importa muito, senhor Botelho. Se o seu pai quisesse, havia meios de mais tarde lhe adoçar a sentença.

— Que me importa a mim a sentença? — respondeu o filho do corregedor.

— Pelo que vejo, não lhe importa ao senhor ir para uma forca?

— Não, senhor.

— Que diz, senhor Simão! — redarguiu espantado o interrogador.

— Digo que o meu coração é indiferente ao destino da minha cabeça.

— E sabia que o seu pai não lhe vai dar mesmo proteção, a proteção das primeiras necessidades na cadeia?

— Não sabia; e que tem isso? Que importa morrer de fome, ou morrer no patíbulo?

— Porque não escreve à sua mãe? Peça-lhe que…

— Que hei de eu pedir à minha mãe? — atalhou Simão.

— Peça-lhe que amacie a cólera do seu pai, senão o senhor Botelho não tem quem o alimente.

— Vossa Senhoria pensa que sou desses miseráveis que se preocupam sempre em saber onde hão de encher a barriga. Penso que não incumbe ao senhor juiz de fora preocupar-se com os interesses de estômago de um condenado.

— Decerto que não — redarguiu, irritado, o juiz. — Faça o que quiser.

E, chamando o meirinho-geral, entregou-lhe o réu, dispensando um guarda que o força-se a acompanhá-lo.

O carcereiro recebeu respeitosamente o preso, e alojou-o num dos melhores quartos do cárcere; mas nu e desprovido do mínimo conforto.

Um outro preso emprestou-lhe uma cadeira de pau. Simão sentou-se, cruzou os braços e meditou.

Pouco depois, um criado do seu pai levou-lhe o almoço, dizendo-lhe que a sua mãe lho mandava às escondidas, e entregando-lhe uma carta dela, cujo conteúdo importa saber. Simão, antes de tocar no almoço, cujo cabaz estava no pavimento, leu o seguinte:

«Desgraçado, que estás perdido!

Eu não te posso valer, porque o teu pai está inexorável. Às escondidas dele é que te mando o almoço, e não sei se poderei mandar-te o jantar!

Que destino o teu! Oxalá que tivesses morrido ao nascer.

Disseram que tinhas nascido morto; mas o teu fatal destino não quis largar a vítima (*).

Para que saíste de Coimbra? A que vieste, infeliz? Agora sei que tens vivido fora de Coimbra há quinze dias, e nunca

tiveste uma palavra que dissesses a tua mãe!»

[(*)NOTA DO AUTOR: Esclarece neste dizer de D. Rita que na certidão de idade de Simão, a qual tenho presente, e é extraída por Herculano Henrique Garcia Camilo Galhardo, reitor da real igreja da Senhora da Ajuda, do livro 14, a folhas 159. Diz assim:

«Aos dois dias do mês de Maio de 1784, pôs os santos óleos o reverendo padre cura, João Domingues Chaves a Simão, o qual foi «batizado em casa por estar em perigo de vida» pelo reverendo frei António de S. Pelágio, etc.».]

Simão suspendeu a leitura, e disse para si mesmo:

«Como é que se entende isto? Pois a minha mãe não mandou chamar o João da Cruz! E não foi ela quem me mandou o dinheiro?»

— Olhe que o almoço arrefece, menino! — disse o criado.

Simão continuou a ler, sem ouvir o criado:

«Deves estar sem dinheiro, e eu desgraçadamente não te posso hoje enviar nem sequer um pinto. O teu irmão Manuel, desde que fugiu para Espanha, absorve-me todas

as economias. Veremos, passado algum tempo, o que posso fazer; mas receio bem que o teu pai saia de Viseu, e nos leve para Vila Real, para abandonar de todo o teu julgamento à severidade das leis.

Meu pobre Simão! Onde estiveste tu escondido durante quinze dias? Hoje mesmo chegou ao teu pai a carta de um professor, participando-lhe a tua falta nas aulas, e saída para o Porto, segundo dizia o arrieiro que te acompanhou.

Não posso ir ver-te. O teu pai já bateu na Ritinha, por ela querer ir à cadeia.

Conta com o pouco valor da tua pobre mãe ao pé de um homem enfurecido, como está o teu pai.»

Simão Botelho refletiu por alguns minutos, e convenceu-se de que o dinheiro recebido era de João da Cruz. Quando saiu com o espírito desta meditação, tinha os olhos marejados com lágrimas.

— Não chore, menino — disse o criado —, os trabalhos são para os homens, e Deus há de fazer tudo pelo melhor. Almoce, senhor Simão.

— Leva o almoço — disse ele.

— Não quer almoçar?

— Não. Nem voltes aqui. Eu não tenho família. Não quero absolutamente nada da casa dos meus pais. Diz à minha mãe que eu estou sossegado, bem alojado, feliz e orgulhoso da minha sorte. Vai-te embora já.

O criado saiu, e disse ao carcereiro que o seu infeliz amo estava doido. D. Rita achou provável a suspeita do servo, e viu a evidência da loucura nas palavras do filho.

Quando o carcereiro voltou à cela de Simão, entrou acompanhado de uma rapariga camponesa: era Mariana. A filha de João da Cruz, que até àquele momento não apertara ainda sequer a mão de Simão e correu para ele com os braços abertos, e o rosto banhado de lágrimas. O carcereiro retirou-se, dizendo consigo: — Esta é bem mais bonita que a fidalga!

— Não quero ver lágrimas, Mariana — disse Simão. — Se há alguém que deve chorar sou eu; mas lágrimas dignas de mim, lágrimas de gratidão aos favores que tenho recebido de si e do seu pai. Acabo de saber que a minha

mãe nunca me mandou dinheiro. Era do seu pai aquele dinheiro que recebi.

Mariana escondeu o rosto no avental com que enxugava as lágrimas.

— O seu pai teve algum perigo? — perguntou Simão em tom de voz só percetível a ela.

— Não, senhor.

— Está em casa?

— Está, e parece furioso. Queria vir aqui, mas eu não o deixei.

— Perseguiu-o alguém?

— Não, senhor.

— Diga-lhe que não se assuste, e vá depressa sossegá-lo.

— Eu não posso ir sem fazer o que ele me disse. Eu vou sair, e volto daqui a pouco.

— Mande-me comprar uma banca, uma cadeira, um tinteiro e papel — disse Simão, dando-lhe dinheiro.

— Há de vir logo tudo; já cá podia estar; mas o pai disse-me que não comprasse nada sem saber se a sua família lhe mandava o necessário.

— Eu não tenho família, Mariana. Tome o dinheiro.

— Não recebo dinheiro, sem licença do meu pai. Para essas compras trouxe eu de mais. E a sua ferida como está?

— Até já me esqueci disso! — disse Simão, sorrindo — Deve estar boa, pois não me dói. Soube alguma coisa de D. Teresa?

— Soube que foi para o Porto. Estavam ali a contar que o pai a mandou meter desmaiada na liteira, e que estão muitas pessoas à porta do fidalgo.

— Está bem, Mariana. Não há desgraçado sem amparo. Vá, pense no seu hóspede, seja o seu anjo de misericórdia.

Saltaram de novo as lágrimas dos olhos da rapariga; e, por entre soluços, estas palavras:

— Tenha paciência. Não há de morrer ao desamparo. Faça de conta que lhe apareceu hoje uma irmã.

E, dizendo, tirou das amplas algibeiras um embrulho de biscoitos e uma garrafa de licor de canela, que depôs sobre a cadeira.

— Mau almoço é; mas não achei outra coisa pronta — disse ela, e saiu apressada, como para poupar ao infeliz palavras de gratidão.

CAPÍTULO XII

O corregedor, nesse mesmo dia, ordenou que se preparassem mulher e filhas para no dia a seguir saírem de Viseu com tudo que pudesse ser transportado nas carruagens.

Vou descrever a singela e dorida reminiscência de uma senhora daquela família, como a tenho em carta recebida há meses:

«Já lá vão cinquenta e sete anos, e ainda me lembro, como se fossem ontem passados, os tristes acontecimentos da minha juventude. Não sei como é que tenho hoje mais clara a memória das coisas da infância. Parece-me que, há trinta anos, me não lembravam com tantas circunstâncias e pormenores.

Quando a mãe me disse a mim e às minhas irmãs que preparássemos os nossos baús, rompemos todas num choro, que irritou a ira do pai. As manas, como eram mais

velhas ou mais afeitas ao castigo, calaram-se logo: eu, porém, que só uma vez, e unicamente por causa de Simão, tinha sido castigada, continuei a chorar, e tive o inocente valor de pedir ao pai que me deixasse ir ver o mano à cadeia antes de sairmos de Viseu.

Então fui castigada pela segunda vez, e asperamente.

O criado, que levou o jantar à cadeia, voltou com ele e contou-nos que Simão já tinha alguns móveis no seu quarto, e estava a jantar sossegado. Àquela hora todos os sinos de Viseu tocavam afinados pela alma de Baltasar.

Ao pé dele, disse o criado, estava uma formosa rapariga da aldeia, triste e coberta de lágrimas. Apontando-a ao criado que a observava, disse Simão: — a minha família é esta.

No dia seguinte, ao romper da manhã, partimos para Vila Real. A mãe chorava sempre; o pai, encolerizado por isso, saiu da liteira em que vinha com ela, obrigou-me a trocar de lugar com ele, e fez toda a jornada na minha carruagem.

Assim que chegámos a Vila Real, eram tão frequentes as desordens em casa, por causa do Simão, que o meu pai abandonou a família, e foi sozinho para a quinta de

Montezelos. A mãe quis também abandonar-nos e ir ter com os primos de Lisboa, para solicitar a libertação do mano. Mas o pai, que fizera uma espantosa mudança de génio, quando tal soube, ameaçou a minha mãe da obrigar judicialmente a não sair de casa.

Escrevia a mãe a Simão, e não recebia resposta. Pensava ela que o filho não respondia: anos mais tarde, vimos entre os papéis do meu pai todas as cartas que ela escrevera. Percebemos que o pai as fazia tirar ao correio.

Uma senhora de Viseu escreveu à mãe, louvando-a pelo muito amor e caridade com que ela acudia às necessidades do seu infeliz filho. Esta carta foi-lhe entregue por um almocreve senão teria o destino das outras. Espantou-se a minha mãe do conceito em que a tinha a sua amiga, e confessou-lhe que não o tinha socorrido, porque o filho rejeitara o pouco que ela quisera fazer no seu bem. A isto respondeu a senhora de Viseu que uma rapariga, filha de um ferrador, estava a viver nas vizinhanças da cadeia, e cuidava do preso com abundância e limpeza, e a todos dizia que ali estava por ordem e à custa da senhora D. Rita Preciosa. Acrescentava a amiga da minha mãe que algumas

vezes mandara chamar a bela rapariga e lhe quisera dar alguns cozinhados mais esquisitos para o Simão, os quais ela rejeitava, dizendo que o senhor Simão não aceitava nada.

De tempos a tempos recebíamos estas notícias, sempre tristes, porque na ausência do meu pai, conspiraram, como era de esperar, quase todas as pessoas distintas de Viseu contra o meu desgraçado irmão.

A mãe escrevia aos seus parentes da capital implorando graça régia para o filho; mas aquelas cartas não saíam do correio, e iam dar todas à mão do meu pai.

E que fazia este, entretanto na quinta, sem família, sem glória, nem recompensa alguma a tantas faltas? Rodeado de jornais, cultivava aquela grande moradia aonde ainda hoje, por entre os tojos e urzes, que voltaram com o abandono, se podem ver algumas de arvores plantadas por ele. A mãe escrevia-lhe lastimando o filho; o meu pai apenas respondia que a justiça não era uma brincadeira, e que na antiguidade os próprios pais condenavam os filhos criminosos.

Teve a minha mãe a ousadia de o ir visitar um dia, pedindo licença para ir a Viseu. O meu inexorável pai negou-lha, e expulso-a furiosamente.

Passados sete meses, soubemos que Simão tinha sido condenado a morrer na forca, que seria levantada no local onde se cometera o crime. Fecharam-se as janelas por oito dias; vestimos de luto, e a minha mãe caiu doente.

Quando isso se soube em Vila Real, todas as pessoas ilustres da terra foram a Montezelos, a fim de obrigarem brandamente o pai a empregar o seu valor na salvação do filho condenado. De Lisboa vieram alguns parentes protestar contra a infâmia, que tamanha ignomínia faria recair sobre a família. O meu pai a todos respondia com estas palavras: — "A forca não foi inventada somente para os que não sabem o nome dos seus avôs. A ignomínia das famílias são as más ações. A justiça não infama senão aquele que castiga."

Tínhamos nós um tio-avô, muito velho e venerando, chamado António da Veiga. Foi este quem fez o milagre, e foi assim: Apresentou-se ao meu pai e disse-lhe: — "Guardou-me Deus a vida até aos oitenta e três anos. —

Poderei viver mais dois ou três? Isto já nem é vida: mas foi-o, e honrada, e sem mancha até agora, e já agora há de assim acabar; os meus olhos não hão de ver a desonra da sua família. Domingos Botelho, ou tu me prometes aqui salvar o teu filho da forca, ou eu na tua presença me mato.” — E, dizendo isto, apontou ao pescoço uma navalha de barba. O meu pai teve-lhe a mão e disse-lhe que Simão não seria enforcado.

No dia seguinte, foi o meu pai para o Porto, onde tinha muitos amigos na Relação, e de lá para Lisboa.

Em princípio de Março de 1805, soube a minha mãe, com grande prazer, que Simão fora removido para as cadeias da Relação do Porto, vencendo os grandes obstáculos que opuseram a essa mudança os queixosos, que eram Tadeu de Albuquerque e as irmãs do morto.

Depois....»

Suspendemos aqui o extrato da carta, para não anteciparmos a narrativa de sucessos, que importa, em respeito à arte, atar no fio cortado.

Simão Botelho vira imperturbavelmente chegar o dia do julgamento. Sentou-se no banco dos homicidas sem advogado, nem testemunhas de defesa. Às perguntas respondeu com o ânimo frio ao interrogatório do juiz. Obrigado a explicar a causa do crime, deu-a com toda a lealdade, sem articular o nome de Teresa Clementina de Albuquerque. Quando o advogado da acusação proferiu aquele nome, Simão Botelho ergueu-se de golpe, e exclamou:

— Que vem aqui fazer o nome de uma senhora a este antro de infâmia e sangue? Que miserável acusador está aí, que não sabe, com a confissão do réu, provar a necessidade do carrasco sem enlamear a reputação de uma mulher? A minha acusação está feita: eu fi-la; agora a lei que fale, e cale-se o vilão que não sabe acusar sem infamar.

O juiz impôs-lhe silêncio. Simão sentou-se, murmurando:

— Miseráveis. Todos!

Ouviu o réu a sentença de morte na forca, arvorada no local do delito. E ao mesmo tempo saíram dentro da multidão

uns gritos dilacerantes. Simão voltou a face para o povo, e disse:

— Ides ter um belo espetáculo, senhores! A forca é a única festa do povo! Levai daí essa pobre mulher que chora: essa é a única criatura para quem o meu suplício não será um passatempo.

Mariana foi transportada em braços até ao seu casebre em que se instalara, na vizinhança da cadeia. Os robustos braços que a levaram eram os do seu pai.

Simão Botelho, quando, em toda a agilidade e força dos dezoito anos, ia do tribunal ao cárcere, ouviu algumas vozes que se alternavam deste modo:

— Quando é que ele vai morrer?

— É bem feito! Vai pagar pelos inocentes que o pai mandou enforcar.

— Queria apanhar a morgada à força de balas!

— Não. Estes fidalgos pensam é que não há mais nada na vida senão matar!

— Matasse ele um pobre, e verias como ele estava agora em casa!

— Isso é verdade!

— E olhem como vai ele de cara no ar!

— Deixa ir, que não tarda quem lha faça cair ao chão!

— Dizem que o carrasco já vem a caminho.

— Já chegou de noite, e trazia dois cutelos numa coifa.

— Tu viste-o?

— Não. Mas disse-me a minha comadre que lho dissera a vizinha do cunhado da irmã, que o carrasco está escondido num calabouço.

— E hás de levar os pequenos a ver o criminoso padecer?

— Claro! Estes exemplos não se devem perder.

— Eu cá por mim já vi enforcar três, que me lembre, todos por assassínio.

— Como se tu, há dois anos, não tivesses acabado a vida do Amaro Lampreia, lá na casa do diabo!

— Assim foi; mas, se eu o não matasse, matava-me ele a mim.

— Então para que serve o exemplo?

— E eu sei cá para que serve? O frei Anselmo dos franciscanos é que prega aos pais que levem os filhos a verem os enforcados.

— Isso há de ser para não o esfolarem a ele, quando ele nos esfola com os peditórios.

Tão desassombrado ia o espírito de Simão, que algumas vezes lhe esvoaçou nos lábios o sorriso, desafiado pela filosofia do povo acerca da forca.

Recolhido ao seu quarto, foi intimado para apelar da sentença, dentro do prazo legal. Respondeu que não apelava, que estava contente da sua sorte, e das boas avenças com a justiça.

Perguntou por Mariana, e o carcereiro disse-lhe que a mandava chamar. Veio João da Cruz, e a chorar lastimou-se do medo de perder a filha, porque a via delirante a falar em forca, e a pedir que a matassem primeiro. Agudíssima foi então a dor do académico ao compreender, como se

instantaneamente lhe fulgurasse a verdade, que Mariana o amava até ao extremo de morrer. Por momentos, esvaiu-se-lhe do coração a imagem de Teresa, se é possível assim pensá-lo. Vê-la-ia porventura como um anjo redimido em serena contemplação do seu Criador; e veria Mariana como o símbolo da tortura, morrer a pedaços, sem instantes de amor remunerado que lhe dessem a glória do martírio. Uma, morrendo amada; outra, agonizando, sem ter ouvido a palavra «amor» dos lábios que escassamente balbuciavam frias palavras de gratidão.

E chorou então aquele homem de ferro. Chorou lágrimas que valiam bem as amarguras de Mariana.

— Vá cuidar depressa da sua filha, senhor Cruz! — disse Simão com fervente súplica ao ferrador — Deixe-me a mim, que estou vigoroso e bom. Vá consolar essa criatura, que nasceu debaixo da minha má estrela. Tire-a de Viseu: leve-a para a sua casa. Salve-a, para que neste mundo fiquem duas irmãs que me chorem. Os favores que me tem feito, agora dispensa-os na brevidade da minha vida. Daqui a dias mandam-me recolher ao oratório: será melhor que a sua filha não o saiba.

De volta ao casebre, João da Cruz achou a filha prostrada no pavimento, ferida no rosto, chorando e rindo, demente. Levou-a amarrada para a sua casa, e deixou a cargo de outra pessoa a sustentação do condenado.

Terribilíssimas foram então as horas solitárias do infeliz. Até àquele dia, Mariana, querida do carcereiro e protegida pela amiga de D. Rita Preciosa, tinha entrada fácil no cárcere a toda a hora do dia, e raras eram as horas em que deixava o preso sozinho. Costurava, enquanto ele escrevia, ou cuidava da limpeza da cela. Se Simão estava no leito doente ou prostrado, Mariana, que tivera alguns princípios de ensino de escrita, sentava-se à banca, e escrevia cem vezes o nome de Simão, que muitas vezes as lágrimas deliam. E isto assim se passou, durante sete meses, sem nunca ouvir proferir a palavra amor. Isto assim, depois das vigílias noturnas, ora em preces, ora em trabalho, ora no caminho da sua casa, onde ia visitar o pai a altas horas da noite.

Nunca mais o preso, na perspetiva da forca, viu entrar aquela doce criatura no limiar da ferrada porta, que lhe graduava o ar medindo e calculando para que as inteiras

honras da asfixia as gozasse o cordel do patíbulo. Nunca mais!

E, quando evocava a imagem de Teresa, um capricho dos olhos quebrados afigurava-lhe a visão de Mariana em conjunto com a outra. E via as duas lagrimosas. Saltava então do leito, fincava os dedos nos espessos ferros da janela, e pensava em partir o crânio contra as grades.

Não o sustinha a esperança na Terra, nem no Céu. O raio de luz divina jamais penetrou na sua cela. O anjo da piedade encarnara naquela criatura celestial, que enlouquecera, ou voltara para o Céu com o espírito dela. O que o salvava do suicídio não era pois esperança em Deus, nem nos homens; era este pensamento: «Afinal, cobarde! Que bravura há em morrer quando não há esperança de vida? A forca é um triunfo, quando se encontra no fim do caminho da honra!».

CAPÍTULO XIII

— E Teresa? Perguntaram os meus leitores, e não me hei de queixar se me acusarem de a ter esquecido e sacrificado a incidentes de menos porte.

Esquecido, não. Muito há que me reluz e voeja, alada como ideal querubim dos santos, nesta minha quase escuridade (*), aquela ave do céu, como a pedir-me que lhe cubra de flores o rastilho de sangue que ela deixou na terra. Mais lágrimas que sangue deixaste, ó filha da amargura! Flores são tuas lágrimas, e do Céu me diz se os perfumes delas não valem mais aos pés do teu Deus que as preces de muita devota, que morre santificada pelo mundo, e cujo cheiro de santidade não passa do olfato hipócrita ou estúpido dos mortais.

[(*)NOTA DO AUTOR: Este romance foi escrito num dos cubículos-cárceres da Relação do Porto, para uma luz coada por entre ferros, e abafada pela sombra das abóbadas. Ano da Graça de 1861.]

Teresa Clementina bem a viram transportada da escadaria do templo, onde caíra na liteira que a conduziu ao Porto. Recobrando o alento, viu defronte de si uma criada, que lhe dizia banais e frias expressões de alívio. Se alguma criada do seu pai lhe era amiga, decerto não aquela, acintosamente escolhida pelo velho. Nem ao menos a confiança para tal expansão em gritos restava à afligida menina! Mas um raio de piedade ferira de súbito o peito da mulher até àquela hora desafeta a sua ama.

Perguntava-se a si mesma Teresa se aquela horrorosa situação seria um sonho! Sentia-se de novo fortalecer de forças, e voltava à vida, acudida pela consciência da sua desgraça. Condoeu-se a criada, e incitou-a a respirar, chorando com ela, e dizendo-lhe:

— Pode falar, menina, que ninguém nos segue.

— Ninguém?

— As suas primas ficaram em Viseu: vêm apenas os dois lacaios.

— E o meu pai não?

— Não, menina. Pode chorar e falar à sua vontade.

— Vou para o Porto?

— Vamos, sim, minha senhora.

— E tu viste tudo como tudo se passou, Constança?

— Desgraçadamente vi.

— Como foi? Conta-me tudo.

— A menina bem sabe que o seu primo morreu.

— Morreu? Vi-o cair quase aos meus pés; mas...

— Morreu logo, e depois quiseram os criados, à voz do seu pai, prender o senhor Simão; mas ele com outra pistola...

— E fugiu? — atalhou Teresa, com veemente alegria.

— Ele deu-se à sozinho prisão.

— Está preso?

E, sufocada pelos soluços, com o rosto no lenço, não ouvia as palavras confortadoras de Constança.

Serenado algum tempo o violento acesso de gemidos e choro, Teresa sugeriu à criada o louco plano de a deixar fugir na primeira estalagem onde pousassem, para ela ir a Viseu dar o último adeus a Simão.

A criada a custo despersuadiu-a do intento, pintando-lhe os novos perigos que ia acumular à desgraça do seu amante, e animando-a com a esperança de livrar-se Simão do crime, com a influência do pai, apesar da perseguição do fidalgo.

Calaram lentamente estas razões no espírito de Teresa.

Chorosa, ansiada e por vezes desfalecida, foi Teresa vencendo a distância que a separava de Monchique, onde chegou ao quinto dia de jornada.

A prelada já estava sabia dos acontecimentos por emissários que se adiantaram ao moroso caminhar da liteira.

Foi Teresa recebida com brandura pela sua tia, posto que as recomendações de Tadeu de Albuquerque eram clausura rigorosa e absoluta privação de meios de escrever a quem quer que fosse.

Ouviu a prelada da boca da sua sobrinha a fiel história dos acontecimentos, e viu uma a uma as cartas de Simão Botelho. Choraram abraçadas; mas a prelada, enxugadas as lágrimas de mulher ao fogo da austeridade religiosa, falou e aconselhou como freira, e freira que ciliciava o corpo com as rosetas e o coração com as privações tormentosas de quarenta anos.

Teresa carecia de forças para a rebelião. Deixou a sua tia a santa vaidade de exorcizar o demónio das paixões, e deu um sorriso ao anjo da morte, que, de permeio ao seu amor e à esperança, lhe interpunha a asa negra, que tão de luz refulgente rebrilha às vezes em corações infelizes.

Quis Teresa escrever.

— A quem, minha filha? — perguntou a prelada.

Teresa não respondeu.

— Escrever-lhe para quê? — disse a religiosa. — Pensas tu, menina, que as tuas cartas lhe chegarão às mãos? Que vais tu fazer senão redobrar a ira do teu pai contra ti e contra o infeliz preso? Se o amas, como creio, apesar de tudo, pensa em salvá-lo. Se não ouves a minha razão, finge-

te esquecida. Se podes violentar a tua dor, dissimula, faz muito para que ao teu pai chegue a notícia de que lhe serás dócil em tudo, se ele tiver piedade do teu pobre amigo.

Teresa não refletiu muito nessas palavras. Deu outro sorriso ao anjo da morte, e pediu-lhe que a envolvesse a ela, e ao seu amor, e à sua esperança, de todo, na negrura das suas asas.

De mês a mês recebia a abadessa de Monchique uma carta do seu primo. Eram estas cartas um alívio de vingança. Em todas dizia o velho que o assassino iria ao patíbulo irremediavelmente. A sobrinha não via as cartas; mas reparava nas lágrimas da compassiva freira.

A débil compleição de Teresa deperecia aceleradamente. A medicina condenou-a à morte breve. Disto foi informado Tadeu de Albuquerque, e respondeu: «Não desejava morta; mas, se Deus a levar, morrerei mais tranquilo, e com a honra sem manchas.» Era assim imaculada a honra do fidalgo de Viseu! A HONRA, que dizem proceder em linha reta da virtude de Sócrates, da virtude de Jesus Cristo, e da virtude de milhões de mártires, que se deram às garras das

feras, quando predicavam a caridade e o perdão aos homens!

Quantas carícias inventou a simpatia e a piedade, todas, por ministério das religiosas exemplares de Monchique, aporfiaram em refrigerar o ardor que consumia rapidamente a reclusa. Tudo inútil. Teresa reconhecia com lágrimas a compaixão, e, ao mesmo tempo, alegrava-se tirando das carícias a certeza de que os médicos a julgavam incurável.

Alguma freira inadvertida disse-lhe um dia que uma sua amiga do convento dos Remédios de Lamego lhe dissera que Simão tinha sido condenado à morte.

Teresa estremeceu e murmurou, sem forças já para a exclamação:

— E eu ainda vivo!

Depois orou, e chorou; mas os costumes da sua vida em paroxismos continuaram inalteráveis.

Perguntou à senhora, que lhe dera a notícia, se a sua amiga do convento dos Remédios lhe faria o favor de fazer chegar às mãos de Simão uma carta. Prontificou-se a freira, depois

que ouviu o parecer da prelada. Entendeu esta religiosa que o derradeiro colóquio entre dois moribundos não podia danificá-los na vida temporal, nem na vida eterna.

Esta é a carta que leu Simão, quinze dias depois do seu julgamento:

«Simão, meu esposo. Sei tudo. Está connosco a morte. Escrevo-te sem lágrimas. A minha agonia começou há sete meses. Deus é bom, que me poupou ao crime. Ouvi a notícia da tua morte próxima, e então compreendi porque estou a morrer de hora a hora. Aqui está o nosso fim, Simão! E as nossas esperanças! Quando tu me dizias os teus sonhos de felicidade, e eu te dizia os meus! Que mal fariam a Deus os nossos inocentes desejos? Porque não merecemos nós o que tanta gente tem? Assim acabará tudo, Simão? Não posso crê-lo. A eternidade apresenta-se-me tenebrosa, porque a esperança era a luz que me guiava de ti para a fé. Mas não pode acabar assim o nosso destino. Vê se consegues segurar o último fio da tua vida para uma esperança qualquer. Ver-nos-emos num outro mundo, Simão? Terei eu merecido a Deus contemplar-te? Eu rezo, suplico, mas desfaleço na fé, quando me lembram as

últimas agonias do teu martírio. As minhas são suaves, quase que as não sinto. Não deve custar a morte a quem tiver o coração tranquilo. O pior é a saudade, saudade daquelas esperanças que tu achavas no meu coração, adivinhando as tuas. Não importa, se nada há além desta vida. Ao menos, morrer é esquecer. Se tu pudesses viver agora, de que te serviria? Eu também estou condenada, e sem remédio. Segue-me, Simão! Não tenhas saudades da vida, não tenhas, ainda que a razão te diga que podias ser feliz, se não me tivesses encontrado no caminho por onde te levei à morte. E que morte, meu Deus! Aceita-a! Não te arrependas. Se houve crime, a justiça de Deus te perdoará pelas angústias que tens de sofrer no cárcere e nos últimos dias, e na presença da...»

Teresa ia escrever uma palavra, quando a pena lhe caiu da mão, e uma convulsão lhe vibrou o corpo por muito tempo. Não escreveu a palavra! A ideia de força parou-lhe a vida. A freira entrou na cela a pedir-lhe a carta, porque o correio ia partir. Teresa, indicando-lha, disse:

— Leia, se quiser, e feche-a, por caridade, que eu não posso.

Nos três dias seguintes Teresa não saiu do leito. A cada hora que passava as religiosas assistentes esperavam que ela fechasse os olhos.

— Custa muito morrer! — dizia algumas vezes a enferma.

Não faltavam piedosos discursos a divertirem-lhe o espírito do mundo.

Teresa ouvia-os, e dizia com ânsia:

— Mas a esperança do Céu, sem ele! Que é o Céu, meu Deus?

E o apostólico capelão do mosteiro não sabia dizer se os bens do Céu tinham de comum com os do mundo as delícias que falsamente na Terra se chamam assim. Aquelas subtilezas espirituais que vêm com algumas espécies de tísica, assim à maneira dos últimos lampejos da vital flama, tinha-as a enferma, quando acontecia falarem-lhe as religiosas na bem-aventurança. Às vezes, se o capelão, convidado pela lucidez de Teresa, entrava nos domínios da filosofia, tratando como tema a imortalidade da alma, a inculta senhora argumentava em breves termos, com

razões tão claras a favor da união eterna das almas, já deste mundo esposas, que o padre ficava em dúvidas se seria herético contestar uma cláusula não inscrita em algum dos quatro evangelhos.

Maravilhava-se já a medicina da pertinácia daquela vida. Tinha a abadessa escrito ao primo Tadeu, apressando-o a vir ver o anjo ao despedir-se da Terra. O velho, tocado de piedade, e porventura de amor paternal, pensou tirar do convento a filha, na esperança de ainda a poder salvar. E uma forte razão acrescia àquela: era a mudança do condenado para os cárceres do Porto. Deu-se pressa, pois, o fidalgo, e chegou ao Porto a tempo que a religiosa, amiga da outra de Lamego, entregar à doente esta carta de Simão:

«Não me fujas ainda, Teresa. Já não vejo a forca, nem a morte. O meu pai protege-me, e a salvação é possível. Prende ao coração os últimos fios da tua vida. Prolonga a tua agonia, enquanto te eu disser que espero. Amanhã vou para as cadeias do Porto, e hei de ali esperar a absolvição ou comutação da sentença. A vida é tudo. Posso amar-te no degredo. Em toda a parte há céu, e flores, e Deus. Se

viveres, um dia serás livre; a pedra do sepulcro é que nunca se levanta. Vive, Teresa, vive! Há dias, lembrava-me que as tuas lágrimas lavariam da minha face as nódoas do sangue do enforcado. Esse pesadelo atroz passou. Agora respira-se neste inferno; o esparto do carrasco já me não aperta em sonhos a garganta. Já contemplo os teus olhos no céu, e reconheço a providência dos infelizes. Ontem, vi as nossas estrelas, aquelas dos nossos segredos nas noites de ausência. Voltei à vida, e tenho o coração cheio de esperanças. Não morras, amor da minha alma!»

Ia alta a noite, quando Teresa, sentada no seu leito, leu esta carta. Chamou a criada para ajudá-la a vestir. Mandou abrir a janela do seu quarto e encostou as faces às reixas de ferro. Esta janela dava para o mar, e o mar era nessa noite uma imensa flama de prata; e a Lua esplendidíssima eclipsava o fulgor dumas estrelas, que Teresa procurava no céu.

— São aquelas! — exclamou ela.

— Aquelas quê, minha senhora? — disse Constança.

— As minhas estrelas! Pálidas como eu. A vida! A vida! — exclamou ela, erguendo-se, e passando pela fronte as mãos cadavéricas — Quero viver! Deixai-me viver, ó Senhor!

— Há de viver, menina! Há de viver, que Deus é piedoso! — disse a criada. — Mas não tome o ar da noite. Este nevoeiro do rio faz-lhe grande mal.

— Deixa-me, deixa-me, que tudo isto é viver. Não vejo o céu há tanto tempo! Sinto-me ressuscitar aqui, Constança! Porque não tenho eu respirado todas as noites este ar? Poderei viver mais alguns anos? Poderei, minha Constança? Pede tu, pede muito à Virgem Santíssima! Vamos orar ambas! Vamos, pois o Simão não irá morrer. O meu Simão vive e quer que eu viva. Está no Porto amanhã; e talvez já cá esteja.

— Quem, minha senhora?

— Simão; o Simão vem para o Porto.

A criada julgava que a sua ama delirava; mas não a contrariou.

— Teve carta dele a fidalga? — disse ela, pensando que assim lhe alimentava aquele instante de febril contentamento.

— Tive. Queres ouvir? Eu leio.

E leu a carta, com grande pasmo de Constança, que se convenceu.

— Agora vamos rezar, sim? Tu não és inimiga dele, não? Olha, Constança, se eu casar com ele, tu vais para nossa companhia. Verás como és feliz. Queres ir, não queres?

— Sim, minha senhora, vou; mas conseguirá ele livrar-se da morte?

— Livra; tu verás que se livra; o pai dele há de livrá-lo. E a Virgem Santíssima é que nos há de unir. Mas se eu morro. Se eu morro, meu Deus..

E com as mãos convulsivamente enlaçadas sobre o seio, Teresa arquejou a chorar.

— Eu já não tenho forças! Todos dizem que estou para morrer, e o médico já nem me receita nada! Se isso é

verdade, melhor me fora ter morrido antes desta hora! Morrer com esperanças, ó Mãe de Deus!

E ajoelhou perante o retábulo devoto que trouxera do seu quarto de Viseu, ao qual a sua mãe e avó já tinham orado, e em cujo rosto compassivo os olhos das duas senhoras moribundas tinham apagado os seus últimos raios de luz.

CAPÍTULO XIV

Anunciara-se Tadeu de Albuquerque na portaria de Monchique, ao dia seguinte dos anteriores sucessos. A sua prima, primeira senhora que lhe saiu ao locutório, vinha enxugando as lágrimas de alegria.

— Não pense que eu choro de aflita, meu primo — disse ela. — o nosso anjo, se Deus quiser, pode salvar-se. Vi-a passear de madrugada pelo seu próprio pé nos dormitórios. Que diferença de rosto ela tem hoje! Isto, meu primo, é milagre das duas santas que temos na clausura, e com as quais algumas perfeitas criaturas desta casa se apegaram. Se as melhoras continuarem assim, Teresa viverá; o Céu consente que esteja entre nós aquele anjo por mais alguns anos.

— Muito folgo com o que me diz, minha boa prima — atalhou o fidalgo. — A minha resolução é levá-la já para Viseu, e lá se restabelecerá com os ares pátrios, que são muito mais sadios que os do Porto.

— É ainda cedo para tão longa e custosa jornada, meu primo. Não vá o senhor pensar que ela está capaz de se meter a caminho. Lembre-se que ainda ontem pensámos em encontrá-la hoje morta. Deixe-a estar mais alguns meses; e depois não digo que a não leve; mas, por enquanto, não consinto semelhante imprudência.

— Maior imprudência — respondeu o velho — é conservá-la no Porto, onde, a estas horas, deve estar o malvado assassino do meu sobrinho. Talvez não saiba a prima? Pois é verdade; o patife do corregedor saiu do campo em defesa dele, e conseguiu que o tribunal da Relação lhe aceitasse a apelação da sentença, passado o prazo da lei; e, não contente com isto, fez que o filho fosse removido para as cadeias do Porto. Eu agora trabalho para que a sentença seja confirmada, e espero consegui-lo; mas, enquanto o assassino aqui estiver, não quero que a minha filha esteja no Porto.

— O primo é pai, e eu sou apenas uma parente — disse a abadessa -; cumpra-se a sua vontade. Quer ver a menina, não é assim?

— Quero, se é possível.

— Pois bem, enquanto eu vou chamá-la, queira entrar na primeira grade à sua mão direita, que Teresa lá vai ter.

Avisada Teresa de que o seu pai a esperava, instantaneamente a cor sadia, que alegrava as senhoras religiosas, se demudou na lividez costumada. Quis a tia, vendo-a assim, que ela não saísse do seu quarto, e encarregou-se de encurtar a visita do pai.

— Tem de ser — disse Teresa. — Eu vou, minha tia.

O pai, ao vê-la, estremeceu. Esperava ver a filha doente, mas não assim. Pensou que a não a conheceria se não o avisassem de que ia ver a sua filha.

— Como eu te encontro, Teresa! — exclamou ele, comovido. — Porque não me disseste há mais tempo sobre o teu estado?

Teresa sorriu, e disse:

— Eu não estou tão mal como as minhas amigas imaginam.

— Terás tu forças para ires comigo para Viseu?

— Não, meu pai; não tenho nem forças para lhe dizer em poucas palavras que não volto a Viseu.

— Porque não, se a tua saúde depender disso?

— A minha saúde depende do contrário. Aqui viverei e morrerei.

— Não é tanto assim, Teresa — respondeu Tadeu com dissimulada brandura. — Se eu entender que estes ares são nocivos à tua saúde, hás de ir, porque é obrigação minha conduzir e corrigir a tua má sina.

— Está corrigida, meu pai. A morte emenda todos os erros da vida.

— Bem sei; mas eu quero-te viva, e, portanto, recobra forças para o caminho. Logo que tiveres meio dia de jornada, verás como a saúde te voltará como por milagre.

— Não vou, meu pai.

— Não vais? — exclamou irritado o velho, lançando às grades as mãos trementes de ira.

— Separam-nos estes ferros a que o meu pai se encosta e para sempre nos separam.

— E as leis? Pensas tu que eu não tenho direitos legítimos para te obrigar a sair do convento? Não sabes que tens apenas dezoito anos?

— Sei que tenho dezoito anos; as leis não sei quais são, nem me incomoda a minha ignorância. Se uma mão violenta me vier arrancar daqui, convença-se, meu pai, de que essa mão há de encontrar um cadáver. Depois farão o que quiserem de mim. Por agora, porém, enquanto puder dizer que não vou, juro-lhe que não vou, meu pai.

— Eu sei porquê! — bramiu o velho. — Já sabes que o assassino está no Porto!

— Sei, sim, senhor.

— E ainda o dizes sem vergonha, nem horror de ti mesma! Ainda.

— Meu pai — interrompeu Teresa — não posso continuar a ouvi-lo, porque me sinto mal. Dê-me licença e vingue-se como puder. A minha glória neste longo martírio seria uma forca levantada ao lado da do assassino.

Teresa saiu da grade, deu alguns passos na direção da sua cela, e encostou-se esvaída à parede. Correram a ampará-la

a sua tia e a criada, mas ela, afastando-as suavemente de si, murmurou:

— Não é preciso. Estou boa. Estes golpes dão vida, minha tia.

E caminhou sozinha a passos vacilantes.

Tadeu bateu à porta do mosteiro com irrisórias e enfurecidas pancadas, umas após outras, com grande medo da porteira e de outras madres, espantadas do insólito despropósito.

— Que é isso, primo? — disse a prelada com severidade.

— Quero Teresa cá fora.

— Como fora? Quem é que a há de lançar para fora?

— A senhora, que não pode aqui reter uma filha contra a vontade do seu pai.

— Isso é verdade; mas tenha prudência, primo.

— Não há prudência nem meia prudência. Quero a minha filha cá fora.

— E ela não quer ir?

— Não, senhora.

— Então, espere se por bons modos a convençamos a sair, porque não havemos de trazer-lha a rastos.

— Eu vou buscá-la, se for preciso — redarguiu em crescente fúria. — Abram-me estas portas, que eu vou buscá-la.

— Estas portas não se abrem assim, meu primo, sem licença superior. A regra do mosteiro não pode ser quebrada para servir uma paixão desordenada. Tranquilize-se senhor! Vá descansar desse frenesi, e venha noutra hora combinar comigo o que for digno de todos nós.

— Já percebi! — exclamou o velho, gesticulando contra o ralo do locutório. — Conspiram todas contra mim! Ora descansem, que eu lhes darei uma boa lição. Fique a senhora abadessa a saber que eu não quero que a minha filha receba mais cartas do assassino, percebeu?

— Eu creio que Teresa nunca recebeu cartas de assassinos, nem suponho que as receba de agora em diante.

— Não sei se sabe, nem se não. Eu vigiarei o convento. A criada, que está com ela, ponham-na fora, percebeu?

— Porquê? — redarguiu a prelada com enfado.

— Porque encarreguei-a de me avisar de tudo, e ela não me tem contado nada.

— Se não tinha que lhe dizer, senhor!

— Não me conte histórias, prima! A criada quero vê-la sair do convento e já!

— Eu não lhe posso fazer a vontade, porque não faço injustiças. Se vossa senhoria quiser que a sua filha tenha outra criada, mande-lha; mas a que ela tem, assim que deixe de a servir, há muitas senhoras nesta casa que o desejam, e ela mesma deseja aqui ficar.

— Já percebi! — gritou ele — querem-me matar! Pois não matam; primeiro há de o Diabo dar um estoiro!

Tadeu de Albuquerque saiu aos tropeções do átrio do mosteiro. Era hedionda aquela raiva que lhe contraía as faces enrugadas, revendo suor e sangue aos olhos acovados.

Apresentou-se ao intendente da polícia, pedindo providências para que este lhe entregasse a sua filha. O intendente respondeu que ele não solicitava competentemente tais providências. Instou para que o carcereiro da cadeia não deixasse sair nenhuma carta de um assassino, vindo da comarca de Viseu, de nome Simão Botelho. O intendente disse que não podia, sem motivos concernentes a devassas, impedir que o preso escrevesse a quem quer que fosse.

Reduplicada a fúria, foi dali ao corregedor do Porto, com os mesmos requerimentos, em tom arrogante. O corregedor, particular amigo de Domingos Botelho, despediu com enfado o importuno, dizendo-lhe que a velhice sem juízo era causa tanto de riso como de lástima. Esteve então prestes a perder-se a cabeça de Tadeu de Albuquerque. Andava e desandava nas ruas do Porto, sem atinar com uma saída digna da sua prosápia e vingança. No dia seguinte, bateu à porta de alguns desembargadores mas achou-os mais inclinados à clemência que à justiça a respeito de Simão Botelho. Um deles, amigo de infância de D. Rita Preciosa, e implorado por ela, falou assim ao sanhudo fidalgo:

— Em pouco está o ser homicida, senhor Albuquerque. Quantas mortes teria vossa senhoria hoje feito se alguns adversários se opusessem à sua cólera? Esse infeliz rapaz, contra quem o senhor solicita desvairadas violências, conserva a honra na altura da sua imensa desgraça. Abandonou-o o pai, deixando-o condenar à forca; e ele da sua extrema degradação nunca fez sair um grito suplicante de misericórdia. Um estranho lhe esmolou a subsistência de oito meses de cárcere, e ele aceitou a esmola, que era honra para si e para quem lha dava. Hoje, fui eu ver esse desgraçado filho de uma senhora que eu conheci no paço, sentada ao lado dos reis. Achei-o vestido de baetão e pano pedrês. Perguntei-lhe se assim estava desprovido de fato. Respondeu-me que se vestira à proporção dos seus meios, e que devia à caridade de um ferrador aquelas calças e jaqueta. Repliquei-lhe eu que escrevesse ao pai para o vestir decentemente. Disse-me que não pedia nada a quem consentiu que os delitos do seu coração e da sua dignidade e do pundonor do seu nome fossem expiados num patíbulo. Há grandeza neste homem de dezoito anos, senhor Albuquerque. Se vossa senhoria tivesse consentido que a sua filha amasse Simão Botelho Castelo Branco, teria

poupado a vida ao homem sem honra que se lhe atravessou com insultos e ofensas corporais de tal afronta, que desonrado ficaria Simão se as não repelisse como homem de alma e brios. Se vossa senhoria não se tivesse oposto às honestíssimas e inocentes afeições da sua filha, a justiça não teria mandado arvorar uma forca, nem a vida do seu sobrinho teria sido imolada aos seus caprichos de mau pai. E, se a sua filha casasse com o filho do corregedor de Viseu, pensa acaso vossa senhoria que os seus brasões sofriam desdouro? Não sei de que século data a nobreza do senhor Tadeu de Albuquerque, mas no brasão de D. Rita Teresa Margarida Preciosa Caldeirão Castelo Branco posso dar-lhe informações sobre as páginas das mais verídicas e ilustres genealogias do Reino. Por parte do seu pai, Simão Botelho tem do melhor sangue de Trás-os-Montes, e não se temerá de entrar em competências com o dos Albuquerques de Viseu, que não é decerto o dos Albuquerques terríveis de que narra Luís de Camões.

Ofendido até ao âmago pela derradeira ironia, Tadeu ergueu-se de ímpeto, tomou o chapéu e a enorme bengala de castão de ouro e fez a cortesia de despedida.

— São amargas as verdades, não é assim? — disse-lhe, sorrindo, o desembargador Mourão Mosqueira.

— Vossa excelência lá sabe o que diz, e eu cá sei no que hei de entender — respondeu com tom irónico o fidalgo, alanceado na sua honra e na dos seus avós.

O desembargador retorquiu:

— Fique no que quiser; mas tenha a certeza, se isso lhe serve de alguma coisa, que Simão Botelho não vai parar à forca.

— Veremos. — resmoneou o velho.

CAPÍTULO XV

São treze dias decorridos do mês de Março de 1805. Está Simão num quarto de malta das cadeias da Relação. Um catre de tábuas, um colchão de embarque, uma banca e cadeira de pinho, e um pequeno pacote de roupa, colocado no lugar do travesseiro, são a sua mobília. Sobre a mesa tem um caixote de pau-preto, que contém as cartas de Teresa, ramilhetes secos, os seus manuscritos do cárcere de Viseu e um avental de Mariana, o último com que ela, no dia do julgamento, enxugara as lágrimas e arrancara de si no primeiro instante de demência.

Simão relê as cartas de Teresa, abre os envoltórios de papel que encerram as flores ressequidas, contempla o avental de linho, procurando esvaídos vestígios das lágrimas. Depois, encosta a face e o peito aos ferros da sua janela, e avista os horizontes boleados pelas serras de Valongo e Gralheira, e cortados pelas ribas pitorescas de Gaia, do Candal, de Oliveira e do mosteiro da serra do Pilar. É um dia lindo.

Refletem-se do azul do céu os mil matizes da Primavera. Tem aromas o ar e a viração fugitiva dos jardins derrama no éter as urnas que roubou aos canteiros. Aquela indefinida alegria, que parece reluzir nas legiões de espíritos que se geram ao sol de Março, rejubila a natureza, que toda pompa de luz e flores, se está namorando do calor que a vai fecundando.

Dia de amor e de esperança era aquele que o Senhor mandava ao casebre encravado na garganta da serra, ao palácio esplendoroso que reverberava ao sol com seus espiráculos, ao opulento que passeava as suas moles equipagens, bafejado pelo respiro acre das sarças, e ao mendigo que desentorpecia os membros, encostado às colunas dos templos.

E Simão Botelho, fugindo a claridade da luz, e do voo das aves, meditando, chorava e escrevia assim as suas meditações:

«O pão do trabalho de cada dia, e o teu seio para repousar uma hora a face, pura de manchas: não pedi mais ao Céu. Achei-me homem aos dezasseis anos. Vi a virtude à luz do teu amor. pensei que era santa a paixão que absorvia todas

as outras, ou as depurava com o seu fogo sagrado. Nunca os meus pensamentos foram denegridos por um desejo, que eu não possa confessar a alta voz perante todo o mundo. Diz-me tu, Teresa, se os meus lábios profanaram a pureza dos teus ouvidos. Pergunta a Deus quando quis eu fazer do meu amor o teu próprio.

Nunca, Teresa! Nunca, ó mundo que me condenas!

Se o teu pai quisesse que eu me arrastasse a seus pés para te merecer, beijar-lhos-ia. Se tu me mandasses morrer para não te privar de ser feliz com outro homem, morreria, Teresa!

Mas tu estavas sozinha e infeliz, e eu pensei que o teu carrasco não devia sobreviver-te. Eis-me aqui homicida e sem remorsos. A insânia do crime aturde a consciência; não a minha, que se não temia das escadas da forca, nos dias em que o meu despertar era sempre o estrebuchamento da sufocação.

Eu esperava a cada hora a chamada para o oratório, e dizia comigo: falarei a Jesus Cristo.

Sem pavor premeditava nas setenta horas dessa agonia moral, e antevia consolações que o crime não ousa esperar sem injúria da justiça de Deus.

Mas chorava por ti, Teresa! O travor do meu cálice tinha sobre a sua amargura as mil amarguras das tuas lágrimas.

Gemias aos meus ouvidos! Ver-me-ias sacudido nas convulsões da morte, nos teus delírios. A mesma morte tem o horror da suprema desgraça. Tarde morrerias. A minha imagem, em vez de te acenar com a sua palma de martírio, seria-te um fantasma levantado das tábuas de um cadafalso.

Que morte a tua, ó minha santa amiga!»

E prosseguiu até ao momento em que João da Cruz, com ordem do intendente-geral da polícia, entrou no quarto.

— Aqui? — exclamou Simão, abraçando-o. — E Mariana? Deixou-a sozinha? Morta, talvez!

— Nem sozinha, nem morta, fidalgo! O diabo nem sempre está atrás da porta. Mariana voltou ao seu juízo.

— Fala a verdade, senhor João?

— Pudera mentir! Aquilo foi coisa de bruxaria, cá para mim. Sangrias, sedenhos, água fria na cabeça, e exorcismos do missionário, não lhe digo nada, a rapariga está agora a recuperar, e, assim que tiver um tudo-nada de forças, põe-se ao caminho.

— Bendito seja Deus! — exclamou Simão.

— Ámen — acrescentou o ferrador. — Então que espécie de quarto é este? Que raio de tarimba(*) é esta? Quer-se aqui uma cama de gente, e alguma coisa em que um cristão se possa sentar.

[(*) Tarimba é um estrado de madeira, plano e duro, onde dormem os soldados nos quartéis e postos de guarda. Considerada cama rude, dura e desconfortável, o nome é também usado para designar a vida de caserna ou vida de soldado.]

— Isto assim está excelente.

— Bem vejo. E de barriga? Como vai o senhor de comida?

— Ainda tenho dinheiro, meu amigo.

— Há de ter muito, não tem dúvida: mas eu tenho mais, e vossa senhoria tem ordem franca. Veja lá esse papel.

Simão leu uma carta de D. Rita Preciosa, escrita ao ferrador, em que o autorizava a socorrer o filho com as necessárias despesas, prontificando-se a pagar todas as ordens que lhe fossem apresentadas com a sua assinatura.

— É justo — disse Simão, restituindo a carta -, porque eu devo ter uma legítima.

— Então já vê que não tem mais que pedir esmola. Eu vou comprar-lhe o que é necessário.

— Abra-me o seu nobre coração para outro serviço mais valioso — atalhou o preso.

— Diga lá, fidalgo.

Simão pediu-lhe a entrega de uma carta em Monchique a Teresa de Albuquerque.

— O Diabo parece-me que as arma! — disse o ferrador. — Venha de lá a carta. O pai dela está cá. Já sabia?

— Não.

— Pois está; e, se o Diabo o traz à minha beira, não sei se lhe darei com a cabeça numa esquina. Já pensei em

espera-lo no caminho e pendurá-lo pelo pescoço no galho de um sobreiro. A carta tem resposta?

— Se lha derem, meu bom amigo.

Chegou o ferrador a Monchique, a tempo que um oficial de justiça, dois médicos e Tadeu de Albuquerque entravam no pátio do convento.

Falou o oficial de justiça à prelada, exigindo, em nome do juiz de fora, que dois médicos entrassem no convento a examinar a doente D. Teresa Clementina de Albuquerque, a requerimento do seu pai.

Perguntou a prelada aos médicos se eles tinham a necessária licença eclesiástica para entrarem em Monchique. À resposta negativa redarguiu a abadessa que as portas do convento não se abriam. Disseram os médicos a Tadeu de Albuquerque que era aquele o estilo dos mosteiros, e não houve maneiras de redarguir o contrário à rigorosa prelada.

Saíram, e o ferrador só então refletiu no modo de entregar a carta. A primeira ideia pareceu-lhe a melhor. Chegou ao ralo, e disse:

— Ó senhora freira!

— Que quer vossemecê? — disse a prelada.

— A senhora faz favor de dizer à senhora D. Teresinha de Viseu que está aqui o pai daquela rapariga da aldeia, que ela sabe?

— E quem é vossemecê?

— Sou o pai da tal rapariga que ela sabe.

— Já sei! — exclamou de dentro a voz de Teresa, correndo ao locutório.

A prelada retirou-se para um lado, e disse:

— Vê lá o que fazes, minha filha.

— A sua filha escreveu-me? — disse Teresa a João da Cruz.

— Sim, senhora, aqui está a carta.

E depositou na roda a carta, em que a abadessa reparou, e disse, sorrindo:

— Muito engenhoso é o amor, Teresinha. Permita Deus que as notícias da rapariga da aldeia te alegrem o coração;

mas olha, filhinha, não cuides que a tua velha tia é menos esperta que o pai dessa rapariga da aldeia.

Teresa respondeu com beijos às jovialidades carinhosas da santa senhora, e sumiu-se a ler a carta, e a responder-lhe. Entregando a resposta, disse ela ao ferrador:

— Não vê aí sentada naquela escadinha uma pobre mendiga?

— Vejo, sim, senhora, e conheço-a. Como diabo veio para aqui esta mulher? pensei que, depois da esfrega que lhe deu o hortelão, a pobrezita não tinha pernas que a cá trouxessem! A mulher pelos vistos tem fibra!

— Fale baixo — disse Teresa. — Pois olhe, quando trouxer as cartas, entregue-lhas a ela, sim? Eu já a mandei à cadeia: mas não a deixaram lá entrar.

— Bem está, e o arranjo não é mau assim. Fique com Deus, menina.

Esta boa nova alegrou Simão. A providência divina apiedara-se dele naquele dia. Ao restaurar-se o juízo de Mariana e a possibilidade de corresponder-se com Teresa

eram as máximas alegrias que podiam baixar do Céu ao seu cerrado infortúnio.

Exaltara-se Simão em graças a Deus, na presença de João da Cruz, que arrumava no quarto uns móveis que comprara em segunda mão. Quando este, suspendendo o trabalho, exclamou:

— Então vou-lhe dizer outra coisa, que não tinha tenção de dizer, para o apanhar de surpresa.

— O que se passa?

— A minha Mariana veio comigo, e ficou na estalagem, porque não se podia mexer com dores; mas amanhã ela cá estará para lhe fazer a comida e varrer o quarto.

Simão, reconcentrando o indefinível sentimento que esta notícia lhe causara, disse com melancólica pausa:

— É pois certo que a minha má estrela arrasta a sua desgraçada filha a todos os meus abismos! Pobre anjo de caridade, que digna é ela do Céu!

— Que está o senhor aí a pregar? — interrompeu o ferrador. — Parece que ficou a modos de tristonho com a

notícia!

— Senhor João — disse solenemente o preso — não deixe vir aqui a sua querida filha. Deixe-ma ver, traga-a consigo uma vez a esta casa; mas não a deixe vir cá, porque eu não posso escolher o destino de Mariana. Como há de ela viver no Porto, sozinha, sem conhecer ninguém, bela como ela é, e perseguida como tem de ser?

— Perseguida! Qual quê! Ela é mesmo das que se deixam perseguir! Ó meu amigo, as mulheres são como as pêras verdes: um homem apalpa-as, e, se o dedo acha duro, deixa-as, e não as come. É como é. A rapariga sai à mãe. A minha mulher, que Deus a haja, quando eu lhe andava a namorar, dei-lhe um dia um beliscão numa perna. Ela põe-se logo direita e deu-me dois cascudos nas trombas, que ainda agora os sinto. A Mariana! Aquilo é da pele de Satanás! Pergunte o senhor, se algum dia falar com aquele fidalguinho Mendes de Viseu, a troçada que ele levou com as rédeas da égua, só por lhe tocar na chinela quando ela estava em cima da burra!

Simão sorriu ao rasgado panegírico da bravura da rapariga, e orgulhou-se secretamente dos brandos afagos com que o

ela desvelara em oito meses de quase continuada convivência.

— E vossemecê há de privar-se da companhia da sua filha? — insistiu o preso.

— Eu lá me arranjarei como puder. Tenho uma cunhada velha e levo-a para mim para me arranjar o caldo. E vossa senhoria pouco tempo estará aqui. O senhor corregedor lá anda a tratar de o pôr na rua. Que o senhor seja libertado, cá para mim já são favas contadas. E assim como ninguém quer nada, vou dizer-lhe tudo de uma vez: a rapariga, se eu a não deixasse vir para o Porto, dava um estoiro como uma castanha. Olhe que eu não sou tolo, fidalgo. Que ela tem paixão d'alma por a vossa senhoria, isto é tão certo como eu ser João. É a sua sina; que hei de eu fazer-lhe? Deixá-la, que pelo senhor Simão não lhe há de vir mal, ou então já não há honra neste mundo.

Simão lançou-se aos braços do ferrador, exclamando:

— Pudesse eu ser o marido da sua filha, meu nobre amigo!

— Qual marido! — disse o ferrador com os olhos vidrados das primeiras lágrimas que Simão lhe vira. — Eu nunca me lembrei disso, nem ela! Eu sei que sou um ferrador, e ela sabe que pode ser sua criada, e mais nada, senhor Simão; e sabe que mais? Eu desejo que os meus amigos sejam desgraçados como havia de ser o senhor se casasse com a pobre rapariga! Não falemos nisto, que eu por milagre choro; mas quando me ponho a chorar sou um chafariz. Vamos ao arranjo: a mesa deve aqui ficar; a cómoda ali; duas cadeiras deste lado, e duas daquele. O baú debaixo da cama. A bacia e a bilha da água sobre esta coisa, que não sei como se chama. Os lençóis e o resto é lá para rapariga decidir onde pôr. Amanhã é que o quarto há de ficar que nem uma capela. Olhe que a Mariana já me disse que comprasse duas daquelas. Como se chamam aquelas envasilhas de pôr ramos?

— Jarras.

— É como diz, duas jarras para flores; mas eu não sei onde se vende isso. Agora vou buscar o jantar, que a rapariga há de pensar que me não deixam sair da cadeia. Ainda não lhe disse que não me deixaram cá entrar ontem à

tarde; mas eu, como trouxe uma cartinha da sua mãe para um senhor desembargador, fui hoje de manhã à estalagem do senhor intendente-geral da polícia. Até logo.

CAPÍTULO XVI

Um incidente agora me ocorre, não muito a par com o seguimento da história, mas a propósito vindo para demonstrar uma face da índole do ex-corregedor de Viseu, já então exonerado do cargo.

Já é sabido que Manuel Botelho, o primogénito, voltando a frequentar matemáticas em Coimbra, fugira dali para Espanha com uma dama desleal ao seu marido, estudante açoriano que cursava medicina.

Um ano demorara na Corunha Manuel Botelho com a fugitiva, alimentando-se dos recursos que a sua mãe, extremosa pelo filho, lhe remetia, vendendo a pouco e pouco as suas joias, e privando as filhas dos adornos próprios dos anos e da qualidade.

Secaram-se estas fontes e não restavam outras. D. Rita disse por fim ao filho que deixara de socorrer Simão por não ter meios; e agora, das escassas economias que fazia,

nada podia enviar-lhe, porque ficara na obrigação de pagar os alimentos de Simão à pessoa que por compaixão lhos dera em Viseu, e lhos estava a dar agora no Porto. Pedia ela, para consolação do filho, que viesse ele para Vila Real, e trouxesse consigo a infeliz senhora; que fosse ele para casa, e a deixasse numa estalagem até se arranjar uma habitação; que a altura era oportuna por o pai estar na quinta de Montezelos, quase divorciado da família.

Voltou pelo Minho Manuel Botelho, e chegou com a dama ao Porto, quinze dias depois de Simão entrar no cárcere.

Já noutro ponto deixámos dito que nunca os dois irmãos se deram, nem estimaram; mas o infortúnio de Simão remia as culpas do génio fatal que o orfanara de pai e mãe, e só da irmã Rita lhe deixara uma lembrança saudosa.

Foi Manuel à cadeia, e, abrindo os braços ao irmão, teve um glacial acolhimento.

Perguntou-lhe Manuel a história do seu desastre.

— Consta do processo — respondeu Simão.

— E tem o mano esperanças de liberdade? — respondeu Manuel.

— Não penso nisso.

— Eu pouco posso oferecer-lhe, porque vou para casa forçado pela falta de recursos; mas, se precisa de roupa, repartirei consigo a minha.

— Não preciso de nada. Esmolas só as recebo daquela mulher.

Já Manuel tinha reparado em Mariana, e da beleza da rapariga inferira para formar falsos juízos.

— E quem é esta menina? — disse Manuel.

— É um anjo. Não lhe sei dizer mais nada.

Mariana sorriu-se, e disse:

— Sou uma criada do senhor Simão e de vossa senhoria.

— É cá do Porto?

— Não, meu senhor, sou dos arrabaldes de Viseu.

— E tem feito companhia ao meu mano?

Simão atalhou assim à resposta balbuciante de Mariana:

— A sua curiosidade incomoda-me, mano Manuel.

— Pensei que não era ofensiva — respondeu o outro, tomando o chapéu. — Quer mandar algum recado à mãe?

— Nada.

Estando Manuel Botelho, na tarde desse dia, a fechar as malas para seguir caminho até Vila Real, foi visitado pelo desembargador Mourão Mosqueira e pelo corregedor do crime.

— Devemos à espionagem da polícia — disse o corregedor — a novidade de estar nesta estalagem um filho do meu antigo amigo, condiscípulo e colega Domingos Correia Botelho. Aqui vimos dar-lhe um abraço e oferecer o nosso préstimo. Esta senhora é a sua esposa? — continuou o magistrado, reparando na açoriana.

— Não é minha esposa. — balbuciou Manuel — é minha irmã.

— Sua irmã. — disse Mosqueira — qual das três? Há cinco anos que as vi em Viseu, e grande mudança fez esta senhora, que não me recordo das suas feições absolutamente coisa nenhuma. É a senhora D. Ana Amália?

— Justamente — disse Manuel.

— Bela lhe afirmo eu que está, minha senhora; mas fez-se um rosto muito outro do que era!

— Vieram ver o infeliz Simão? — atalhou o corregedor.

— Sim, senhor. Viemos ver meu pobre irmão.

— Foi um raio que caiu na família aquele rapaz! — jurou Mosqueira. — Mas pode estar certo que a sentença não se executa; diga à sua mãe que o ouviu da minha boca. O meu tribunal está preparado para lhe minorar a pena em dez anos de degredo para a Índia, e o seu pai, segundo me disse na passagem para Vila Real, já preparou as coisas na Suplicação e no Desembargo do Paço, não obstante o morto lá ter parentes poderosos nas duas instâncias. Quiséramos absolvê-lo e restituí-lo à sua família; mas tanto é impossível. Simão matou e confessa soberbamente que matou. Não consente mesmo que se diga que o fez em defesa. É um doido desgraçado com sentimentos nobilíssimos! Chovem cartas de empenho a favor do Albuquerque. Pedem a cabeça do pobre rapaz com uma sem-cerimónia que indigna o ânimo.

— É essa a menina que foi a causa da desgraça? — perguntou Manuel.

— Essa é uma heroína! — respondeu o corregedor do crime. — Davam-na já por morta quando Simão chegou aqui. Desde que soube das probabilidades da comutação da pena, deu um pontapé na morte, e está salva, segundo me disse o médico.

— Conhece-a muito bem, minha senhora? — disse o desembargador à dama, suposta irmã de Manuel.

— Muito bem — respondeu ela, relanceando os olhos ao amante.

— Dizem que é formosíssima!

— Decerto — acudiu Manuel — é formosíssima!

— Muito bem — disse o corregedor, erguendo-se. — Leve este abraço ao seu pai, e diga-lhe que o condiscípulo cá está, leal e dedicado como sempre. Tenho de lhe escrever brevemente. E outro abraço para sua virtuosa mãe — acrescentou o desembargador.

— Vou desconfiado! — disse o Mosqueira ao colega. — Manuel Botelho tinha, há coisa de um ano, fugido para Espanha com uma senhora casada. Aquela mulher que vimos não é irmã dele.

— Então se nos mentiu, é um patife, por nos obrigar a cortejar uma concubina! Irei informar-me melhor. — disse o corregedor, ofendido no seu austero pundonor.

E na carta que mandou, escrevendo a Domingos Botelho, dizia no período final: «Tive o gosto de conhecer o teu filho Manuel, e uma das tuas filhas; por ele te mandei um abraço, e por ela te mandaria outro, se fosse moda ensinarem velhos a meninas bonitas como se dão os abraços nos pais.»

Estava já Manuel em casa, e pensava em alugar uma modesta casa para a açoriana, auxiliado pela sua bondosa e indulgente mãe. Domingos Botelho fora informado da vinda, e dissera que não queria ver o filho, avisando-o de que era considerado desertor de cavalaria desde que abandonara os estudos, onde estava com licença. Recebeu depois a carta do crime, e mandou imediata e secretamente ver se em Vila Real estava a senhora que indicava a carta.

O espião deu-a como certa na estalagem, enquanto Manuel Botelho pensava nos adornos de uma casa. Escreveu o magistrado ao juiz de fora, e este mandou chamar à sua presença a mulher suspeita e ouviu dela a sua história, sincera e lacrimosamente contada. Condoeu-se o juiz, e revelou ao colega as suas averiguações. Domingos Botelho foi a Vila Real, e hospedou-se em casa do juiz de fora, onde a senhora foi novamente chamada, sendo que ao mesmo tempo o general da província lavrava ordem de prisão para o cadete desertor de cavalaria de Bragança.

A açoriana, em vez do juiz, encontrou um homem feio, de carrancuda sombra, e aparências de intenções sinistras.

— Eu sou pai de Manuel — disse Domingos Botelho. — Sei a história da senhora. O infame é ele. A senhora é a vítima. O castigo da senhora principiou desde o momento em que a sua consciência lhe disse que praticou uma ação indigna. Se a consciência não lho disse ainda, ela lho dirá. De onde é?

— Da ilha do Faial — respondeu trémula a dama.

— Tem família?

— Tenho mãe e irmãs.

— Sua mãe aceitá-la-ia, se a senhora lhe pedisse abrigo?

— Creio que sim.

— Sabe que Manuel é um desertor, que a estas horas está preso ou fugitivo?

— Não sabia.

— Quer isto dizer que a senhora não tem a proteção de alguém.

A pobre mulher soluçava, abafada por ânsias, e debulhada em lágrimas.

— Porque não vai para a sua mãe?

— Não tenho recursos alguns — respondeu ela.

— Quer partir hoje mesmo? À porta da estalagem, daqui a pouco, encontrará uma liteira e uma criada para acompanhá-la até ao Porto. Lá entregará uma carta. A pessoa a quem escrevo tratará da passagem para Lisboa. Em Lisboa outra pessoa a levará a bordo da primeira embarcação que sair para os Açores. Estamos combinados? Aceita?

— Beijo as mãos de vossa senhoria. Uma desgraçada como eu não podia esperar tanta caridade.

Poucas horas depois, a açoriana…

«*Morreu de paixão e vergonha, talvez!*» exclama uma leitora sensível.

Não, minha senhora; o estudante continuo nesse ano a frequentar a Universidade; e como tinha já vasta instrução em patologia, poupou-se à morte da vergonha, que é uma morte inventada pelo visconde de A. Garrett no Fr. Luís de Sousa, e à morte da paixão, que é outra morte inventada pelos namorados nas cartas despeitosas, e que não pega nos maridos a quem o século dotou de sábias filosofia, filosofia grega ou romana, porque bem sabem que os filósofos da antiguidade davam por mimo as mulheres aos seus amigos, quando os seus amigos por favor lhas não tiravam.

Pois o médico não morreu, nem sequer desmedrou ou levou de significativo a preocupação do ânimo, insensível às amenidades da terapêutica.

A mulher, inquestionavelmente muito mais alquebrada e valetudinária que o seu amante, lavada em lágrimas, morta de saudades, sem futuro, sem esperanças, sem voz humana que a consolasse, entrou na liteira, e chegou ao Porto, onde procurou o corregedor do crime para entregar-lhe uma carta do doutor Domingos Botelho. Uma parte desta carta dizia assim:

«Deste-me notícia de uma filha que eu não conhecia, nem reconheço. A mãe desta senhora está no Faial, para onde ela vai. Prepara tu, ou manda preparar, o seu transporte para Lisboa, e encarrega ali alguém de correr com a passagem dela para os Açores no primeiro navio. A mim me darás contas das despesas. O meu filho Manuel teve ao menos a virtude de não matar ninguém para se constituir amante. Do modo como correm os tempos, muito virtuoso é o rapaz que não mata o marido da mulher que ama. Vê se consegues do general, que está aí, perdão para o rapaz que é desertor de cavalaria seis, e me consta que está escondido em casa de um parente. Enquanto a Simão, creio que não é possível salvá-lo do degredo temporário. É uma lança em África livrá-lo da forca. Em Lisboa movem-se

grandes potências contra o desgraçado, e eu estou malvisto do intendente-geral por abandonar o lugar., etc.»

Partiu para Lisboa a açoriana, e dali para a sua terra, e para o abrigo da sua mãe, que a julgava morta, e lhe deu anos de vida, se não ditosa, sossegada e desiludida de quimeras.

Manuel Botelho, obtido o perdão pela preponderância do corregedor do crime, mudou de regimento para Lisboa, e aí permaneceu até que, falecido o seu pai, pediu baixa e voltou à província.

CAPÍTULO XVII

João da Cruz, no dia 4 de Agosto de 1805, sentou-se à mesa com triste aspeto e nenhum apetite do almoço.

— Não comes, João? — disse-lhe a cunhada.

— Não. Passa mais daqui o bocado — respondeu ele levando os dedos ao pescoço.

— Que tens?

— Tenho saudades da rapariga. Dava agora tudo quanto tenho para a ver aqui ao pé de mim, com aqueles olhos que pareciam ir direitos aos desgostos que um homem tem no seu interior. Mal hajam as desgraças da minha vida, que ma fizeram perder, Deus sabe se por pouco tempo, se para sempre! Se eu não tivesse dado o tiro ao almocreve, não ficaria em obrigação para com o corregedor, e nem me importaria que o filho dele vivesse ou morresse.

— Mas se tens saudades — atalhou a senhora Josefa — manda buscar a rapariga, tem-la cá algum tempo, e manda-a depois outra vez para servir o senhor Simão.

— Isso não é de homem que põe navalha na cara, Josefa. O rapaz, se ela lhe falta, morre de pasmo dentro daqueles ferros. Isto é maluqueira que me deu hoje. Sabes que mais? Raios partam o dinheiro: amanhã vou ao Porto.

— Pois isso é o que deves fazer.

— Está dito. Quem cá ficar que o ganhe. Vão-se os anéis e fiquem os dedos. Por ora, tem-se resistido a tudo com meu braço. A rapariga, se ficar com menos , há de se arranjar. Assim o quer, assim o tenha.

Reanimou-se a fisionomia do mestre ferrador, e os empeços da garganta iam-se removendo à medida que planeava a sua ida ao Porto.

Acabara de almoçar, e ficara cismático, encostado à mesa do escano.

— Ainda estás a pensar? — perguntou Josefa.

— Parece coisa do demónio, mulher! A rapariga estará doente ou morta?

— Anjo bento da Santíssima Trindade — exclamou a cunhada, erguendo as mãos. — Que dizes, João?

— Estou cá negro por dentro como aquela sertã!(*)

[(*) espécie de frigideira larga e pouco funda]

— Isso é ansiedade, homem! Vai tomar ar, trabalha um pouco para desanuviares.

João da Cruz foi até à oficina e começou a atarracar cravos na bigorna.

Alguns conhecidos tinham passado, conversando com ele como costumavam fazer, e acharam-no taciturno e nada para graças.

— Que tens, João? — dizia um.

— Não tenho nada. Vai à tua vida e deixa-me, que não estou para lérias.

Outro parava e dizia:

— Guarde-o Deus, senhor João.

— E a vossemecê também. Que novidade tem?

— Não sei de nada.

— Pois então vá com a nossa Senhora, que eu estou cá de candeias às avessas.(*)

[(*) De candeias às avessas – expressão semelhante ao de “maluco do juízo”]

O ferrador largava o martelo; sentava-se aos poucos no tronco, e coçava a cabeça com frenesi. Depois recomeçava novamente, e tão alheado o fazia, que estragava o cravo ou martelava os dedos.

— Isto é coisa do Diabo! — exclamou ele; e foi à cozinha procurar a garrafa de vinho, que emborcou como qualquer fidalgo elegante de paixões etéreas se aturde com o absinto. — Hei de afogar-te, coisa má, que me estás a apertar a alma! — continuou o ferrador, sacudindo os braços, e batendo o pé no soalho.

Voltou à oficina ao mesmo tempo que um viajante ia a passar sobre a sua possante mula. Envolvia-se o cavaleiro num amplo capote à moda espanhola, sem embargo da calma que fazia. Viam-se-lhe as botas de couro cru, com

esporas amarelas afiveladas, e o chapéu derrubado sobre os olhos.

— Ora viva! — disse o passageiro.

— Viva! — respondeu mestre João, relanceando os olhos pelas quatro patas da mula, a ver se tinha obra em que entreter o espírito. — A mula é de boa raça!

— Não é má. Vossemecê é que é o senhor João da Cruz?

— Para o servir.

— Venho aqui pagar-lhe uma dívida.

— A mim? O senhor não me deve nada, que eu saiba.

— Não sou eu que devo; é o meu pai, e ele foi que me encarregou de lhe pagar.

— E quem é o seu pai?

— O meu pai era um recoveiro de Carção, chamado Bento Machado.

Proferida metade destas palavras, o cavaleiro afastou rapidamente as mangas do capote e desfechou um tiro de bacamarte no peito do ferrador.

O assassino teria dado cinquenta passos a todo o galope da espantada mula, quando João da Cruz, debruçado sobre o banco, arrancava o último suspiro com a cara posta no chão, de onde apontara ao peito do almocreve dez anos antes.

Os caminheiros, que passaram pelo cavaleiro inadvertidamente, ajuntaram-se em redor do cadáver. Josefa acudiu ao estrondo do tiro, e já não ouviu as últimas palavras do seu cunhado. Quis transportá-lo para dentro, e correu a chamar o cirurgião; mas um cirurgião estava no ajuntamento e chegou apenas para declarar morto o homem.

— Quem o matou? — exclamaram trinta vozes ao mesmo tempo.

Nesse mesmo dia vieram justiças de Viseu levantar o inquérito e analisar suspeitas: nenhum indício lhes deu o fio do misterioso assassínio. O escrivão inventariou os objetos encontrados, e fechou as portas quando os sinos tocaram o derradeiro dobre ao cair do pano sobre João da Cruz.

Deus terá descontado nos instintos sanguinários do teu temperamento a nobreza da sua alma! Pensando nas incoerências da tua índole, homem que me explicas a providência, assombram-me as caprichosas antíteses que a mão de Deus infunde em alentos na criatura. Dorme o teu sono infinito, se nenhum outro tribunal te cita a responder pelas vidas que tiraste, e pelo que fizeste. Mas, se há estância de castigo e de misericórdia, as lágrimas da tua filha terão sido, na presença do Juiz Supremo, os teus merecimentos.

Josefa escreveu a Mariana, noticiando-lhe a morte do seu pai, mas mandou a carta a Simão Botelho, para maior segurança. Estava Mariana no quarto do preso, quando a carta lhe foi entregue.

— Não conheço a letra, Mariana. E o selo é preto.

Mariana examinou o sobrescrito, e empalideceu.

— Eu conheço a letra — disse ela — é do Joaquim da Loja. Abra, depressa, senhor Simão. O meu pai estará mal?

— Que te foste lembrar! Pois não recebeste ainda há três dias uma carta dele? E não disse que estava bom?

— Isso que tem? Veja quem assina.

Simão procurou a assinatura, e disse:

— Josefa Maria! É a tua tia que te escreve.

— Leia. leia. Que diz ela? Deixe-me ler.

O preso lia mentalmente, e Mariana instou:

— Leia alto, por quem é, senhor Simão, que estou a tremer e a vossa senhoria treme. Que é, meu Deus?

Simão deixou cair a carta, e sentou-se prostrado empalecido. Mariana correu a levantar a carta, e ele, tomando-lhe a mão, murmurou:

— Pobre amigo! Choremo-lo ambos. choremo-lo, Mariana, que o amávamos como filhos.

— Morreu? — gritou ela.

— Morreu. Mataram-no!

A rapariga expediu um grito estrídulo, e foi com o rosto contra o ferro das grades. Simão inclinou-a contra o seu peito, e disse-lhe com muita ternura e veemência:

— Mariana, lembra-te da tua força. As últimas palavras do seu pai deviam ser vingar-se do desgraçado que recebeu das suas mãos benfeitoras o pão da vida. Mariana, minha querida irmã, vence a dor que te pode matar, e vence-a por amor a mim. Ouve-me, amiga da minha alma.

Mariana exclamou:

— Deixe-me chorar, por caridade! Ai! meu Deu. Volto a endoidecer!

— E que seria de mim! — atalhou Simão — Quem me deixarias para me suavizar este martírio? Quem me levaria ao desterro uma palavra amiga que me levasse a crer em Deus! Não hás de enlouquecer, Mariana, porque eu sei que me estimas, que me amas e que afrontarás com coragem a maior desgraça que ainda pode levar-me ao Inferno! Chora, minha irmã, chora; mas vê-me através das tuas lágrimas!

CAPÍTULO XVIII

Mariana, decorridos dias, foi a Viseu recolher a herança paterna. Em proporção com o seu nascimento e condição, bem dotada a deixara o laborioso ferrador. Para além dos campos, cujo rendimento bastaria para a sua sustentação, Mariana levantou a laje conhecida da lareira, e achou os quatrocentos mil réis com que João da Cruz contava para alimentar as regalias da sua decrepitude inerte. Vendeu Mariana as terras e deixou a casa à sua tia, que nascera nela, e onde o seu pai casara.

Liquidada a herança, voltou para o Porto, e depositou o seu dote nas mãos de Simão Botelho, dizendo que receava ser roubada na casinha em que vivia, fronteira à Relação, na Rua de S. Bento.

— Porque é que vendeste as tuas terras, Mariana? — perguntou o preso.

— Vendi-as, porque não tenho intenções de lá voltar.

— Não tens? E para onde hás de ir, Mariana, se eu for degredado? Ficas no Porto?

— Não, senhor, não fico — balbuciou ela como admirada dessa pergunta, à qual o seu coração julgava ter respondido há muito.

— Pois então?

— Vou para o degredo, se vossa senhoria me quiser na sua companhia.

Fingindo-se surpreendido, Simão pareceria ridículo se se visse com seus próprios olhos.

— Esperava essa resposta, Mariana, e sabia que não me dava outra. Mas tens ideia do que é o degredo, minha amiga?

— Tenho ouvido dizer muitas vezes sobre o que é, senhor Simão. É uma terra mais quente que a nossa; mas também há lá pão, vive-se.

— E morre-se abrasado ao sol doentio daquele céu, morre-se de saudades da pátria, morre-se muitas vezes dos

maus tratos dos governadores das galés, que têm um condenado por conta.

— Não há de ser tão mau assim. Eu tenho perguntado muito sobre isso à mulher de um preso que cumpriu dez anos de sentença na Índia, e viveu muito bem numa terra chamada Solor, onde teve uma tenda; e, se não fossem as saudades, diz ela que não vinha, porque lhe corria por lá melhor a vida que por cá. Eu, se for por vontade do senhor Simão, hei de abrir uma lojinha também. Verá como eu amanho a vida. Afeita ao calor estou eu; vossa senhoria não está; mas não há de ter problemas, se Deus quiser, de andar ao sol.

— E supõe, Mariana, que morro no degredo?

— Não falemos nisso, senhor Simão.

— Falemos, minha amiga, porque eu hei de sentir à hora da morte, a pesar-me na alma, a responsabilidade do seu destino. E se eu morrer?

— Se o senhor morrer, eu saberei morrer também.

— Ninguém morre quando quer, Mariana.

— Oh! Claro que morre! e também se vive também quando se quer. Não mo disse já a senhora D. Teresa?

— Que lhe disse ela?

— Que estava a morrer quando a vossa senhoria chegou ao Porto, e que a sua chegada lhe deu vida. Pois há muita gente assim, senhor Simão. A fidalga é fraquinha, e eu sou mulher do campo, habituada a todos os trabalhos; e, se fosse preciso meter uma faca ao braço e deixar correr o sangue até morrer, fazia-o sem hesitação.

— Ouve-me, Mariana: que esperas de mim?

— Que hei de eu esperar! Porque me pergunta isso senhor Simão?

— Os sacrifícios que tens feito e queres fazer por mim só podiam ter uma paga, embora os não faças à espera de uma recompensa. Abre-me o teu coração, Mariana.

— Que quer que eu lhe diga?

— Conheces a minha vida tão bem como eu, não é verdade?

— Conheço, e que tem isso?

— Sabes que eu estou ligado pela vida e pela morte àquela desgraçada senhora?

— E daí? Quem lhe diz menos disso?

— Os teus sentimentos do coração só os posso agradecer com amizade.

— E eu já lhe pedi mais alguma coisa, senhor Simão?

— Não me pediste, Mariana; mas obrigas-me tanto, que me fazes mais infeliz o peso da obrigação.

Mariana não respondeu; chorou.

— E porque choras? — disse Simão carinhosamente.

— Isso é ingratidão. E eu não mereço que me diga que o faço infeliz.

— Não me compreendeste. Sou infeliz por não te poder fazer minha mulher. Eu queria que pudesse dizer: «Sacrifiquei-me pelo meu marido; no dia em que o vi ferido em casa do meu pai, velei as noites ao seu lado; quando a desgraça o encerrou entre ferros, dei-lhe o pão que nem os seus ricos pais lhe davam; quando o vi sentenciado à forca, endoideci; quando a luz da minha razão tornou-me num

raio de compaixão divina, corri ao segundo cárcere, alimentei-o, vesti-o, e adornei-lhe as paredes nuas da sua cela; quando o desterraram, acompanhei-o, fiz-me a pátria daquele pobre coração, trabalhei à luz do sol homicida para ele se resguardar do clima, do trabalho, e do desamparo, que o matariam.»

O espírito de Mariana não se podia altear à expressão do preso; mas o coração adivinhava-lhe as ideias. E a pobre rapariga sorria e chorava ao mesmo tempo. Simão continuou:

— Tens vinte e seis anos, Mariana. Vive, pois a tua existência não pode ser um suplício oculto. Vive, que não deves dar tudo a quem te não pode restituir senão as lágrimas que eu te tenho custado. O tempo do meu desterro não pode estar longe; esperar outro melhor destino seria uma loucura. Se eu ficasse na pátria, livre ou preso, pediria à minha irmã que completasse a obra generosa da tua compaixão, esperando que eu te desse a última palavra da minha vida. Mas não vás comigo à África ou à Índia, que sei que voltarás sozinha à pátria depois de eu fechar os olhos. Se o meu degredo for temporário, e a

morte me guardar para maiores naufrágios, voltarei à pátria um dia. É preciso que aqui esteja para eu poder dizer que venho para minha família, que tenho aqui uma alma extremosa que me espera. Se te encontrar com marido e filhos, a tua família será a minha. Se te vir livre e só, irei para a companhia da minha irmã. Que me respondes, Mariana?

A filha de João da Cruz, erguendo os olhos do pavimento, disse:

— Eu verei o que hei de fazer quando o senhor Simão partir para o degredo.

— Pensa desde já, Mariana.

— Não tenho que pensar. A minha intenção está feita.

— Fala, minha amiga; diz-me qual é a tua intenção.

Mariana hesitou alguns segundos, e respondeu serenamente:

— Quando eu vir que não lhe sou precisa, acabo com a vida. Cuida que eu preciso de muitas razões para me matar? Não tenho pai, não tenho ninguém, a minha vida

não faz falta a pessoa nenhuma. O senhor Simão pode viver sem mim? Paciência! Eu é que não posso.

Susteve o complemento da ideia como quem comete uma ousadia. O preso apertou-a nos braços estremecidamente, e disse:

— Irás, irás comigo, minha irmã. Pensa muito no infortúnio de nós ambos de agora em diante, que ele é comum; é um veneno que havemos de tragar unidos, e lá teremos uma sepultura de terra tão pesada como a da pátria.

Desde esse dia, um secreto júbilo endoideceu o coração de Mariana. Não inventemos maravilhas de abnegação. Era de mulher o coração de Mariana. Amava como a fantasia se compraz de idear o amor de uns anjos que batem as asas de baile em baile, e apenas param o tempo preciso para se fazerem ver e adorar para um reflexo de poesia apaixonada. Amava, e tinha ciúmes de Teresa, não ciúmes que se refrigeram na expansão ou no despeito, mas infernos surdos, que não rompiam em lavareda aos lábios, porque os olhos abriam-se prontos em lágrimas para apagá-la. Sonhava com as delícias do desterro, porque nenhuma

voz humana iria lá gemer à cabeceira do amado. Se a forçassem a resignar a sua inglória missão de irmã daquele homem, resigná-la-ia, dizendo: — «Ninguém o amará como eu; ninguém lhe adoçará as penas tão desinteresseiramente como o eu fiz.»

E, contudo, nunca vacilou em aceitar da mão de Teresa ou da mendiga as cartas dirigidas a Simão. A cada vinco de dor que a leitura daquelas cartas sulcava na fronte do preso, Mariana, que o espreitava disfarçada, tremia em todas as fibras do seu coração, e dizia para si mesma: «Para que há de aquela senhora amargurar-lhe a vida?»

***

E enquanto isso amargurava acerbamente a desditosa menina no convento!

Ressurgiram naquela alma esperanças, que não deviam durar além do tempo necessário para que a desilusão lhe acrisolasse o infortúnio. Imaginara ela a liberdade, o perdão, o casamento, a aventura, a coroa do seu martírio. As suas amigas matizavam-lhe a tela da fantasia, umas porque não conheciam a atroz realidade das coisas, outras

porque fiavam em demasia nas orações das virtuosas do mosteiro. Se os vaticínios das profetisas se realizassem, Simão sairia da cadeia, Tadeu de Albuquerque morreria de velhice e de raiva, o casamento seria um acto indisputável, e o céu dos desgraçados principiaria neste mundo.

Porém Simão Botelho, ao cabo de cinco meses de cárcere, já sabia o seu destino, e achara útil prevenir Teresa, para não sucumbir ao inevitável golpe da separação. Bem queria ele iluminar com esperanças a perspetiva negra do desterro; mas froixos e frios eram os alívios em que não era parte a convicção nem o sentimento. Teresa não podia sequer iludir-se, porque tinha no peito um despertador que a estava acordando sempre para a hora final, embora o rosto enganasse a condolência dos estranhos.

E, então, era o expandir-se em lástimas nas cartas que escrevia ao seu amado; invocações a Deus, e sacrílegas apóstrofes ao destino; branduras de paciência e ímpetos de cólera contra o pai; o aferro à vida que lhe foge, e súplicas à morte, que a não livra das torturas da alma e do corpo.

Ao fim de sete meses o tribunal de segunda instância comutou a pena última em dez anos de degredo para a

Índia. Tadeu de Albuquerque acompanhou a Lisboa a apelação, e ofereceu a sua casa a quem mantivesse de pé a forca de Simão Botelho. O pai do condenado, segundo o assustador aviso que o seu filho Manuel lhe dera, foi para Lisboa lutar com dinheiro e as poderosas influências que Tadeu de Albuquerque granjeara na Casa da Suplicação e no Desembargo do Paço. Venceu Domingos Botelho, e, instigado mais do seu capricho que do amor paternal, alcançou do príncipe regente a graça de cumprir o condenado a sua sentença na prisão de Vila Real.

Quando intimaram a Simão Botelho a decisão de recurso e a graça do regente, o preso respondeu que não aceitava a graça; que queria a liberdade do degredo; que protestaria perante os poderes judiciários contra um favor que não implorara, e que reputava mais atroz que a morte.

Domingos Botelho, avisado da rejeição do filho, respondeu que fizesse ele a sua vontade; mas que a sua vitória dele sobre os protetores e os corrompidos pelo ouro do fidalgo de Viseu estava plenamente obtida.

Foi avisado o intendente-geral da polícia, e o nome de Simão Botelho foi inscrito no catálogo dos degredados para

a Índia.

CAPÍTULO XIX

A verdade é algumas vezes o destino de um romance. Na vida real, recebemo-la como ela sai dos encontrados casos, ou da lógica implacável das coisas; mas, na novela, custa-nos a sofrer que o autor, se inventa, não invente melhor; e, se copia, não minta por amor da arte.

Um romance que decorre da verdade o seu merecimento é frio, é impertinente, é uma coisa que não sacode os nervos, nem tira a gente, nem sequer uma temporada, enquanto ele nos lembra, deste jogo de nora, cujos alcatruzes somos, uns a subir, outros a descer, movidos pela manivela do egoísmo.

A verdade! Se ela é feia, para quê oferecê-la em painéis ao público!?

A verdade do coração humano! Se o coração humano tem filamentos de ferro que o prendem ao barro de onde saiu, ou pesam nele e o submergem no charco da culpa primitiva, para que é emergi-lo, retratá-lo e pô-lo à venda!?

Os reparos são de quem tem o juízo no seu lugar; mas, pois que eu perdi o meu a estudar a verdade, já agora a desforra que tenho é pintá-la como ela é, feia e repugnante.

A desgraça afervora, ou quebra o amor?

Isso é que eu submeto à decisão do leitor inteligente. Factos e não teses é que eu não trago para aqui. O pintor retrata uns olhos, e não explica as funções óticas do aparelho visual.

***

Ao cabo de dezanove meses de cárcere, Simão Botelho almejava um raio de sol, uma lufada de ar não coada pelos ferros, o pavimento do céu, pois o da abóboda do seu cubículo pesava-lhe sobre o peito.

Ânsia de viver era a sua; não era já a ânsia de amar.

Seis meses de sobressaltos diante da forca deviam distender-lhe as fibras do coração; e o coração para o amor quer-se forte e tenso, de uma certa rijeza, que se ganha com o bom sangue, com os anseios das esperanças, e com as alegrias que o enchem e reforçam para os reveses.

Caiu a forca pavorosa dos olhos de Simão; mas os pulsos ficaram em ferros, o pulmão ao ar mortal das cadeias, o espírito entanguido na glacial estupidez de umas paredes salitrosas, e de um pavimento que ressoa os derradeiros passos do último padecente, e de um teto que filtra a morte a gotas de água.

O que é o coração, o coração dos dezoito anos, o coração sem remorsos, o espírito anelante de glórias, ao cabo de dezoito meses de estagnação da vida?

O coração é a víscera, ferida de paralisia, a primeira que falece sufocada pelas rebeliões da alma que se identifica à natureza, e a quer, e se devora na ânsia dela, e se estorce nas agonias da amputação, para as quais a saudade da ventura extinta é um cautério em brasa; e o amor, que leva ao abismo pelo caminho da sonhada felicidade, não é sequer um refrigério.

Ao deslaçar da garganta a corda da justiça, Simão Botelho teve uma hora de desafogo, como que sentia o patíbulo lascar entre os seus braços, e então convidou o coração da mulher que o perdera a assistir às segundas núpcias da sua vida com a esperança.

Depois, a passo igual, a esperança fugia-lhe para as areias da Ásia, e o coração entumecia-se de fel, o amor afogava-se nele, morte inevitável, quando não há abertura por onde a esperança entre a luzir na escuridão íntima.

Esperança para Simão Botelho, qual?

A Índia, a humilhação, a miséria, a indigência.

E os anelos daquela alma tinham mirrado as ambições de um nome. Para a felicidade do amor envidava as forças do talento; mas, além do amor, estava a glória, o renome e a vã imortalidade, que só não é demência nas grandes almas e nos génios que se sentem previver nas gerações vindouras.

Mas grinaldas de amor a escorrerem sangue dos espinhos, essas infiltram veneno corrosivo no pensamento, apagam no seio a faísca das nobres ousadias, apoucam a ideia que abrangera mundos, e paralisam de mortal espasmo os estos do coração.

Assim te sentias tu, infeliz, quando dezoito meses de cárcere, com o patíbulo ou degredo na linha do teu porvir, te tinham matado o melhor da alma.

A ti mesmo perguntavas pelo teu passado, e o coração, ousava-se responder, retraía-se, recriminado pelos ditames da razão.

De além, daquele convento onde outra existência agonizava, gementes queixas te vinham espremer fel na chaga; e tu, que não sabias nem podias consolar, pedias palavras ao anjo da compaixão para ela, e recebias as do demónio do desespero para ti.

Os dez anos de ferros em que lhe quiseram minorar a pena, eram-lhe mais horrorosos que o patíbulo. E aceitá-los-ia, por ventura, se amasse o Céu, onde Teresa bebia o ar, que nos pulmões se lhe formava em peçonha? Creio: antes a masmorra, onde pode se ouvir o som abafado de uma voz amiga; antes os paroxismos de dez anos sobre as lajes húmidas de uma enxovia, se, na hora extrema, a última faísca da paixão, ao bruxulear para morrer, nos ilumina o caminho do Céu por onde o anjo do amor desditoso se levantou a dar conta de si a Deus, e a pedir a alma do que ficou.

Teresa pediu a Simão que aceitasse dez anos de cadeia, e esperasse aí a sua redenção por ela.

«Dez anos! — dizia-lhe a enclausurada de Monchique. — Em dez anos terá morrido o meu pai e eu serei tua esposa, e irei pedir ao rei que te perdoe, se não tiveres cumprido a sentença. Se vais para o degredo, perder-te-ei para sempre, Simão, porque morrerás ou não te lembrarás de mim, quando voltares.»

Como a pobre se iludia nas horas em que as débeis forças de vida se lhe concentravam no coração!

As ânsias, a lividez, o deperecimento tinham voltado. O sangue, que criara de novo, já lhe saía em golfadas com a tosse.

Se por amor ou piedade o condenado aceitasse os ferrolhos três mil seiscentas e cinquenta vezes corridos sobre as suas longas noites solitárias, nem assim Teresa susteria a pedra sepulcral que a vergava de hora a hora.

«*Não esperes nada, mártir* — escrevia-lhe ele. — *A luta com a desgraça é inútil, e eu não posso já lutar. Foi um atroz engano o nosso encontro. Não temos nada neste mundo. Caminhemos ao encontro da morte. Há um segredo que só no sepulcro se sabe. Ver-nos-emos?*

Vou para o degredo. Abomino a pátria, abomino a minha família; todo este solo está aos meus olhos coberto de forcas, e quando os homens falam a minha língua, creio que os ouço vociferar as imprecações do carrasco. Em Portugal, nem a liberdade com a opulência; nem já agora a realização das esperanças que me dava o teu amor, Teresa!

Esquece-te de mim, e adormece no seio do nada. Eu quero morrer, mas não aqui. Apague-se a luz dos meus olhos; mas a luz do céu, quero-a! Quero ver o céu no meu último olhar.

Não me peças que aceite dez anos de prisão. Tu não sabes o que é o cativo de dez anos! Não compreendes a tortura dos meus vinte meses. A voz única que tenho ouvido é a da mulher piedosa que me esmola o pão de cada dia, e a do guarda que me veio dar a sarcástica boa nova de uma graça real, que me comuta o morrer instantâneo da forca pelas agonias de dez anos de cárcere.

Salva-te, se poderes, Teresa. Renuncia ao prestígio de um grande desgraçado. Se o teu pai te chama, vai. Se tem de renascer para ti uma aurora de paz, vive para a felicidade desse dia. E, senão, morre, Teresa, que a felicidade é a morte, é o desfazerem-se em pó as fibras laceradas pela

dor, é o esquecimento que salva das injúrias a memória dos padecentes».

As palavras únicas de Teresa, em resposta àquela carta, significativa da turbação do infeliz, foram estas:

«Morrerei, Simão, morrerei. Perdoa tu o meu destino. Perdi-te. Bem sabes que sorte eu queria dar-te... mas morrerei, porque não posso, nem poderei jamais resgatar-te. Se podes, vive; não te peço que morras, Simão; quero que vivas para me chorares. Consolar-te-á o meu espírito. Estou tranquila. Vejo a aurora da paz. Adeus até ao Céu, Simão.»

Seguiram-se a esta carta muitos dias de terrível taciturnidade. Simão Botelho não respondia às perguntas de Mariana. Di-lo-íeis arroubado nas voluptuosas angústias do seu próprio aniquilamento. A criatura posta por Deus ao lado daqueles dezoito anos tão atribulados chorava; mas as lágrimas, se Simão as via, tiravam-no da mudez sossegada para ímpetos de aflição, que afinal o extenuavam.

Decorreram ainda seis meses.

E Teresa vivia, dizendo às suas consternadas companheiras que sabia ao certo o dia do seu trespasse.

Duas primaveras vira Simão Botelho pelas grades do seu cárcere. A terceira já enflorava as hortas, e esverdeava as florestas do Candal.

Era em Março de 1807.

No dia 10 desse mês, recebeu o condenado intimação para sair na primeira embarcação que levantava âncora do Douro para a Índia. Nesse tempo vinham aqui os navios buscar os degredados, e recebiam em Lisboa os que tinham igual destino.

Nenhum estorvo impedia o embarque de Mariana, que se apresentou ao corregedor do crime como criada do degredado, com passagem paga pelo seu amo.

— E a passagem vale-a bem! — disse o galhofeiro magistrado.

Simão assistiu ao encaixotar da sua bagagem, numa quietação terrível, como se ignorasse o seu destino.

Quis muitas vezes escrever a derradeira carta à moribunda Teresa, e nem sinal de lágrimas podia já enviar-lhe no papel.

— Que trevas, meu Deus! — exclamava ele, e arrancava a mãos-cheias os cabelos. — Dai-me lágrimas, Senhor! Deixai-me chorar, ou matai-me, que este sofrimento é insuportável!

Mariana contemplava estarrecida estes e outros lances de loucura, ou os não menos medonhos da letargia.

— E Teresa! — gritava ele, surgindo subitamente do seu espasmo. — E aquela infeliz menina que eu matei! Não hei de vê-la mais, nunca mais! Ninguém me levará ao degredo a notícia da sua morte! E, quando eu a chamar para que me veja morrer digno dela, quem te dirá que eu morri?

CAPÍTULO XX

A 17 de Março de 1807, saiu dos cárceres da Relação Simão António Botelho, e embarcou no cais da Ribeira, com setenta e cinco companheiros. O filho do ex-corregedor de Viseu, a pedido do desembargador Mourão Mosqueira, e por ordem do regedor das justiças, não ia amarrado com cordas ao braço de algum companheiro. Desceu da cadeia ao embarque, ao lado de um meirinho, e seguido de Mariana, que vigiava as caixas da bagagem. O magistrado, fiel amigo de D. Rita Preciosa, foi a bordo da nau, e recomendou ao comandante que distinguisse o condenado Simão, consentindo-o na tolda, e sentando-o à sua mesa. Chamou Simão de parte, e deu-lhe um cartucho de dinheiro em ouro, que a sua mãe lhe enviava. Simão Botelho aceitou o dinheiro, e, na presença de Mourão Mosqueira, pediu ao comandante que fizesse distribuir pelos seus companheiros de degredo o dinheiro que lhe dava.

— O senhor Simão está demente? — disse o desembargador.

— Tenho a demência da dignidade: por amor da minha dignidade me perdi; quero agora ver a que extremo de infortúnio ela pode levar os seus amantes. A caridade só não me humilha quando parte do coração e não do dever. Não conheço a pessoa que me remeteu este dinheiro.

— É a sua mãe — disse Mosqueira.

— Não tenho mãe. Quer a vossa excelência remeter-lhe esta esmola rejeitada?

— Não, senhor.

— Então, senhor comandante, cumpra o que lhe peço, ou eu atiro com isto ao rio.

O comandante aceitou o dinheiro, e o desembargador saiu de bordo como espantado da sinistra condição do rapaz.

— Onde é Monchique? — perguntou Simão a Mariana.

— É para além, senhor Simão — respondeu, indicando-lhe o mosteiro, que se debruça sobre a margem do Douro, em Miragaia.

Cruzou os braços Simão, e viu, através do gradeamento do miradouro (*), um vulto.

[(*)NOTA DO AUTOR: Quando escrevi este livro, ainda existia o miradouro. Agora, lá, ou aí por perto, está um salão de baile em que dançam, nos dias santificados, marujos e as damas correspondentes.]

Era Teresa.

Na véspera recebera ela o adeus de Simão, e respondera enviando-lhe a trança dos seus cabelos.

Ao anoitecer daquele dia, pediu Teresa os sacramentos, e comungou à grade do coro, onde se foi amparando à sua criada. Parte das horas da noite passou-as sentada ao pé do santuário da sua tia, que toda a noite orou. Algumas vezes pediu que a levassem à janela que se abria para o mar, e não sentia ali a brisa fria. Conversava serenamente com as freiras, despedira-se de todas, uma a uma, indo pelo seu pé às celas das senhoras entrevadas para lhes dar o beijo da despedida.

Todas tentaram reanimá-la, e Teresa sorria, sem responder aos piedosos artifícios com que as boas almas a si mesmas queriam simular esperanças. Ao abrir da manhã, Teresa leu uma a uma as cartas de Simão Botelho. As que tinham sido escritas nas margens do Mondego enterneciam-na a copiosas lágrimas. Eram hinos à felicidade prevista: eram tudo que mais formoso pode dar o coração humano, quando a poesia da paixão dá cor ao pensamento, e uma formosa e inspirativa natureza lhe empresta os seus esmaltes. Então lhe acudiam vivas reminiscências daqueles dias: a sua alegria doida, as suas doces tristezas, esperanças a desvanecerem saudades, os mudos colóquios com a irmã querida de Simão, o céu aromático que se lhe alargava à aspiração sôfrega de vagos desejos, tudo, enfim, que lembra a desgraçados.

Emaçou depois as cartas, e cintou-as com fitas de seda desenlaçadas de raminhos de flores murchas, que Simão, dois anos antes, lhe atirara da sua janela ao quarto dela.

As pétalas das flores soltas quase todas se desfizeram, e Teresa, contemplando-as, disse: — «Como a minha vida.» —

e chorou, beijando os cálices desfolhados das primeiras que recebera.

Deu as cartas a Constança, e encarregou-a de uma ordem, a respeito delas, que logo veremos cumprida.

Depois foi orar, e esteve ajoelhada meia hora, com meio corpo inclinado sobre uma cadeira. Erguendo-se, quase tirada pela violência, aceitou uma xícara de caldo, e murmurou com um sorriso. — «Para a viagem.»

Às nove horas da manhã pediu a Constança que a acompanhasse ao miradouro, e, sentando-se em ânsias mortais, nunca mais desfitou os olhos da nau, que já estava de verga alta, esperando a leva dos degredados.

Quando viu, dois a dois, entrarem amarrados, no tombadilho, os condenados, Teresa teve um breve acidente, em que a já frouxa claridade dos olhos se lhe apagou, e as mãos convulsas pareciam querer aferrar a luz fugitiva.

Foi então que Simão Botelho a viu.

E ao mesmo tempo atracou à nau um bote em que vinha a pobre de Viseu, chamando Simão. Foi ele ao portaló, e, estendendo o braço à mendiga, recebeu o pacotinho das

suas cartas. Reconheceu ele que a primeira não era a sua, pela lisura do papel, mas não a abriu.

Ouviu-se a voz de levar âncora e largar amarras. Simão encostou-se à amurada da nau, com os olhos fitos no miradouro.

Viu agitar-se um lenço, e ele respondeu com o seu àquele aceno. Desceu a nau ao mar, e passou fronteira ao convento. Distintamente Simão viu um rosto e uns braços suspensos nas barras de ferro; mas não era Teresa aquele rosto: seria antes um cadáver que subiu da clausura ao miradouro, com os ossos da cara inchados ainda das herpes da sepultura.

— É Teresa? — perguntou Simão a Mariana.

— É senhor, é ela — disse num afogado gemido a generosa criatura, ouvindo o seu coração dizer-lhe que a alma do condenado iria breve no seguimento daquela por quem se perdera.

De repente aquietou o lenço que se agitava no miradouro, e viu Simão um movimento impetuoso de alguns braços, e o

desaparecimento de Teresa e do vulto de Constança, que ele depois reparara.

A nau parou defronte de Sobreiras. Uma nuvem no horizonte da barra e o súbito encapelamento das ondas causaram a suspensão da viagem anunciada pelo comandante. Em seguida, velejou da Foz uma catraia com o piloto-mor, que mandava lançar ferro até novas ordens. Mais tarde, adiou-se a viagem para o dia seguinte.

E, no entanto, Simão Botelho, como um cadáver embalsamado, cujos olhos artificiais rebrilham cravados e imotos num ponto, lá tinha os seus imersos na anterior escuridade do miradouro. Nenhum sinal de vida. E as horas passaram até que o derradeiro raio de sol se apagou nas grades do mosteiro.

Ao escurecer, voltou de terra o comandante, e contemplou, com os olhos embaciados de lágrimas, o desterrado, que contemplava as primeiras estrelas iminentes ao miradouro.

— Procura-a no Céu? — disse o marinheiro.

— Se a procuro no Céu! — repetiu maquinalmente Simão.

— Sim. No Céu deve ela estar.

— Quem, senhor?

— Teresa.

— Teresa! Morreu?

— Morreu, além, no miradouro, de onde ela estava a acenar.

Simão curvou-se sobre a amurada, e fitou os olhos na corrente de água.

O comandante lançou-lhe os braços e disse:

— Coragem, grande desgraçado, coragem! Os homens do mar também creem em Deus! Espere que o Céu se abra para si pelas súplicas daquele anjo!

Mariana estava um passo atrás de Simão, e tinha as mãos erguidas.

— Acabou-se tudo!.. — murmurou Simão — Eis-me livre, para a morte. Senhor comandante — continuou ele energicamente -, eu não me suicido. Pode deixar-me.

— Peço-lhe que se recolha à câmara. O seu beliche está ao pé do meu.

— É obrigatório recolher-me?

— Para vossa senhoria não há obrigações; há rogos: peço-lho, não mando.

— Vou, e agradeço a compaixão.

Mariana seguiu-o com aquele olhar quebrado e mavioso do Jau, quando o poeta desembarcava, segundo a ideia apaixonada do cantor de Camões.

Encarou nela Simão, e disse ao comandante:

— E esta infeliz?

— Que o siga. — respondeu o compassivo homem do mar.

Simão recolheu-se ao beliche, e o comandante sentou-se em frente dele, e Mariana ficou no escuro da câmara a chorar.

— Fale, senhor Simão! — disse o comandante — desafogue e chore.

— Chorei, senhor!

— Eu não tinha imaginado uma angústia igual à sua. A invenção humana não criou ainda um quadro tão atroz. Arrepiam-se-me os cabelos, e tenho visto espetáculos horríveis na terra e no mar.

Pacientemente, o comandante levava Simão ao desabafo. Não respondia o condenado. Ouvia os soluços de Mariana, e tinha os olhos postos no maço das cartas, que pusera sobre um banco.

O capitão prosseguiu:

— Quando em Miragaia me contaram a morte daquela senhora, pedi a uma pessoa relacionada no convento que me levasse a ouvir de alguma freira a triste história. Uma religiosa ma contou; mas eram mais os gemidos que as palavras. Soube que ela, quando descíamos na altura do Douro, proferia em alta voz: — «Simão, adeus até à eternidade!» E caiu nos braços de uma criada. A criada gritou, outras foram ao miradouro, e trouxeram-na meio morta para baixo, ou morta, melhor direi, que nenhuma palavra mais lhe ouviram. Depois contaram-me o que ela penara em dois anos e nove meses naquele mosteiro; o amor que ela lhe tinha, e as mil mortes que ali padeceu, de

cada vez que a esperança lhe morria. Que desgraçada menina, e que desgraçado rapaz o senhor é!

— Por pouco tempo. — disse Simão, como se o dissesse a si próprio, ou a própria imaginação estivesse a dialogar consigo mesmo.

— Creio, creio, por pouco tempo — prosseguiu o capitão —, mas se os amigos pudessem salvá-lo, senhor, eu dar-lhos-ia na Índia mais fiéis que em Portugal. Prometo-lhe, sob a minha palavra de honra, alcançar do vizo-rei a sua residência em Goa. Prometo segurar-lhe um decente princípio de vida, e as comodidades que fazem a existência tão saudável como ela é na Ásia. Não o intimide a ideia do degredo, senhor Simão. Viva, faça por vencer-se, e será feliz!

— O seu silêncio, por piedade, senhor. — atalhou o degredado.

— Bem sei que é cedo ainda para planear futuros. Desculpe a simpatia que me inspira a indiscrição, mas aceite um amigo nesta hora atribulada.

— Aceito, e preciso dele. Mariana! — chamou Simão — Vem aqui, se este cavalheiro o permite.

Mariana entrou no quarto.

— Esta mulher tem sido a minha providência — disse Simão. — Porque foi ela me que valeu, não senti a fome em dois anos e nove meses de cárcere. Tudo o que tinha vendeu para me sustentar e vestir. Aqui vai comigo esta criatura. Seja respeitável aos seus olhos, senhor, porque ela é tão pura como a verdade o deve ser nos lábios de um moribundo. Se eu morrer, senhor comandante, aceite o legado de a amparar com a sua caridade como se ela fosse minha irmã. Se ela quiser voltar à sua pátria, seja o seu protetor na passagem. — E, estendendo-lhe a mão, disse com transporte: — Promete-me isto, senhor?

— Juro-lho.

O comandante, obrigado a subir ao tombadilho, deixou Simão com Mariana.

— Estou tranquilo pelo teu futuro, minha amiga.

— Eu já o estava, senhor Simão — respondeu ela.

Não se trocaram palavras por muito tempo. Simão apoiou a face sobre a mesa, e apertou com as mãos as fontes lacrimantes. Mariana, de pé, ao lado dele, fitava os olhos na luz mortiça da lâmpada oscilante, e pensava, como ele, na morte.

E o nordeste sibilava, como um gemido, nas gáveas da nau.

CAPÍTULO XX

Às onze horas da noite o comandante recolhera-se num beliche de passageiro, e Mariana, sentada no pavimento, com o rosto sobre os joelhos, parecia sucumbir ao passar das trabalhosas e aflitivas horas daquele dia.

Simão Botelho velava prostrado no camarote, com os braços cruzados sobre o peito, e os olhos fitos na luz que balançava, pendente de um arame. O ouvido tê-lo-ia, talvez, atento para um assobio da ventania: devia de soar-lhe como um ai plangente aquele silvo agudo, voz única no silêncio da terra e céu.

À meia-noite estendeu Simão o braço trémulo ao maço das cartas que Teresa lhe enviara, e contemplou um pouco a que estava ao de cima, que era dela. Rompeu a fita, e dispôs-se no camarote para alcançar o baço clarão da lâmpada.

Dizia assim a carta:

«É já o meu espírito que te fala, Simão. A tua amada morreu. A tua pobre Teresa, à hora em que leres esta carta, se me Deus não engana, está em descanso.

Eu devia poupar-te a esta última tortura; não devia escrever-te; mas perdoa à tua esposa do Céu a culpa, pela consolação que sinto em conversar contigo a esta hora, hora final da noite da minha vida.

Quem te diria que eu morri, se não fosse eu mesma, Simão? Daqui a pouco, perderás da vista este mosteiro; correrás milhares de léguas, e não acharás, em parte alguma do mundo, voz humana que te diga: — A infeliz espera-te noutro mundo, e pede ao Senhor que te resgate.

Se te pudesses iludir, meu amor, quererias antes pensar que eu ficava com vida e com esperança de ver-te no regresso do teu degredo? Assim pode ser, mas, ainda agora, neste solene momento, domina-me a vontade de fazer-te sentir que eu não podia viver. Parece que a mesma infelicidade tem às vezes vaidade de mostrar que o é, até não podê-lo ser mais! Quero que digas: — Está morta, e morreu quando eu lhe tirei a última esperança.

Isto não é queixar-me, Simão; não é. Talvez eu pudesse resistir alguns dias à morte, se tu ficasses; mas, de um modo ou outro, era inevitável fechar os olhos quando se rompesse o último fio, este último que se está a partir, e eu mesma o oiço partir.

Não vão estas palavras acrescentar a tua pena. Deus me livre de ajuntar um remorso injusto à tua saudade.

Se eu pudesse ainda ver-te feliz neste mundo; se Deus permitisse à minha alma esta visão! Feliz, tu, meu pobre condenado! Sem o querer, meu amor agora te fazia injúria, julgando-te capaz de felicidade! Tu morrerás de saudade, se o clima do desterro não te matar ainda antes de sucumbires à dor do espírito.

A vida era bela, era, Simão, se a tivéssemos como tu ma pintavas nas tuas cartas, que li há pouco! Estou a ver a casa que tu a descrevias, perto de Coimbra, cercada de árvores, flores e aves. A tua imaginação passeava comigo nas margens do Mondego, à hora pensativa do escurecer. Estrelava-se o céu, e a lua abrilhantava a água. Eu respondia com a mudez do coração ao teu silêncio, e, animada pelo teu sorriso, inclinava a face ao teu peito,

como se fosse ao da minha mãe. Tudo isto li nas tuas cartas; e parece que cessa o despedaçar da agonia enquanto a alma se está a recordar. Noutra carta, falavas-me em triunfos e glórias e na imortalidade do teu nome. Também eu ia atrás da tua aspiração, ou à frente dela, porque o maior quinhão dos teus prazeres de espírito queria eu que fosse o meu. Era criança há três anos, Simão, e já entendia os teus anelos de glória, e imaginava-os realizados como obra minha, se me tu dizias, como disseste muitas vezes, que não serias nada sem o estímulo do meu amor.

Oh! Simão, de que céu tão lindo caímos! À hora que te escrevo, estás tu para entrar na nau dos degredados, e eu na sepultura.

Que importa morrer, se não podemos jamais ter nesta vida a nossa esperança de há três anos? Poderias tu com a desesperança e com a vida, Simão? Eu não podia. Os instantes do dormir eram os escassos benefícios que Deus me concedia; a morte é mais que uma necessidade, é uma misericórdia divina, uma bem-aventurança para mim.

E que farás tu da vida sem a tua companheira de martírio? Onde irás tu aviventar o coração que a desgraça te esmagou, sem o esquecimento da imagem desta dócil mulher, que seguiu cegamente a estrela da tua malfadada sorte?

Tu nunca hás de amar, pois não, meu esposo? Terias vergonha de ti mesmo, se alguma vez visses passar rapidamente a minha sombra à frente dos teus olhos enxutos? Sofre, sofre ao coração da tua amada estas derradeiras perguntas, a que tu responderás, no alto mar, quando esta carta leres.

Rompe a manhã. Vou ver a minha última aurora. A última dos meus dezoito anos!

Abençoado sejas, Simão! Deus te proteja, e te livre de uma agonia longa. Todas as minhas angústias Lhe ofereço em desconto das tuas culpas. Se algumas impaciências a justiça divina me condena, oferece tu a Deus, meu amigo, os teus padecimentos, para que eu seja perdoada.

Adeus! À luz da eternidade parece-me que já te vejo, Simão!»

Ergueu-se o degredado, olhou em redor de si e olhou com espasmo Mariana, que levantava a cabeça ao menor movimento dele.

— Que tem, senhor Simão? — disse ela, erguendo-se.

— Estavas aqui, Mariana? Não te vais deitar?

— Não vou; o comandante deu-me licença para ficar aqui.

— Mas há de assim passar a noite? Rogo-te que vás, porque não é necessário o teu sacrifício.

— Se o não incomodo, deixe-me aqui estar, senhor Simão.

— Fica então, minha amiga, fica. Poderei subir ao convés?

— Quer ir ao convés, senhor Botelho? — disse o comandante, lançando-se do beliche.

— Queria, senhor comandante.

— Iremos juntos.

Simão juntou a carta de Teresa ao maço das suas, e saiu a cambalear. No convés sentou-se num monte de cordas, e contemplou o miradouro de Monchique, que parecia negro no sopé da serra penhascosa em que atualmente fica a Rua da Restauração.

O capitão passeava da proa à ré, mas com o ouvido atento aos movimentos do degredado. Receara ele o propósito do suicídio, porque Mariana lhe incutira semelhante suspeita. Queria o marítimo dizer-lhe palavras consoladoras, mas pensava para si mesmo:

— «O que se há de dizer-se a um homem que sofre assim?» — E parava junto dele algumas vezes, como para desviar-lhe o espírito daquele miradouro.

— Eu não me suicido! — exclamou abruptamente Simão Botelho. — Se a sua generosidade, senhor capitão, se interessa em que eu viva, pode dormir descansado a sua noite, que eu não me suicido.

— Mas mereço-lhe eu a condescendência de descer comigo à câmara?

— Irei; mas eu lá sofro mais, senhor.

Não respondeu o comandante, e continuou a passear no convés, apesar das rajadas de vento.

Mariana estava agachada entre os pacotes da carga, a pouca distância de Simão. O comandante viu-a, falou-lhe, e retirou-se.

Às três horas da manhã, Simão Botelho segurou a testa entre as mãos, que se lhe abria abrasada pela febre. Não se conseguiu sentar, e deixou-se cair a meio corpo. A cabeça, ao declinar, pousou no seio de Mariana.

— O Anjo da compaixão sempre comigo! — murmurou ele. — Teresa foi muito mais desgraçada.

— Quer descer ao camarote? — disse ela.

— Não consigo. Ampara-me, minha irmã.

Deu alguns passos para a escadinha, e olhou ainda sobre o miradouro. Desceu a íngreme escada, apegando-se às cordas. Lançou-se sobre o colchão, e pediu água, que bebeu insaciavelmente. Seguiu-se a febre, o estorcimento, e as ânsias, com intervalos de delírio.

De manhã veio a bordo um médico, por convite do capitão. Examinando o condenado, disse que era febre maligna a doença, e bem podia ser que ele achasse a sepultura no caminho da Índia.

Mariana ouviu o prognóstico, e não chorou.

Às onze horas saiu a nau da marinha. Às ânsias da doença acresceram as do enjoo. A pedido do comandante, Simão bebia remédios, que vomitava logo, revoltos pelas contrações.

Ao segundo dia de viagem, Mariana disse a Simão:

— Se o meu irmão morrer, que hei de eu fazer àquelas cartas que vão na caixa?

Pasmosa serenidade a desta pergunta!

— Se eu morrer no mar — disse ele —, Mariana, atira ao mar todos os meus papéis, todos; e estas cartas que estão debaixo do meu travesseiro também.

Passada uma ânsia, que lhe embargava a voz, Simão continuou:

— Se eu morrer, que tencionas fazer, Mariana?

— Morrerei, senhor Simão.

— Morrerás? Tanta gente desgraçada que eu fiz.

A febre aumentava. Os sintomas da morte eram visíveis aos olhos do capitão, que tinha sobeja experiência de ver morrerem centenas de condenados, feridos da febre do mar, e desprovidos de medicamentos.

Ao quarto dia, quando a nau se movia ronceira defronte de Cascais, sobreveio uma súbita tempestade. O navio fez-se ao largo muitas milhas, e, perdido o rumo de Lisboa, navegou desnorteado. Ao sexto dia de navegação incerta, por entre espessas brumas, partiu-se o leme em frente de Gibraltar. E, em seguida ao desastre, aplacaram as refegas, desencapelaram-se as ondas, e nasceu, com a aurora do dia seguinte, um formoso dia de Primavera. Era o dia 27 de Março, o nono da enfermidade de Simão Botelho.

Mariana tinha envelhecido. O comandante, ao olhar para ela, exclamou:

— Parece que volta da Índia com os dez anos de trabalhos já passados!

— Já acabados. Decerto. — disse ela.

Ao anoitecer desse dia, o condenado delirou pela última vez, e dizia assim no seu delírio:

« A casa, perto de Coimbra, cercada de árvores, flores e aves. A tua imaginação passeava comigo nas margens do Mondego, à hora pensativa do escurecer. Estrelava-se o céu, e a lua abrilhantava a água. Eu respondia com a mudez do coração ao teu silêncio, e, animada pelo teu sorriso, inclinava a face ao teu peito, como se fosse ao da minha mãe.

De que céu tão lindo caímos. A tua amiga morreu. A tua pobre Teresa.

E que farás tu da vida sem a tua companheira de martírio? Onde irás tu aviventar o coração que a desgraça te esmagou. Rompe a manhã. Vou ver a minha última aurora. A última dos meus dezoito anos. Oferece a Deus os teus padecimentos, para que eu seja perdoada. Mariana.»

Mariana colou os ouvidos aos lábios roxos do moribundo, quando pensou ouvir o seu nome.

«Tu virás ter connosco; ser-te-emos irmãos no Céu. O mais puro anjo serás tu. Se és mesmo deste mundo, irmã; se és

mesmo deste mundo, Mariana.»

A transição do delírio para a letargia completa era o anúncio infalível do trespasse.

Ao romper da manhã apagou-se a lâmpada. Mariana saíra a pedir luz, e ouviu um gemido estertoroso. Voltando às escuras, com os braços estendidos para tatear a face do agonizante, encontrou a mão convulsa, que lhe apertou uma das suas, e relaxou de súbito a pressão dos dedos.

Entrou o comandante com uma lâmpada, e aproximou-lha da respiração, que não embaciou o vidro.

— Está morto! — disse ele.

Mariana curvou-se sobre o cadáver, e beijou-lhe a face. Era o seu primeiro beijo. Ajoelhou depois ao pé do beliche com as mãos erguidas e não orava nem chorava.

Algumas horas passadas, o comandante disse a Mariana:

— Agora é tempo de dar sepultura ao nosso venturoso amigo. É ventura morrer quando se vem a este mundo com tal estrela. Passe a senhora Mariana ali para a câmara, pois o defunto tem de ser levado daqui.

Mariana tirou o maço das cartas debaixo do travesseiro, e foi para uma caixa buscar os papéis de Simão. Atou o rolo ao avental, que ele tinha daquelas lágrimas dela, choradas no dia da sua demência, e prendeu o embrulho à cintura.

Foi o cadáver envolto num lençol, e transportado para o convés.

Mariana seguiu-o.

Do porão da nau foi trazida uma pedra, que um marujo lhe atou às pernas com um pedaço de cabo. O comandante contemplava a cena triste com os olhos húmidos, e os soldados que guarneciam a nau, tão funeral respeito os impressionara, que insensivelmente se descobriram.

Mariana estava, no entanto, encostada ao flanco da nau, e parecia estupidamente encarar aqueles empuxões que o marujo dava ao cadáver, para segurar a pedra na cintura.

Dois homens ergueram o morto ao alto sobre a amurada. Deram-lhe o balanço para o arremessarem para longe. E, antes que o baque do cadáver se fizesse ouvir na água, todos viram, e ninguém já pôde segurar Mariana, que se atirara ao mar.

À voz do comandante desamarraram rapidamente o bote, e saltaram homens para salvar Mariana.

Salvá-la!

Viram-na, um momento, bracejar, não para resistir à morte, mas para abraçar-se ao cadáver de Simão, que uma onda lhe atirou aos braços. O comandante olhou para o sítio de onde Mariana se atirara, e viu, enleado nas corda, o avental, e à flor da água, um rolo de papéis, que os marujos recolheram na lancha. Eram, como sabem, a correspondência de Teresa e Simão.

Da família de Simão Botelho vive ainda, em Vila Real de Trás-os-Montes, a senhora D. Rita Emília da Veiga Castelo Branco, a irmã predileta dele. A última pessoa falecida, há vinte e seis anos, foi Manuel Botelho, pai do autor deste livro.

FIM